

EMBAIXO
das velhas ESTRELAS

GUIDO VIARO



GUIDO VIARO

EMBAIXO *das velhas* ESTRELAS

1ª edição



ideale

curitiba . 2008

Capa

"Homem sem Rumo" de Guido Viaro

Foto capa

Juliano Sandrini

Projeto gráfico e diagramação

Ideale Comunicação e Design

Revisão

Marisa Karam Saltori

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Viaro, Guido, 1968

Embaixo das Velhas Estrelas / Guido Viaro. --

Curitiba : Ideale, 2008

240p. ; 12 x 18 cm

ISBN 978-85-61649-00-5

1. Literatura brasileira -- Paraná. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.35

EMBAIXO *das velhas* ESTRELAS

GUIDO VIARO

As camélias amarelas do caminho o fizeram parar. Olhou para elas e para o céu azul-marinho que começava a ganhar escuridão. As cores começavam a se misturar, o verde da vegetação que tudo envolvia começava a perder sua força. Havia também o marrom do caminho de terra, que já parecia cor nenhuma, uma ausência por onde ele trilhava seus passos.

Ele lembrou-se de onde tinha saído, o que havia deixado para trás. Virou-se e viu distante as pálidas luzes do vilarejo, tristes corzinhas amareladas sendo engolidas pela imensidão. Essa visão o fez imediatamente mergulhar em recordações. Elas o confundiram por alguns instantes, levando arbitrariamente o pensamento de um lado para o outro. Finalmente ele chegou à conclusão, de que essas memórias do pequeno lugar distante é que o fizeram tomar a decisão de iniciar sua caminhada para longe dali. Então decidiu que não iria mais se deixar conduzir por idéias que estavam tentando novamente estabelecer um controle sobre ele. Aquilo havia ficado para trás e ponto final, buscava novas cores e ares.

Reparou novamente na mesma camélia que agora estava azulada. Percebeu que daqui para frente teria de tomar mais cuidado com o caminho. Apesar da luz branca que vinha da lua cheia, as pequenas pedras e buracos do percurso irregular conseguiam se esconder na escuridão.

O ar puro da noite refrescava seus pulmões, ele seguia cuidadoso e contente, sabendo que esse era o caminho que deveria ser percorrido. Às vezes alguns galhos de arbustos ou árvores raspavam em suas costas ou pernas, então ele sentia-se ainda mais confiante de que era ali mesmo que deveria estar. Aos poucos a lua foi ganhando ajuda das luzes e das estrelas.

Foi só quando chegou no alto de uma colina que percebeu que a noite estava estrelada. Nesse instante esqueceu-se de onde tinha vindo e até mesmo de por quê havia decidido partir. Seu cérebro libertou-se da maneira de pensar confusa e passou a funcionar somente em uma direção, mas essa única direção abrangia todas as outras.

As estrelas estavam fortes naquela noite. Pequenos buracos profundos no azul-escuro. O ar esfriava-se, mas só até o ponto de não trazer frio. O homem sentia-se bem. Parecia-lhe que nada havia existido antes daquele instante, nada precisaria existir depois. Sentou-se para olhar para o céu, os muitos pontinhos brancos pareciam lhe dizer que teria de dispor de uma eternidade para contemplação. Mas essa informação não o dissuadia, ou ele acreditava que dispunha do eterno, ou estava conseguindo enxergá-lo no finito.

De qualquer maneira, escolheu uma meia dúzia de estrelas para olhar melhor, deixou as outras de lado. Uma em cada canto do céu, ele no meio da terra, no começo nenhum pensamento lhe veio à mente, um vazio sem fim nem estrelas, mas assim como com o céu, os buracos começaram a aparecer. No começo idéias sobre o que não tem fim, depois sobre o que sempre

acaba. Os buracos começaram a se unir até não sobrar mais céu, seu pensamento estava novamente confuso como um barco à deriva. Estava sob as estrelas, mas vivia sob as luzes artificiais.

Quando percebeu isso quis fazer algo, primeiro tentou deter o pensamento, aquietar-se e voltar a ser uma noite escura. Não conseguiu, e parecia que quanto mais tentava mais as coisas pioravam e mais ainda as pequenas idéias descartáveis lhe atravessavam. Então decidiu mover-se, esqueceu as estrelas e agora só tinha olhos para as pedras do chão. Caminhava rápido, desejava que o cansaço físico se encarregasse de também diminuir as forças de seu pensamento. Atravessou campos cobertos de flores sem nem perceber que elas existiam. Subiu e desceu colinas, concentrando todo seu esforço em apenas não escorregar.

O suor começou a escorrer por sua testa, seus pulmões começaram a ficar ofegantes, o ar fresco da noite já não era suficiente para refrescá-los. Começou a sentir que os músculos de suas pernas estavam trabalhando, todo seu corpo estava sendo movido pela energia que antes sustentava os pensamentos dispersos. Continuou... atravessou campos e matas, riachos e caminhos de pedras, sua roupa grudava no corpo e às vezes alguma gota de suor lhe atrapalhava a visão.

A lua cheia movia-se no céu sem que ele percebesse. De repente ele parou. Já não podia mais, estava exausto. Uma máquina de respirar no meio da natureza, acalmando-se lentamente, aquietando-se. Sendo apenas seu corpo que recobra energias. Tinha feito um esforço válido, estava longe das idéias.

Era apenas a força animal de si mesmo, escorria líquidos que perdiam-se no escuro. Quando seu corpo começou a acalmar-se, ele passou a mão pela terra e tentou ver na luz da lua se seu suor tinha conseguido molhá-la. Não conseguiu enxergar nada. Então permaneceu mais algum tempo recuperando-se, talvez no estado que tenha buscado quando se decidiu pelo esforço, porque agora já não sofria e conseguia não pensar em nada.

As estrelas estavam por toda parte e acabaram encontrando seus olhos, que reagiram a elas com desdém. Parecia que ele apreciava continuar sendo o animal pulmonar de até então. Ao mesmo tempo ele sabia que precisava prosseguir, que aqueles instantes em que não precisou refletir, tinham sido momentos anestésicos e fugazes. As estrelas o chamavam, e junto com o chamado traziam o peso das escolhas.

Resignado e descansado continuou seu caminho embaixo da Via Láctea. Aos poucos as idéias foram novamente aparecendo e trazendo suas companheiras. Dessa vez ele foi mais seletivo, não proibiu a entrada delas, mas somente uma por vez. Controlando-as dessa forma, percebeu que poderia continuar seu caminho sem ter de exaurir seu corpo para bloquear-lhes as entradas.

Ritidou seu corpo e deixou de ignorar o que estava em volta. A idéia sobre de onde tinha vindo, veio e se foi. Uma rajada de vento o fez pensar em onde seria seu destino final, essa idéia foi-se embora com o vento, idéias passageiras que deixaram sensações. Não pensava em nada mas tinha o coração ansioso, memórias e expectativas deixaram rastros profundos, apesar de seus pés marcharem firmes seu interior estava hesitante.

Um as gotas finas de garoa começaram a cair e acabaram quietando seu coração. A chuva fina trouxe-lhe a idéia de que ele poderia adoecer e não poder mais continuar o caminho. Enquanto mastigava esses pensamentos e suas conseqüências, a garoa parou. As poucas gotas sobre a cabeça secaram logo e junto com elas a idéia de adoecer.

Agora ele já estava um pouco mais acostumado ao caminho, caminhava sem medo, aceitava as barreiras e procurava transpô-las com determinação concentrando-se em sua tarefa. A concentração também ajudaria a evitar que ele mesmo criasse barreiras e essas, por sinal, é que tinham se mostrado as mais eficientes. Mas ele também havia percebido que concentrar-se não significava isolar-se do resto do mundo e pensar somente nas pedras em que se pisa. Sabia que olhar para as estrelas e para o verde-escuro da mata, era parte do caminho.

Aprendendo a equilibrar-se, ele começou a sentir o cansaço natural de alguém que já caminha há um bom tempo. Sentou-se em uma pedra e começou a massagear as próprias pernas, escutou alguns barulhos da natureza, sentiu a brisa fresca, imaginou que talvez naquele instante o orvalho estivesse se formando. Ficou olhando para a relva e sentindo o cheiro de terra úmida. Grilos e sapos se manifestavam, enquanto olhava para a relva percebeu a luz branca da lua molhando o chão, resistiu o quanto pôde, como alguém que guarda o melhor da refeição para o final, mas finalmente cedeu. Deitou-se de costas no chão e deixou que o universo sem fim desabasse sobre ele.

Não se importou com a relva molhada, a única coisa que evitava era que algum capim mais alto entrasse no seu campo de visão, queria sentir-se completamente mergulhado naquele grande mistério. Aceitou tudo o que o céu lhe emanava e que eram, basicamente, sensações. Primeiro um medo do desconhecido, mas aos poucos uma aceitação, como se o desconhecido começasse a fazer parte dele e vice-versa. E mergulhado nessa grande banheira de si mesmo, ele sorriu. Para ele o resto do mundo havia desaparecido. Tinha mesmo se esquecido que a noite termina e as estrelas desaparecem durante o dia. Era uma criança divertindo-se com seu patinho de borracha durante o banho. Seus olhos engoliam as estrelas, mas tentavam enxergar além. O que ele tentava era compreender tudo aquilo, abocanhar uma quantidade para depois digeri-la.

Levantou os braços como se quisesse tocar as estrelas, na verdade era isso mesmo que queria. Não teve medo de queimar seus dedos, mas eles nada alcançaram. A visão de seus braços movendo-se em vão, despertou-lhe do sonho acordado em que vivia. Sentiu-se ridículo e infantil, começou mesmo a questionar-se sobre se algum dia deveria ter abandonado o vilarejo. Passou algum tempo tentando elencar todas as vantagens da vida na cidade. Encontrou várias, mas logo em seguida lembrou-se das desvantagens, olhou para o céu e para seus pés, sentiu-se perdido. Já não podia mais enxergar as luzes pálidas de seu vilarejo, estava muito longe e elas tinham sumido na escuridão.

Refletiu por alguns instantes e chegou à conclusão de que não conseguiria encontrar o caminho de volta, mas até se

conseguisse não tentaria encontrá-lo. Mesmo que o caminho daqui para frente fosse vazio de certezas, no vilarejo ele possuía algumas, apesar disso ainda escolheu seguir adiante, atravessando a noite. Depois de tomada essa decisão ficou pensando nos pequenos prazeres abandonados, a vontade de dar meia-volta foi quase tão grande quanto a de prosseguir.

Seus passos não refletiam seu interior e seguiam firmes e decididos. Após uma caminhada longa teve o repouso merecido. Nessa pausa as lembranças da aldeia já tinham ficado para trás. O que o preocupava era o que viria, ou não, pela frente. Mas sobretudo sua imensa impossibilidade diante daquilo que almejava. Ele tinha a aparência de alguém preocupado. Aos poucos foi relaxando, sentou-se mais confortavelmente e deixou que os barulhos da natureza o distraíssem. Quase sem perceber sorriu ao imitar o coaxar de um sapo.

Perguntou-se há quanto tempo atrás havia iniciado sua caminhada, não obteve resposta. Parecia que quando ele saíra do vilarejo o tempo havia sido extinto. Antes ele seguia um percurso em linha reta, agora era como se flutuasse num mundo sem dimensões ou fronteiras.

Pensou então, que talvez tivesse de se adaptar a essa nova maneira de viver, e que o tempo poderia ser apenas um dos fatores diferenciados dessa escolha pelo novo que havia feito. Tudo poderia mudar. Reparou na coloração do céu e notou uma diferença com o céu de alguns instantes atrás. Pensou que talvez a cor fosse a mesma, e talvez ele é que estivesse influenciado pelas idéias de mudança. Agora também lhe parecia que as

estrelas tinham aumentado em número. Ocorreu-lhe a idéia de que talvez a mudança viesse dentro da mudança. Essa idéia apareceu-lhe como um quebra-cabeças desmontado, ele deveria decifrá-la. Assim como quando quis tocar as estrelas, fracassou. Mas dessa vez aceitou a derrota com mais resignação. Entretanto continuou acreditando que o céu estava mudando de cor e as estrelas de número, até a lua não parecia estar no mesmo lugar de uns instantes atrás.

Como as mudanças não paravam de acontecer, reparou em si mesmo, em como agora estava de bom humor. Lembrou-se do estado ansioso de há pouco tempo atrás. Pensou que talvez a mudança que vinha dentro da mudança, fosse isso, ele possivelmente tivesse encontrado uma das peças do quebra-cabeças, as mudanças deveriam ocorrer de dentro para fora. E se assim não fosse, ele pelo menos havia percebido que, exatamente da mesma maneira que com o céu e com o vento, o interior das pessoas também muda repentinamente.

Animado com o caminho mental que iniciara, ele continuou seu raciocínio: se o homem refletia esse aspecto da natureza, será que não refletiria também outros, talvez todos? E se assim fosse, o comportamento ideal para o ser humano não seria aquele que se parecesse o máximo possível com o ritmo da natureza? Um sorriso de contentamento invadiu seus lábios, ele percebeu que se essas idéias fossem verdadeiras ele havia tomado a melhor de todas as decisões.

O vento começou a mover a vegetação e mesmo com a pouca luz do luar ele observou a lógica sutil do movimento das folhas.

Elas mexiam-se sem exageros, mesmo quando o vento era mais forte, a mudança era ao mesmo tempo individual e em grupo. Possuíam seu ritmo, e esse ritmo, estranhamente, era o mesmo até quando elas estavam imóveis. Parecia haver um grande caminho natural para as coisas. Lembrou-se de um momento prosaico de sua infância que nunca esqueceu, uma vez quando tinha uns quatro ou cinco anos, tinha ido com seus pais para um lago próximo ao vilarejo. Estava sentado à beira do lago quando um pato sai d'água e aproxima-se dele, a ave foi aproximando-se e ele não teve medo, tranqüilo, conseguiu reparar na cor alaranjada do bico e em como ele estava molhado. Após recordar-se desse episódio antigo ele fez uma analogia entre os movimentos das folhas e as gotas d'água que molhavam o bico daquele pato. Lembrou-se também de como as águas refletem as imagens das árvores e do bater de asas de um beija-flor. Parece que havia conseguido encaixar mais uma peça do quebra-cabeças.

O ritmo natural não teria relação direta com a velocidade dos acontecimentos, seria algo que pertenceria a uma ordem bem mais sutil, mas no fundo a natureza falaria sempre a mesma língua, que aparentemente soava como diferentes dialetos. Quanto mais próximo a vida de um homem estivesse desse ritmo misterioso, melhor fluiria sua vida, porque contra menos barreiras ele teria de lutar. Mas da mesma maneira que por uma razão profunda, o ritmo do bater das asas de um beija-flor é idêntico ao de um carvalho imóvel, a expressão “melhor fluiria”, não quer dizer que uma vida que siga mais o ritmo natural, esteja menos repleta de acontecimentos. Talvez o que haja é que os acontecimentos sejam mais concentrados e apresentem mais densidade.

Desde que havia iniciado sua caminhada nunca tinha se sentido tão bem. Sentia-se como alguém que havia descoberto que a multidão estava caminhando em sentido errado. Mas os caminhos floridos também têm bifurcações, não sabia se deveria gritar para que a multidão se virasse e caminhasse em sentido contrário, ou deveria apenas ignorá-la, seguindo sozinho por onde achasse que fosse melhor.

Levantou de seu descanso, já era hora de prosseguir. O céu parecia que tinha ganho uma tonalidade arroxeadada. A lua que parecia que havia se movido mais um pouco, agora estava mais clara do que nunca e espalhava suas luzes pelo caminho. Ele apenas prosseguiu, não se lembrou de qualquer multidão. Esqueceu-se de que há instantes atrás achava que havia tomado a melhor das decisões.

Seguiu com passos naturais, criando seu ritmo. Caminhou mais um pouco e bem no instante em que sentiu sede, seus pés chegaram à beira de um riacho. Estranhou a coincidência e lembrou-se do bico de pato molhado de sua infância. O riacho era bem raso e para beber água ele teve de inclinar a cabeça, encostando o rosto na terra. Não enxergava o que bebia e seu primeiro receio foi o de engolir um pequeno peixe verde. Não sabia exatamente o porquê da cor. Esses goles noturnos restauraram completamente suas forças. Nunca havia se sentido tão disposto, enquanto bebia sentia o cheiro das pedras e do musgo, esse odor parecia a vida lhe dizendo – continue, é por aí mesmo que debes prosseguir. Aproveitou e lavou o rosto, queria guardar um pouco daquele cheiro perto de si.

Percebeu então que as coisas iam se revelando aos poucos, caminhou alguns passos e virou-se para olhar o riacho, mas ele já havia desaparecido no escuro, mas ainda conseguiu escutar o suave barulho d'água que procurou guardar na memória. Agora a noite estava silenciosa, ele atravessava um caminho de barro sem muita vegetação ao redor, e o que escutava era o barulho de seus passos e o sopro de uma brisa.

Ele sabia bem o que uma situação como essa poderia atrair, sabia que os pensamentos desordenados poderiam começar a brotar como cogumelos no campo. Procurou se lembrar do barulho d'água do riacho, mesmo assim os cogumelos começaram a aparecer... até onde ele iria caminhar? O que faria quando chegasse a seu destino final? Do que se alimentaria?

As perguntas iam se acumulando sem que nenhuma fosse respondida. E se estivesse longe demais para voltar? Não seria melhor dar meia volta e continuar em direção do vilarejo? A experiência havia sido boa, mas já não teria sido suficiente?

E nenhuma resposta aparecia, enquanto isso seus passos continuavam firmes, incólumes ao peso da dúvida. Ele começou, então, a reparar que algumas coisas se resolvem por si mesmas. Quando ele não sabia o que fazer, seus pés acabaram seguindo em frente, e agora aquela dúvida já era passado. Ele perguntou-se se tudo não acabaria se resolvendo dessa maneira. Sem obter respostas, reparou que havia recobrado o controle de seus pensamentos, e as perguntas que surgiam seguiam uma lógica interna baseada em acontecimentos já vividos. A partir

dessa constatação resolveu aprofundar-se em seus raciocínios: caso tudo acabasse se resolvendo naturalmente, nossos maiores esforços não seriam mais simbólicos do que práticos?

Nesse instante seus pés pararam de caminhar. Estático no meio da natureza, olhava para tudo de maneira desconfiada. Sentiu o contrário de quando deixou-se entregar às estrelas, agora era um corpo indissolúvel boiando em um oceano estranho. Permaneceu parado por um bom tempo, ao seu redor os barulhos das cigarras e as luzes dos vaga-lumes. Ele os observava sem pensar em nada. O primeiro pensamento que surgiu veio justamente quando olhou para o céu, que lhe pareceu de uma cor diferente, o tom arroxeadado havia se transformado num perfeito azul-marinho. Lembrou-se de que as coisas mudam de dentro para fora. Então, mesmo que fosse verdade, que tudo se resolve espontaneamente e que somos apenas figurantes, quando nos julgamos os atores principais, mesmo assim caberia a ele tomar a primeira atitude, talvez inútil, mas ele resolveu continuar andando. As luzes verdes dos vaga-lumes estavam por toda parte, lembrou-se do peixe verde que temeu engolir enquanto bebia água. Sem nunca tê-lo visto lembrava-se de sua cor como um verde brilhante quase fosforescente. Outras idéias brotaram sem que tivesse controle sobre elas: será que outros bichos e objetos da mesma ordem desse peixe, não teriam uma existência tão, ou tão pouco, sólida, quanto a sua? Resolveu não se aprofundar nesse tipo de pensamento que só o conduziria a mais e mais perguntas sem respostas.

Do peixe inexistente aproveitou a cor e mentalmente compôs combinações com o azul-escuro do céu. De repente

atravessou-lhe a idéia de que se o peixinho verde nunca existiu, de uma certa maneira os vaga-lumes eram seus representantes. Como se fossem diplomatas que simbolizam no mundo físico algo originário do mundo das idéias. Esse tipo de pensamento insistia em voltar, mas ele não os desejava por perto. Aos poucos percebeu que esses pensamentos também têm sua importância, e que não se deve tentar evitá-los por completo. Bastaria buscar o ponto de equilíbrio, sugar deles suas essências para utilizá-las no mundo prático.

Começou misturando todas as cores que conhecia e criando novas, imaginou também novas texturas, sensações, criou dentro de si um mundo inexistente, mas que estava sob controle. Um paraíso sensitivo-isolado, que não tinha pontas amarradas à linha sem fim. Sabia que aquilo poderia se tornar seu pequeno vício, mas se usada com moderação essa técnica o ajudaria a sair de momentos de dificuldade. Funcionou. E ele sentiu-se novamente equilibrado. As perguntas sem respostas continuavam brotando, mas agora não o incomodavam muito, soavam como algo inevitável, a morte para quem está vivo.

Os vaga-lumes foram ficando para trás, agora só um ou outro desgarrado atravessava seu caminho, ele olhou para trás e viu uma nuvem verde brilhando na noite escura. Lembrou-se da mancha de luz esmaecida, quando viu de longe seu vilarejo sumido nas trevas.

Reparou que o caminho à frente era uma grande planície e que as bordas da picada por onde caminhava eram cobertas de flores. Identificava que eram flores de vários tipos mas não

conseguia distinguir as cores. De qualquer forma sentiu-se bem pela companhia delas. A presença de cores reais tão perto de si, sem que pudesse enxergá-las, o fez pela primeira vez se lembrar de que cedo ou tarde o sol iria nascer, revelando as tonalidades que a noite escondia. Pensou que de dia, com tantas cores disponíveis e com a luz destruindo os mistérios noturnos, ficaria mais fácil escapar dos pensamentos encadeados que tanto o incomodavam. Pensou também exatamente o contrário, a fartura de imagens levaria a uma fartura de pensamentos superficiais.

Mas não havia no céu ainda nenhum sinal de que o dia estava nascendo. Pelo contrário, já fazia um bom tempo que o céu parecia que não mudava de cor e nem a lua de lugar. Ele concluiu que a não mudança de algo que vinha constantemente mudando, não deixava de ser uma mudança também. Concluiu também que as mudanças poderiam ter o tamanho dos céus e todas as direções dos ventos. Tanto tudo mudava, que ele poderia dar meia-volta e retomar o rumo do vilarejo. Esse pensamento lhe atravessou rapidamente deixando em seus lábios um leve sorriso.

Seus pés continuaram mudando de lugar. Seus olhos mudavam de direção tentando identificar algumas das cores escondidas pela noite. Repleto de busca, ele continuou caminhando em meio ao silêncio e à escuridão. Seus olhos não apenas se moviam, dentro deles havia uma grande vontade de engolir o mundo. Começavam até a se irritar com a escuridão que lhes escondia os mistérios. Esse início de irritação ficou claro quando ele chutou longe uma pedra e logo depois olhou para o céu. Pela sua fisionomia talvez ele tenha pensado que

aquela poderia ser a última das noites, a que nunca amanheceria e manterá todos os mistérios escondidos. E que todo seu esforço teria sido em vão. E que num caso desses teria sido melhor nunca ter saído do vilarejo, que tinha luzes pálidas, mas que pelo menos tinha alguma luz.

Mas ele não era ingênuo, sabia que os males e as felicidades nunca são tão grandes quanto imaginamos. O dia logo amanheceria e ele nunca descobriria todos os mistérios do mundo. Teria de se contentar com algumas migalhas e com o nascimento e morte contínuos dos dias. Além disso, se saberia reflexo do mundo, mudança viva, encarnada e sem controle. Saberria que se decidisse sentar-se para sempre, não deixaria de seguir caminhando e refletindo.

Seus olhos sabiam de tudo isso mas ao mesmo tempo faziam esforço para acreditar no contrário, queriam o dia eterno, a noite que não amanhece, queriam descobrir fórmulas para enxergar no escuro e dormir de dia, queriam o melhor dos dois mundos sem os pesos que os acompanham. Caminhos sem dores, acompanhado sempre pelas flores dos teus sonhos. Doces ilusões, que os olhos quando querem, sabem como tentar enxergá-las. Projeções de luzes que encantam, e que amarelam e avermelham o céu azul.

Mas as gotas de suor sempre chegam para dizer que existem subidas e descidas. E agora elas escorriam em quantidade por sua testa. A brisa da noite havia cessado e agora o ar estava parado. Olhando para a lua imóvel teve uma sensação de asfixia. Respirou fundo, mas faltaram-lhe pulmões para contentar sua ansiedade.

Tentou enxergar na luz do luar a mão molhada que tinha passado pela testa. Teve uma grande vontade de estar em outro lugar, ou então de não estar em lugar algum. Pensou que cada ilusão tem um preço a ser pago, assim como cada cor tem suas sombras.

As gotas de suor desciam à medida que suas pernas não paravam de subir a colina, parecia que a subida era difícil demais para as flores que tinham ficado para trás. A paisagem havia se tornado árida, pedras, buracos, nada que se pudesse distinguir direito na noite escura.

Mas havia alguma coisa que o fazia perseverar nesses momentos de dificuldades. Ele extraía de si um instinto vital que fazia com que cada passo fosse dado com mais determinação do que quando estava em terreno plano e florido. Cravava suas unhas e dentes na árvore da vida, esquecia-se que existem dificuldades que vêm depois que as dificuldades foram vencidas. Nesses instantes só existia o próximo obstáculo, após ele o paraíso.

Então seus sofrimentos cessaram, as gotas deixaram de escorrer pois ele havia chegado ao cume da colina. Mas o paraíso prometido era um lago seco, lugar que ninguém mais se lembrava que um dia fosse molhado. Chegando onde aspirava sentia a garganta seca, lembrou-se do riacho onde havia bebido água. Apesar da descida ele parecia desanimado, agora o que o preocupava era a sede e a possibilidade de não existir mais nenhuma fonte de água pela frente. Mas logo que terminou a descida reencontrou o mesmo riacho, que após algumas curvas havia reaparecido. Sucedeu-se um novo paraíso seco, dessa vez com a garganta molhada.

Depois de matar sua sede ele sentou-se à beira do riacho e pôs-se a refletir: estava sempre insatisfeito em busca de algo, mas uma vez que esse objetivo fosse atingido, imediatamente esquecia-se dessa conquista, traçava outro alvo e mantinha viva a insatisfação. Dessa forma percebeu que nunca poderia usufruir do produto de seu esforço. Tentou pensar numa maneira de reverter essa situação. Não era fácil, ele não gostaria de ficar para sempre bebendo a água que descobriu logo depois de subir a colina, mas também não queria tão rapidamente impor-se novo objetivo. Talvez o caminho do meio fosse o mais apropriado. Aproveitar o valor das conquistas, mas sem perder o desejo de prosseguir adiante.

Essa idéia levou-o a outra: o caminho em si, já seria ele mesmo, um ponto de partida e de chegada, não sendo apenas um meio de se atingir um objetivo, mas o próprio. Tentou então incluir-se nesse raciocínio, se é ele quem trilhava o caminho, então também ele possuiria um fim em si mesmo. Sua vida seria todo um esforço para se atingir objetivos, mas ao mesmo tempo, sem que esses objetivos fossem alcançados, ela já seria plena. E tudo o que existe seguiria por esse mesmo caminho. Adicione-se a isso a possibilidade de escolha do caminho do meio... ele vivia num entroncamento de possibilidades que o deixavam confuso e estático.

Para piorar a situação, lembrou-se de uma idéia que lhe veio à cabeça logo que começou a caminhar “a mudança vem dentro da mudança”. Sentiu que tudo aquilo era demais para ele, havia chegado a hora de usar uma de suas técnicas de escape. Pensar em cores, cansar o corpo para que as idéias também se

cansem. Lembrando-se dessas maneiras de bloquear idéias, não pôde deixar de considerá-las um pouco ridículas. Acabou sorrindo e depois gargalhando por um bom tempo. Quando terminou percebeu que as risadas tinham-no afastado dos pensamentos de que queria fugir. Ele tinha gargalhado porque havia se considerado ridículo, mas aquilo havia lhe feito bem, e o processo havia fluído de maneira bem mais natural do que quando usava as outras técnicas.

Experimentou fazer a mesma análise com sua inteira caminhada, desde o momento em que deixou o vilarejo, tudo pelo que passou, as sensações e idéias que teve. Não se conteve, explodiu na maior das gargalhadas, que ecoou por toda a mata despertando alguns animais adormecidos. A resposta enfurecida dos bichos o levou a um acesso ainda maior de risos, teve de deitar-se no chão para não perder o fôlego.

Quando finalmente conseguiu parar, reparou que estava todo sujo de lama, suas roupas e até seu cabelo. Refletindo sobre esse fato chegou à conclusão de que estava sujo de vida. Nem procurou limpar-se, deixou que a lama secasse naturalmente. Lembrou-se de que durante o caminho havia percebido que a vida tem um ritmo natural, e que quanto menos lutarmos contra ela, menos barreiras teremos de saltar. O que chamou-lhe a atenção foi perceber como coisas importantes como essa são rapidamente esquecidas. Por outro lado acabamos guardando com cuidado toneladas de coisas sem importância.

Percebeu o quão pouco era rigoroso consigo mesmo e o quanto era com os outros. Perguntou-se então, quanto de seu

desejo de abandonar o vilarejo e iniciar a caminhada, provinha do fato de ele, enquanto vivia no vilarejo, ter se portado dessa maneira e sofrido por causa das conseqüências: não soube responder. Começou a suspeitar de si mesmo, de que todos seus ideais de busca de uma vida maior, poderiam ter tido como origem justamente o que há de menor no ser humano. E nesse caso, com as raízes contaminadas, essa planta não daria frutos, e se os desse, seriam venenosos.

Foi imediatamente contaminado por um grande desânimo, o homem que havia alguns instantes atrás, contorcia-se no chão num acesso de gargalhadas, agora mergulhava num escuro mar interior. E esse pequeno oceano sem luzes movia-se de um lado para o outro, salgando-lhe as veias e escapando-lhe pelos olhos. Ele chorava, estava perdido, seus pés estavam mortos, suas mãos abandonadas. A tempestade interior não dava sinal de que iria terminar tão cedo, as veias vermelhas dos olhos bombeavam sangue com toda força. Seu maxilar inferior caído, mostrava a tremenda indiferença com que ele próprio se enxergava.

Ele ajoelhou-se e depois entregou-se ao chão, agora molhava com suas lágrimas a terra já úmida. Algum tempo depois adormeceu. Acordou assustado sem saber onde estava. O céu continuava escuro. Suas lágrimas secas estavam misturadas à lama que lhe cobria o rosto. Voltou até o riacho para lavar-se, foi só então que se lembrou da razão de seu ataque de desespero. Na verdade os momentos de sono ajudaram a diminuir as dores que sentia. A dúvida permanecia lá, mas agora ele já não a enxergava como algo tão aterrador. Percebeu que a vida possui uma técnica secreta de nos distanciar dos extremos. Tanto a

idéia genial que modificaria a maneira de viver do ser humano, quanto o pior dos pesadelos psíquicos, após algumas lágrimas e algum tempo de sono, já não nos parecem assim tão terríveis nem tão maravilhosos.

Talvez os extremos não combinassem com a fluidez natural que a vida necessita, eles acabam se tornando barreiras que precisam ser deglutidas para que o processo natural avance. E era exatamente o que estava acontecendo com ele. Depois de se lavar ele começou a caminhar como se nada tivesse acontecido. No começo os passos ainda não tinham a mesma firmeza de antes, mas logo caminhava com toda a vitalidade que possuía.

Quando se lavou no riacho acabou molhando suas roupas, e agora a brisa da madrugada lhe trazia um problema concreto, o frio. Isso por um lado o ajudou a sepultar de vez suas infelicidades, pois tinha algo prático com o que se preocupar. Mas por outro lhe trazia um problema grave. Ele caminhava apenas com as roupas do corpo e elas estavam molhadas, ele sentia frio. Não sabia o que fazer, se tirasse as roupas provavelmente sentiria ainda mais frio. Não tinha como se defender.

Continuou caminhando com a roupa molhada esperando que ela fosse secando, mas parecia que quanto mais andava mais frio sentia. Resolveu buscar um refúgio, uma caverna ou algo do gênero. Não encontrou nada parecido, encontrou uma terra arenosa na qual conseguia cavar facilmente com as mãos. Tirou suas roupas e as estendeu sobre uma pedra, em seguida entrou dentro do buraco, permanecendo na posição

fetal. Funcionou, a terra servia como um isolante térmico, estava completamente encoberto, apenas sua cabeça ficava de fora. Sentiu-se profundamente acolhido. Um enorme conforto físico e espiritual. O único pensamento que o incomodou levemente foi o de que em algum momento teria de abandonar o buraco. No mais ele vivia seus instantes ideais, até mais do que quando se deitou no chão para mergulhar nas estrelas. Naqueles instantes havia uma busca, e por melhor que fosse o que viveu, qualquer busca revela alguma forma de desconforto. Agora, sua busca havia terminado no momento em que ele acabara de se enterrar, depois, só o que houve foi plenitude.

Lentamente seus pensamentos foram saindo da total integração com o corpo e recobrando sua independência. Ele perguntava-se por quê momentos como aqueles eram tão raros de serem vividos. Se aquelas sensações existiam e eram possíveis, por que não viver permanentemente mergulhado nelas? Tentou então formular uma descrição para o que havia sentido: era a sensação de que tudo o que existe gostava dele e faria o máximo para que ele se sentisse bem. Havia uma enorme conspiração amorosa que o abraçava de todas as formas possíveis.

Não ficou muito contente com a descrição, pois ela ainda estava longe do que sentira. Então seus pensamentos começaram a se aprofundar em dúvidas: será que o que havia vivido, não seria parecido com o não existir? Sem a memória dos instantes e nem a consciência da individualidade, mas no fundo compartilhando da mesma união com o todo que também não existe. E se assim fosse, e a vida fosse uma grande espera pelo momento de não mais existir, por que

não antecipar logo esse encontro? Bastaria que ele não se levantasse mais do buraco.

Sabia perfeitamente onde esse tipo de pensamento iria desembocar. Mesmo estando confortavelmente enterrado, resolveu levantar-se e prosseguir a caminhada. Uma camada de terra ainda cobria sua pele e ele sentia menos frio. Verificou suas roupas e elas ainda estavam úmidas, resolveu passar uma camada de terra por dentro de sua camisa e calça, para que a umidade fosse em parte absorvida. Dessa maneira o frio se tornava suportável.

Foi caminhando e reparando na consistência da terra por onde ia passando, sabia que poderia apelar novamente para o mesmo artifício enquanto a terra fosse mole e pudesse ser cavada com as mãos. Mas conforme caminhava o solo ia ficando mais rochoso, impedindo-o de buscar seu refúgio. Na prática não tinha mais necessidade de fugir do frio, a terra que colocara nas roupas tinha ajudado a secá-las e o vento havia cessado. O pequeno desconforto que sentia não justificaria o esforço de cavar um outro buraco.

Mas a sensação de acolhimento permanecia viva em sua memória, ele adoraria viver aquilo novamente. Por outro lado sabia também que aquilo não era bom, conduzia a um caminho perigoso e egoísta. O prazer que havia vindo por acaso, quando buscava sobreviver, se fosse buscado apenas pelo prazer em si, traria apenas o vício.

Refletindo, chegou à conclusão que as necessidades tem de serem satisfeitas à medida que forem surgindo, e não temos

como acumular prazeres que ainda não aconteceram. Eles acabam apodrecendo e tornando-se um material infecto que pode nos nutrir por alguns dias, mas que não nos sustentará por uma vida.

Parou de examinar a consistência da terra e esqueceu-se dos buracos. Mas dessa experiência conseguiu extrair algo ainda maior do que quando olhava para as estrelas. Sabia agora que além de qualquer objeto que pudesse enxergar, existe um mundo vivo, mas o número de maneiras de se estar vivo é infinitamente maior do que o número de estrelas do céu. Foi invadido então por uma grande sensação de humildade, tudo era muito mais complexo do que aparentava, inclusive ele mesmo. Sua própria consciência seria apenas a mínima amostra de seu ser, e nem a respeito dela ele possuía grande conhecimento. Sentiu-se como um naufrago, que nada por horas em busca de terra firme, e então descobre que as águas em que nada, são da banheira de um navio, que por sua vez também está à deriva.

Mas o fato de sentir-se tão pequeno também tem suas vantagens. O orgulho também diminui e acaba-se aceitando o inevitável eterno. É a velha história do ritmo natural da vida e da diminuição das barreiras criadas artificialmente. As coisas mudam em aparência, mas acabam voltando sempre para o mesmo ponto de partida. Entretanto, quem percebe isso, dá um passo além dos outros, uma coisa não elimina a outra.

E foi dessa maneira que ele recomeçou a caminhar. Não olhava nem muito para o chão nem muito para o céu, não ia nem rápido nem devagar, estava próximo de encontrar seu

ritmo ideal. Sua fisionomia não demonstrava grandes emoções, mas não escondia que elas existiam. Chegou à conclusão de que era um homem aprendendo a ser homem, ou talvez mais do que isso, era um homem aprendendo a ser.

Havia crescido desde sua partida, esperava continuar nessa evolução. Sabia de algumas coisas que aprendeu no caminho, mas principalmente sabia que a maioria das dúvidas estava além de seu alcance. E que o negócio era ir lidando com elas, seguindo a espiral mesmo sabendo que o caminho mais curto era a linha reta.

Aliás, o caminho pelo qual passava agora parecia-se com uma espiral, um zigzague em meio a uma vegetação que ia ficando cada vez mais densa. As árvores foram aos poucos aumentando de tamanho e já tinham o dobro de sua altura. Os galhos mais altos atravessavam a picada formando um túnel que encobria parcialmente o céu, deixando o percurso ainda mais escuro. Ele tateava com os braços para encontrar o caminho, levava grandes sustos quando galhos ou cipós encostavam em seus ombros como se fossem pessoas que o estivessem chamando. Estava começando a ficar irritado com essa mata fechada, temia que continuasse assim ou então fosse piorando. Ele poderia estar entrando numa grande floresta, imaginou todos os perigos de uma.

Pela primeira vez temeu morrer. Não propriamente a morte em si, mas o processo, imaginou-se caído sem forças para se levantar, sendo devorado por milhares de mosquitos e escutando os animais selvagens se aproximando. Pensou que

esse seria o fim de tudo, e tudo o que havia aprendido até então teria sido em vão. Era preciso usar a inteligência para que a coisa não chegasse a um ponto irreversível.

Pensou em voltar até o ponto em que as árvores começaram a encobrir o céu, decidiu que seria o melhor a fazer. Virou-se para retornar, e há poucos centímetros de seu rosto estavam dois enormes e brilhantes olhos amarelos. Gritou desesperado, e instintivamente continuou o caminho floresta adentro, só que agora correndo. Correu o máximo que pôde, tropeçou e caiu, esbarrou em um galho e quando percebeu, a mata fechada havia terminado. Logo em seguida viu a dona dos olhos bater asas sobre sua cabeça. A coruja parecia mais assustada que ele.

Sua mão tremia, sentou-se um pouco para recobrar o fôlego e reparou que havia machucado o joelho e o cotovelo. O ferimento do joelho parecia superficial, mas no cotovelo havia um grande corte e parecia que uma farpa de madeira tinha entrado sob sua pele. Rasgou um pedaço de sua camisa e amarrou com força sobre o machucado. Não sentia dores, mas sabia que aquilo poderia ter conseqüências graves. Resolveu descansar um pouco nessa clareira em que estava, decidiu esquecer-se temporariamente do ferimento.

A passagem pela mata fechada havia deixado nele marcas que não estavam em sua pele. Do mesmo jeito que a farpa o fazia lembrar-se de seu machucado, alguma farpa invisível o lembrava que fora dentro da mata que pela primeira vez ele havia pensado no fim.

Agora que o perigo eminente de morrer à míngua havia passado, esse assunto não o entristecia nem o apavorava, talvez despertasse uma curiosidade levemente masoquista, como alguém que provoca em si mesmo dores que pode suportar.

E a farpa invisível movia-se dentro dele: como seria a sensação de não mais existir? Talvez fosse a continuação do prazer que sentiu quando se enterrou, um alívio dos pesos, das dores, expectativas, alegrias, tudo iria se dissolvendo junto com a consciência. Para cada dor que sumisse um prazer também desapareceria. E no final sobraria apenas o não ser. Lembrou-se então, que havia chegado à conclusão que nessa caminhada seu objetivo era conseguir ser, apenas isso. Logo, todo o esforço que fazia era no sentido oposto da morte, lutava contra ela.

Depois de muito refletir, julgou que não tinha condições de escolher o melhor caminho para decidir sobre essa questão. Acreditou que fosse necessário alguém que não participasse dela. Alguém que não estivesse nem vivo nem morto. Mas percebeu que se estava percorrendo esse caminho e não o outro, era porque alguma razão o havia levado até lá. Não tendo nenhum argumento sólido para contrapor a essa razão desconhecida, decidiu que deveria continuar no caminho que vinha trilhando. Mas isso não significava que a farpa havia desaparecido, ela o acompanharia até o final da caminhada.

Apalpou-a, sentindo-a sob a pele. Não havia dor. Levantou-se e olhou para o trecho de mata fechada que havia atravessado, não conseguiu enxergar grande coisa, mas teve a impressão de um longo túnel feito de árvores. A sensação de ter atravessado esse

túnel permaneceu-lhe impressa na mente como uma segunda farpa, que poderia trazer recordações e lhe despertar para novos caminhos. Talvez os ferimentos fossem as provas físicas de que estava trilhando a estrada certa, e que a mata, o medo, a coruja, tudo isso fossem degraus da escadaria. Por um instante pensou que esses degraus serviriam para subir e para descer, e não tinha certeza se subia ou descia. Lembrou-se que já havia decidido que isso não importava e que o importante era seguir seu caminho, independente de onde quer que fosse terminar.

Recomeçou. O túnel escuro ficou para trás e agora o caminho era aberto, nenhuma subida ou descida grandes, uma ou outra flor solitária à beira do caminho, bastante capim.

Algumas nuvens noturnas encobriam as estrelas que continuavam aparecendo nos espaços vazios. Nenhum barulho, a vida dormia. Parecia que ele havia chegado à parte mais tediosa de sua jornada. Nenhum risco, nenhum mistério, nenhuma beleza escondida. Apalpou a farpa sob a pele e ela continuava lá, seu machucado começou a coçar. Ele desamarrou a atadura, coçou o cotovelo e recolocou a bandagem improvisada. Logo após amarrar, o cotovelo começou novamente a coçar, então arrancou de vez a atadura e continuou a caminhada sem curativos.

Todo esse processo o chateou, sentia que já havia caminhado muito, agora estava machucado e nada de maravilhoso projetava-se pela frente. Ele já havia vivido bons momentos, o que estava por vir estava longe de ser o mais interessante do percurso. Se tivesse certeza de que a distância até o final seria

mais longa do que a que tinha percorrido até agora, daria meia-volta imediatamente.

Mas acabou deixando seus pés continuarem, mesmo sem muita vontade. Passos curtos e lentos de quem não tem muita certeza de porquê está caminhando. O caminho agora era completamente plano e a vegetação pobre e tediosa. Para piorar começaram a cair algumas gotas de garoa, que lentamente foi engrossando. Ele continuou com o mesmo ritmo e nem pensou em procurar algum lugar para se abrigar da chuva. Apenas deixou-a acontecer, participando dela.

Lembrou-se do esforço que havia feito para secar-se, da outra vez que havia se molhado, e do prazer que sentiu quando se enterrou para fugir do frio. Instintivamente olhou para a terra, que agora era lama. Não sentiu nenhuma vontade de enterrar-se ali. Mas se a terra estivesse seca, sua indiferença provavelmente seria a mesma. A chuva parou e deixou o caminho cheio de poças d'água. Ele continuou com seu ritmo, seus olhos estavam distantes, não que seus pensamentos estivessem em outro lugar, parecia que seu cérebro tinha pálpebras e que elas estavam fechadas. Mas as pálpebras de seus olhos verdadeiros permaneciam abertas, e deles escorriam gotas de chuva que pareciam lágrimas. Mas naqueles momentos ele estava tão distante das alegrias quanto das tristezas, e por isso mesmo, aquelas falsas lágrimas não iriam se transformar em verdadeiras.

Parou, precisava de descanso, sentou-se sobre a lama. Permaneceu um bom tempo apalpando-a e sentindo sua consistência. A primeira idéia concreta que lhe surgiu foi, se

alguém pudesse enxergá-lo naquele instante, sozinho, sujo, molhado e machucado no meio da natureza, o que essa pessoa pensaria? Ele não estava curioso por vaidade, nem temia a opinião dos outros, apenas desejava saber o que alguém, que o visse naquela situação, pensaria dele. Tentou colocar-se no lugar dessa hipotética pessoa fingindo não ser ele mesmo, voando até uma estrela e de lá o observando. Chegou à conclusão que, ao contrário do que imaginava, sua imagem não despertaria nenhum sentimento negativo ou de nojo, como chegou a cogitar. Talvez despertasse uma certa estranheza, como uma formiga que não se comporta como suas semelhantes e está bem longe de seu formigueiro.

Essa imagem mental animou-o um pouco, afinal de contas ele tinha deixado o vilarejo porque estava cansado de se comportar como os outros. Olhou para cima e imaginou alguém olhando-o naquele instante. Começou a sentir uma ponta de orgulho por estar ali, sentado na lama no meio da noite.

Seu lábio inferior encobriu o superior, estava pensando como as coisas mudam rapidamente, seu estado interno variava mais rápido que o vento, desde que partira há apenas algumas horas, já havia experimentado todos os estados de espírito. Mais do que a velocidade de mudança, o que o chocava era a inconstância de seu interior. Ser assim tão volúvel, revelava uma grande capacidade de adaptação, mas também mostrava uma enorme fragilidade, como se os componentes que formassem uma determinada estrutura estivessem sempre entrando em fusão entre si, dissolvendo eles mesmos e também a estrutura que formam. Sentiu-se como uma substância efervescente que

mergulhada n'água vai compondo formas aleatórias. Adicionou a isso uma consciência, ou algo que se assemelhasse a uma, e terminou seu auto-retrato.

Mas sabia que teria de conviver com isso, e sabia também que os que tentam evitar que suas substâncias internas se fundam, formando desenhos exóticos, acabam apenas se dissolvendo n'água sem ao menos embelezar o mundo.

E a mudança continuava, estava na hora de prosseguir e começou a pensar em algum lugar para se refugiar e novamente secar suas roupas. Mas com a lama toda que havia no caminho ele não poderia cavar um buraco para aquecer-se. Não sentia frio, não sabia se a noite havia esquentado ou se seu organismo tinha se acostumado àquela temperatura. Continuou procurando algum lugar que pudesse servir de refúgio. Lentamente, a paisagem ao seu redor foi se modificando, as grandes retas monótonas foram dando lugar a caminhos mais sinuosos com curvas fechadas e vegetação mais rica. Um pequeno riacho atravessava frequentemente o caminho e escutava-se a vida escondida na noite gritar seus barulhos. Ele tinha um pouco de luz, pois vaga-lumes ajudavam na iluminação. Tudo isso acabou distraindo-o e esqueceu-se de encontrar o refúgio. O barulho sempre presente do riacho tinha a propriedade de acalmá-lo. Seu estado de espírito foi tranquilizando-se de tal modo que por algum tempo esqueceu-se até de seus ferimentos.

Pela primeira vez desde que começou a caminhar ele pensou em sua vida, nas razões que o tinham levado a começar a caminhada. Possuía o distanciamento de analisar sua vida quase

como se fosse a de outra pessoa. Isso lhe dava a independência de uma observação descontaminada de emoções. Lembrou-se da formiga solitária longe do formigueiro.

Então mergulhou em sua vida de formiga dentro do formigueiro. Refletiu sobre as razões pelas quais se sentia inadequado vivendo lá dentro. Primeiro atribuiu aos outros egoísmo e a si mesmo generosidade, depois ficou pensando se não seria exatamente o contrário. Não queria culpar ninguém e esse tipo de raciocínio sempre acaba derramando a culpa em cima de alguém. Decidiu examinar melhor seu próprio comportamento e esquecer-se do dos outros.

Chegou à conclusão de que em qualquer vilarejo, existe um objetivo final para a comunidade, este alvo não está descrito em lugar algum e na verdade são poucas as pessoas que percebem que ele existe. Ele era um dos poucos, apesar disso sentia-se como alguém que entendeu o que estava escrito, mas não o significado que as palavras queriam dar. Para ele o objetivo do vilarejo não fazia sentido algum, e estranhava muito quando algumas pessoas que conseguiam perceber esse objetivo, aceitavam-no como algo lógico e coerente. Sentia-se então um completo estrangeiro, pouco interagiu com a grande massa que nem percebia o objetivo último do vilarejo, e menos ainda com aqueles que o entendiam, e nele encontravam sentido.

Durante algum tempo tentou encontrar esse sentido que os outros enxergavam, chegou a conviver mais de perto com aqueles que acreditavam nele, mas não adiantou, nunca conseguiu entender. Chegou até a pensar fingir ser um deles,

mas percebeu que seria inútil. Mas invejava-os, principalmente a maneira simples e fácil com que se relacionavam com seus semelhantes. Eles pareciam ter os mesmos olhos, e isso derrubava as barreiras, criando uma intimidade que, apesar de superficial, os distraía, deixando-os num estado permanente de alegria mediana. Ele, ao contrário, sentia-se sempre ímpar e hiato. Tentou então outro caminho, iria falar aos que de nada sabiam, alertá-los primeiro de que o vilarejo tinha um objetivo, e depois fazê-los enxergar que esse objetivo não tinha nenhum sentido.

Poucos foram os que quiseram ouvi-lo. A grande maioria não tinha tempo a perder, precisavam se ocupar de seus sustentos, e mesmo seus tempos livres, desejavam utilizar da mesma maneira que seus semelhantes já utilizavam. O que de uma certa forma completava o ciclo de suas vidas, não deixando nenhum espaço vago. Aqueles que aceitaram ouvi-lo, escutaram-no com atenção até o final de suas explicações, mas depois quiseram saber o que eles ganhariam se fizessem o que ele estava sugerindo. Ele lhes respondeu que não sabia, mas que aquilo era pelo menos a tentativa de um caminho alternativo, um sabor diferente, e mais do que tudo de encontrar um objetivo que fizesse algum sentido. Foi aí que acabou ficando sozinho, ouvindo que eles não iriam trocar o certo pelo duvidoso.

Reparou que os que nada sabiam, também tinham os olhos parecidos entre si, e a mesma habilidade da comunhão superficial que possuíam aqueles que acreditavam no objetivo que não fazia sentido. Isso o entristeceu, principalmente porque, no fundo, ele invejava essa capacidade que ambos

os grupos tinham de se relacionar com seus semelhantes. Secretamente nutria o desejo de poder fazer o mesmo com eventuais assemelhados seus.

O estágio seguinte foi o do isolamento, começou a evitar ao máximo o contato com ambos os grupos. Não concordava com suas maneiras de viver, como não conseguiria ter com eles momentos de integração, escolheu não ter nenhuma relação. Falava o absolutamente necessário para a vida cotidiana, viveria em seu mundo e eles nos deles. Conviveria como convivem animais diferentes em um zoológico. Essa fase durou pouco, ele começou a sentir-se extremamente sozinho e a indiferença que sentia pelos outros logo se transformou em raiva. Ficou agressivo, discutia por qualquer assunto, considerava-se superior aos outros, o mínimo deslize de quem quer que fosse o fazia explodir e jogar nessa pessoa a culpa por, mesmo julgando-se superior, não conseguir ser aceito.

Mas ele logo percebeu que não poderia viver odiando, resolveu então ceder um pouco, começou a fingir ser um deles, não importava muito qual dos dois grupos, conseguia passar-se pelos dois. Mas esse fingimento tinha limites, não conseguia contrariar seus ideais, apenas matava algumas horas com divertimentos rasos. Tentava sempre encontrar pontos em comum com essas pessoas, às vezes procurava acreditar em semelhanças que simplesmente não existiam. Quando as diferenças eram muito gritantes, recordava-se que todos eram seres humanos, esquecia-se da íris, da pupila e do brilho do olhar e reparava em como o branco dos olhos dos outros era parecido com o seu.

Dessa maneira conseguiu conviver bastante tempo com os outros. Entretanto, nunca foi aceito plenamente pelos grupos, da mesma maneira que nunca os aceitou de verdade. Viveu uma vida de meias mentiras, mas aquilo era suficiente para que ele não fosse considerado um elemento nocivo ao vilarejo. Consideravam-no alguém estranho, problemático, um fracassado que não havia encontrado seu caminho na vida, mas não incomodava, era um pesinho morto, inofensivo.

Por outro lado, ele começou a questionar-se sobre a vida sem sentido que levava, se o objetivo final da vida, para ele não fazia sentido, sua vida em si, fazia ainda menos. Não queria terminar seus dias representando um papel em que não acreditava. Perguntava-se constantemente em nome do que, continuava com aquela vida. A única resposta honesta que conseguiu foi, em nome do medo. Lembrou-se dos dias em que viveu odiando a todos, e chegou à conclusão de que ódio e medo são sentimentos parecidos. Ele apenas havia transformado o que sentia em algo que pudesse ser, socialmente, mais aceitável.

Esses foram dias de grande sofrimento, sentiu uma solidão profunda, estava perdido, todos os caminhos pareciam estradas sem saída. Mas sabia também que vivia um período de mudanças e honestidade, como nunca vivera antes. Suas feridas estavam expostas e as dores eram grandes, mas pelo menos tinha tirado a bandagem podre que por tanto tempo havia encoberto suas chagas. A longo prazo, o ar fresco só lhe faria bem.

Foi então que decidiu-se, sabia que no fundo desprezava a todos aqueles com quem convivia. Sabia que isso era errado e

que deveria respeitá-los. Resolveu partir para longe do convívio de quem quer que fosse. Não queria evitar os homens, queria um dia poder respeitá-los. Não sabia o que fazer e nem para onde ir, resolveu andar, quando percebeu as luzes do vilarejo estavam distantes e pequenas.

Ao seu lado a vida se manifestava com barulhos e as flores haviam voltado a aparecer ao longo do caminho. Ele estava vivendo um momento agradável e caminhava com gosto. Lembrou-se de como são volúveis os sentimentos e as coisas em geral. Mesmo assim, contrariando toda a lógica, desejou com todo seu coração que seu caminho continuasse florido e cheio de vida até o fim. Esse desejo, que era o contrário de como a vida funcionava, o fez pensar que talvez fosse necessário acreditar em algumas mentiras para se viver melhor. Não em qualquer uma, mas naquelas que percebesse que acompanhavam o ritmo natural da vida. Chegou à conclusão que a capacidade de acreditar em mentiras, sabendo-as inverdades, demonstrava uma grande sabedoria. Mesmo porque o que se considerava como verdade tinha bases muito frágeis. Um homem que conseguisse agir dessa forma teria compreendido o transitório e o eterno do instante. E talvez estivesse aí a chave que abriria a porta que ele tanto havia desejado atravessar.

Mas decidiu não preocupar-se com portas nem com caminhos, sentia-se fortalecido física e mentalmente. Parecia-lhe que ao mesmo tempo em que caminhava e descobria novas paisagens, seu cérebro fazia o mesmo e revelava-lhe um mundo de idéias desconhecidas até então. Era verdade que o que enxergava eram mais contornos do que paisagens, suas

essências continuavam escondidas pela noite. Podia ser que acontecesse o mesmo com suas idéias, ele já as considerava claras e bem definidas, mas somente quando a luz viesse é que elas se mostrariam por inteiras. Na profundidade de seus tons de cores e dimensões.

Lembrou-se dos caminhos horríveis que já havia percorrido mentalmente. Enquanto atravessava o riacho, percebeu que se estivesse de dia talvez ele pudesse enxergar seu reflexo nas águas. Imediatamente relacionou os maus caminhos mentais como um reflexo dos maus caminhos percorridos, um reflexo de duas vias que talvez pudesse ser aplicado a todos os aspectos da vida.

As perguntas começaram a chegar, ele não queria que elas se multiplicassem sem controle, mas também não poderia barrar-lhes completamente o caminho, deixou que algumas acontecessem: como sabemos que importância dar ao mundo mental e qual ao mundo físico? Esses mundos separados não seriam apenas duas versões mais e menos concentradas de um terceiro mundo, esse sim real?

Sabia que se não interrompesse, elas continuariam surgindo e ele não teria nenhuma resposta a dar. Mas não se preocupou com isso, continuou andando e de repente foi surpreendido por uma resposta, que não se referia a nenhuma das duas perguntas anteriores: sim.

Assim como de manhã, ao acordarmos somos ingênuos e nos movemos como crianças, ao longo do dia vamos ganhando agilidade e atingindo nossos limites físicos e mentais, no final

da tarde estamos cansados e já acumulamos um dia inteiro nas costas, e à noite nossa consciência acompanha o desgaste de nosso corpo e desprende-se dele.

Dessa vez os espelhos estavam invertidos e a resposta veio antes da pergunta, mas essa logo em seguida apareceu: não seria o dia uma miniatura da vida?

Ele divertiu-se com a inversão e chegou à conclusão de que muito mais coisas poderiam estar invertidas, o que significava que não existia, de fato, lado de cima e lado de baixo. Olhou para o céu e imaginou-o como um grande chão, onde as estrelas seriam as conchinhas da praia, e ele alguma espécie de caminhante, que de cabeça para baixo conseguia se equilibrar num planeta qualquer sem despencar.

Continuou caminhando e pensando: já que, em cima e em baixo, são lugares assim tão relativos, não seria relativo também todo o resto, todos os pares de opostos? E em assim sendo, a verdade, ou pelo menos algo que se aproximasse dela, não estaria sempre o mais longe possível das aparências mais evidentes? Escondida em algum meio-termo sutil e desconhecido, alguma esquina esquecida onde o vento faz a orquídea mover-se. E para que alguém conseguisse observar seus movimentos, seriam necessários silêncio e esquecimento. E para que além dos movimentos, alguém consiga enxergar a verdadeira cor, é necessário um mergulho sem volta dentro de si mesmo, um auto-afogamento de seu ser conflitante, para que das águas emerja o novo homem, que trará nos dentes as orquídeas que quiser.

Seus pensamentos haviam percorrido tanto o caminho das flores, que ele pensou em arrancar uma para observá-la mais de perto. Talvez depois da curiosidade satisfeita ele simplesmente a jogasse fora. Imaginou-a apodrecendo no meio da lama. Lembrou-se das idéias que acabara de ter, uma flor arrancada era apenas a aparência de uma flor, já essas milhares de outras que estavam encobertas pela noite, e que ele não conseguia enxergá-las, estavam muito mais próximas de ser o que é a essência de uma flor. Desistiu de arrancar e até de aproximar qualquer uma dos olhos para enxergá-la melhor. Aquelas flores estavam exatamente onde deveriam estar, e ele também.

Estava tentando se aproximar do que existe de mais sutil... percebeu que o caminho era árduo e complicado, cheio de pistas falsas e bifurcações. Teria de deixar pelo caminho muito peso interno que carregava desde criança. Lágrimas pesadas escorreram de seu rosto. Ele lutava para ser sensível e poder enxergar o que os outros não viam, então tudo o que não fosse puro teria de ser botado para fora.

Gritou e xingou, maldisse a tudo e a todos, despejava o lixo no meio da natureza, sua cabeça doía, seus machucados doíam, a farpa de madeira parecia que havia começado a se mover dentro do braço. De repente a tempestade passou. Não sabia se por causa de seu esforço ou não. O que começou a sentir foi fome. Talvez esse despejar de instintos primários é que tenha atraído a fome, mas de qualquer forma, mais cedo ou mais tarde ela viria mesmo. Não se lembrava quando havia feito sua última refeição, o que tinha acontecido ainda no vilarejo parecia encoberto por uma bruma que tornava tudo distante.

Desde que iniciara o caminho, não tinha visto nada de comestível, mas talvez existissem árvores frutíferas encobertas pela escuridão e esperando a manhã para poder existir. Em um caso extremo poderia comer flores, mas a fome estava no começo. Bebeu bastante água no riacho e lembrou-se novamente do peixe verde brilhante que logo no início do percurso havia imaginado engolir. Imaginou-se engolindo-o, e o peixinho crescendo dentro de si até o tamanho exato de seu estômago.

Não sei se com seu esforço ele aprendeu algum segredo, ou se então estava apenas fingindo que reflexos podem apresentar formas físicas, mas o fato é que sua fome acabou. Sentiu até o peso no estômago de quando se exagera numa refeição.

Nova mudança, com a satisfação, verdadeira ou falsa, de seus instintos primários, ele acabou esquecendo-se do esforço e das lágrimas em sua busca pela essência do sutil. Agora, ao contrário, pensava no mundo físico, o alimento, o calor, o sono, e desta maneira trazia para junto de si também todos os opostos do que estava desejando.

Pela primeira vez começou a sentir medo da escuridão, suspeitava dos menores barulhos, olhava constantemente para trás e sempre parecia que tinha enxergado um resto de sombra que não fosse a sua. Quando ele estava na mata fechada e temeu nunca mais conseguir sair de lá, havia ao menos uma razão concreta para o medo, mas agora apenas a ausência de luz já era suficiente. Atrás de cada árvore imaginava um inimigo, olhava para cima e para baixo, de qualquer canto poderia partir um ataque. Ele era o alvo do universo.

O medo consumia todas suas energias, contraindo seus nervos e fazendo seus dentes apertarem-se uns contra os outros. Ele roía as unhas até machucar os dedos. Olhou para seu ferimento e enxergou-o bem maior do que antes, a farpa que estava sob sua pele também parecia ter aumentado de tamanho. O machucado no joelho, que nunca havia incomodado, agora dificultava sua caminhada.

Não conseguia vigiar ao mesmo tempo tantos possíveis inícios de seu fim, e esse vertedouro de energias estava esgotando-o. Queria simplesmente deitar no chão, mas aí estaria entregando-se de vez aos inimigos. Sua mente e seu corpo começaram a entrar em conflito, um queria prosseguir o outro não. Começou a desconfiar de si mesmo, não estaria ele mesmo conspirando para o próprio fim? Parado, virava-se para todos os lados, percebeu então que sua parte conspiratória havia vencido e ela era que o tinha feito parar de caminhar. Continuou a andar e a situação foi só piorando, além de ter medo de si mesmo, agora temia o próprio medo.

Não sabia mais o que fazer, se andava, se parava, o medo é pesado, e carregá-lo dessa forma esgota qualquer um. Agora parou porque seu corpo não mais o obedecia, suas pernas tremiam de tanto esforço, deixou-se cair no chão. Olhava o céu estrelado e temia-o, imaginou um imenso raio saindo do céu sem nuvens e fulminando-o. Sentia cãibras por todo o corpo, não podia se levantar, e sem poder vigiar todos os lados, seus medos começaram a acumular-se e sobreporem-se. Ele entrou num estado alterado de consciência, seus medos diminuíram um pouco e ele adormeceu.

Acordou melhor, ainda sentia algumas dores musculares mas após se levantar e dar alguns passos elas foram diminuindo. Lembrava-se do pavor que havia vivido antes de adormecer e aquilo tudo lhe pareceu uma imensa fraqueza. Sentiu-se um pouco culpado por ter se deixado chegar naquele estado. Sabia que as coisas e os sentimentos mudam com grande velocidade, mas fazia parte do crescimento humano controlar excessos nessas mudanças.

Estava lentamente se recuperando, a primeira etapa tinha sido o reconhecimento de culpa. Percebeu que às vezes dava um grande passo à frente e em seguida três grandes passos para trás. Prometeu para si mesmo que isso não mais aconteceria. Em todos os sentidos, seria melhor que seu avanço fosse lento e seguro. Fez alguns exercícios para movimentar os músculos. Respirou fundo três vezes, concentrou-se, procurou esvaziar a cabeça de quaisquer pensamentos. Estava pronto para recomeçar, esperava haver transformado essa experiência em aprendizado.

Observou seus ferimentos com olhos neutros, eles não pareciam ter aumentado. A dor no joelho havia desaparecido e ele podia caminhar tão bem como antes. Lembrou-se de que havia decidido que, para melhorar, iria deixando todos os pesos inúteis pelo caminho. O medo talvez fosse seu fardo mais pesado. Decidiu que não teria mais medo, sabia que apenas decidir poderia não representar nada, teria de acreditar e praticar essa decisão. Cavar dentro de si até encontrar as raízes do medo e arrancá-las para que a planta não voltasse a nascer.

Para ele a raiz de todos os medos era a idéia de que as coisas têm apenas uma existência física, sem existirem paralelamente no mundo das idéias. A partir do momento em que um objeto ou uma pessoa existe apenas no mundo físico, ela está sujeita a desaparecer dele a qualquer instante, e aí nasce o medo. As religiões, o que faziam, era transportar esse mesmo mundo físico para um falso mundo de idéias, mas que continuava obedecendo às regras do mundo físico. Desta forma o seguidor de religiões tinha duas vezes mais chances de ter medo do que aquele que não as segue.

O mundo das idéias estava abrindo-se para ele, poderia ser seu refúgio e fonte energética. Sabia, porém, que precisava buscar um equilíbrio, não poderia viver num mundo onde ninguém tem um corpo a nutrir. Gostava do mundo físico e de suas sensações e não queria abandoná-lo. Nesse instante uma brisa noturna soprou trazendo o aroma das flores que estavam em volta. Era o mundo físico mostrando-se em sua exuberância, parecia que não queria perder um servidor fiel.

Como havia decidido pelo equilíbrio, aceitou o aroma das flores imaginando-as em sua beleza máxima. Mas logo percebeu que dessa forma estava apenas reproduzindo imagens físicas no plano mental, sem realmente modificar nada. O que teria de fazer seria imaginar a essência dessas flores, a idéia primeira, fonte geradora daqueles aromas. Dessa forma ele estaria moendo as folhas da vida para extrair-lhes o suco, e depois de bebê-lo, conseguiria enxergar como funciona a sutileza do verbo viver.

Fez várias experiências mentais nesse sentido, sabia que seu corpo não poderia ser esquecido nessa busca, respirou fundo, sentou-se confortavelmente e continuou experimentando. Às vezes alguma coceira o distraía, às vezes eram pensamentos inúteis que atravessavam seu caminho, mas ele seguia adiante. Queria entender a essência das coisas para poder se livrar de vez do medo. Aos poucos foi apurando sua sensibilidade e atingindo estados mentais que desconhecia. Mas não tinha idéia se estava próximo ou distante de compreender a essência de um objeto. Desconfiava que se conseguisse entender uma flor teria entendido todo o universo.

Resolveu então dar uma parada nas experiências, lembrou-se do equilíbrio. Apalpou seu ferimento, massageou seus pés que doíam, levantou-se e recomeçou a andar. Logo nos primeiros passos, a idéia de que poderia compreender todo o universo começou a cutucá-lo. Lembrou-se dos habitantes do vilarejo, e de como eles estavam distantes de entender coisas infinitamente mais simples. Pensou também no poder que adquiriria uma pessoa que conseguisse compreender tudo o que existe. Esse poder não deixaria de ser um imenso fardo. Peso que voltaria a causar desequilíbrio.

Talvez muitas coisas existam para não serem entendidas, o grande fardo do mistério poderia ser um imenso contra-peso natural, que ajudaria o ser humano a continuar existindo. Mesmo porque um mundo sem mistérios seria um mundo pobre de idéias, e se por um lado elas existem para explicar os mistérios, por outro elas não podem existir sem eles.

Cada vez mais acreditava que o homem, como participante dos mundos físico e mental, possui limitações em ambos, e não deve tentar excedê-las, sob pena de causar o desequilíbrio em si mesmo e nos outros. Talvez a idéia da imagem da flor que, no escuro exalou o aroma, seja o limite humano, talvez haja um estado intermediário entre essa idéia e o descobrimento da essência da flor. Mas a essência de todas as coisas estaria além de onde o homem pode pisar.

Agora estava entrando em um território lamacento, seus pés afundavam até a altura do calcanhar e ele tinha dificuldades para caminhar. Avançava lentamente e notou que a lama ia ficando cada vez mais funda e já estava quase na altura de seu joelho. Tinha de fazer bastante força para avançar e acabou perdendo na lama um de seus sapatos. Ouviu o coaxar de sapos e percebeu que estava em um pântano. Usou tudo o que aprendera durante a caminhada para manter o equilíbrio emocional e bloquear a entrada do medo.

Parou por alguns instantes, respirou fundo, percebeu que a profundidade da lama havia crescido até a altura de seu joelho mas parara por aí. Então, aparentemente, ele não corria riscos de afundar mais. Passo após passo foi avançando, como já havia perdido um sapato, resolveu livrar-se do outro.

Algo gelado tocou sua perna, pôde ver o contorno da cobra d'água sumindo na vegetação. Sobre a lama havia uma pequena camada d'água, mas era o suficiente para conseguir refletir a lua. Com seus movimentos, esse reflexo distorcia-se como num labirinto de espelhos, e pequenas luas iluminavam todo o

pântano. A lama em que caminhava era macia e gostosa de pisar, mas ele tomava cuidado com algumas pontas de raízes e pedras que havia no fundo, por isso caminhava devagar, admirando a nova lua que ajudara a criar.

Os sapos nunca tinham sido tão barulhentos, parecia que se comunicavam entre si anunciando a presença de um estranho. Ele os escutava sem enxergá-los. Desejou que uma poderosa luz iluminasse o pântano naquele instante, perguntou-se quanta vida ela revelaria. Ele poderia estar cercado por todos os lados, não somente por sapos, mas por outros seres silenciosos que o olhariam e não entenderiam sua presença por ali. Resolveu apagar o grande refletor imaginário e dar paz a quem merecia. Bastava sua presença ali, perturbando a vida de todos.

Olhava para cima e para baixo, e chegou à conclusão que a cópia parecia mais real do que a original. No reflexo, as manchas e rugosidades pareciam ter mais profundidade e a água ajudava a aumentar o brilho da lua. Olhando para a imagem refletida, reparou em cada detalhe, nas montanhas lunares, nas cores, na forma redonda, não pensou em nada nem quis fazer nenhuma relação com seus pensamentos anteriores. Divertiu-se dando um soco n'água e partindo a lua em mil pedaços. As várias pequenas luas refletidas estavam apenas esperando sua passagem para voltarem a se unir numa grande lua brilhante.

Notou que a profundidade da lama começou a diminuir e quando viu estava fora do pântano. Havia vivido um episódio divertido e conseguido manter o equilíbrio emocional. Mas

também tinha perdido seus sapatos e eles lhe fariam falta no terreno pedregoso que vinha pela frente.

Pensou em voltar para o pântano para tentar encontrar seus sapatos, mas seria pouco provável que conseguisse encontrá-los. Tentou então descobrir uma maneira de improvisar alguma proteção para seus pés. Se encontrasse alguma planta com folhas grandes, poderia rasgar um pedaço de sua camisa e amarrá-las nos pés. Mas não havia nenhuma planta por perto que pudesse servir para essa função. Teria de continuar descalço mesmo. Não seria fácil, porque além de não enxergar direito, o caminho estava cheio de pedras e pequenos buracos.

Teria de seguir com muito cuidado, mas mesmo assim os machucados seriam inevitáveis. Começou dando alguns passos e parando para limpar o pé das pedrinhas que ficavam grudadas nele. Essa técnica até que funcionava, mas sua caminhada se tornava muito lenta. Na verdade ele não tinha pressa de chegar a lugar algum, mas ainda carregava heranças da época do vilarejo, onde o tempo deve ser contado e valorizado.

A diferença da velocidade de caminhada atual com a anterior começou a deixá-lo ansioso. Tentou deixar a trilha e caminhar pelo meio dos arbustos, mas percebeu que era ainda pior e seus pés saíam ainda mais machucados

Aos poucos foi reparando nos pequenos ferimentos que foram aparecendo, cada vez que parava havia um número maior deles. Eram pequenos cortes causados pelos pedregulhos, mas em grande quantidade poderiam incomodar. Para sua alegria o riacho

havia voltado de uma de suas longas curvas e ele pode lavar seus pés e mergulhá-los na lama macia. Sentiu suas dores aliviadas e acabou se esquecendo da pressa inconsciente que carregava. Massageou seus pés e ficou sentado à beira do riacho sem pensar em nada. Sentia os pés e a força da água que os envolvia, sentia a textura da lama e a primeira idéia que teve foi que adoraria poder construir sapatos cuja parte de dentro fosse tão macia quanto a lama do riacho.

Depois percebeu que as águas e a lama tinham cumprido sua missão e era hora de recomeçar. Levantou-se como quem tem de cumprir uma obrigação, antes passou uma grossa camada de lama sobre as solas dos pés, sabia que aquilo pouco o protegeria, mas queria levar uma recordação dos instantes de alívio.

As dificuldades pioraram porque parecia que a quantidade de pedrinhas tinha aumentado, além disso, agora havia também pedras maiores e pontudas, cujos eventuais cortes seriam também maiores, precisava distingui-las no escuro e evitá-las. Era toda atenção ao caminho, sabia que um corte maior poderia comprometer sua mobilidade.

Nunca, desde que havia deixado o vilarejo, ele fora tão prático, bloqueou qualquer idéia que não fosse relativa ao caminho em si: calculava quantos passos daria até o próximo descanso, o tempo aproximado de cada pausa, estava sempre atento se ao redor poderia encontrar algo que servisse de proteção para seus pés. O resto do mundo não existia para ele.

Depois de mais algumas paradas, resolveu contabilizar seus cortes, já passavam de cem em cada pé. Eram pequenos,

mas se ele continuasse por muito tempo acabariam se unindo numa grande chaga. Decidiu esperar para que seus pés se recuperassem um pouco, sabia que isso pouco adiantaria, em todo caso massageou-os com cuidado e depois passou sobre as solas uma camada de lama. Sentiu que eles latejavam e decidi esperar até que isso parasse.

Notou que sua veia do pescoço também latejava, sentia-se como uma máquina que havia sido utilizada além de seus limites. Era preciso fazê-la repousar para que não se quebrasse. Como um dono de fábrica que não deseja que suas máquinas parem de produzir, ele observava seus pés, sentia a circulação de seu sangue, que aos poucos se acalmava.

Estava ansioso para continuar. Quando recomeçou, tentou usar mais as partes do pé que pouco se usa para caminhar, as laterais externas, que ainda não tinham sido machucadas. Pensou que desta forma distribuiria os cortes não afetando apenas uma área. Logo percebeu que andando desse jeito acabava forçando muito os músculos da panturrilha e as cãibras não demoraram a chegar.

Continuou caminhando do jeito antigo e reparando na expansão dos ferimentos nas solas de seus pés. Percebeu que havia se esquecido por completo do seu ferimento no cotovelo. Ocorreu-lhe a idéia de que sempre temos de estar preocupados com algo, se não houver nada criamos alguma preocupação antecipando problemas futuros. Por outro lado, nossa câmara de preocupação só comporta um problema, não importando se é real ou imaginário. Se um entra o outro tem de sair.

Ele não havia resolvido o problema do cotovelo, com o qual havia se preocupado tanto, mas ele já não o inquietava mais. Perguntou-se então porque havia gasto tanta energia com ele, se sua resolução não havia se demonstrado ser tão essencial assim.

Seu sorriso abriu-se e ele quase deu um grito de alegria quando viu bem ao lado do caminho uma árvore que parecia alguma espécie de palmeira. A base de suas grandes folhas era de uma madeira fácil de ser quebrada. Depois de algum tempo de trabalho ele reiniciou a caminhada vestindo uma espécie de tamancos improvisados.

As folhas côncavas adaptaram-se perfeitamente a seus pés, a substância porosa poderia absorver as gotículas de sangue e até ajudar na cicatrização. Ele caminhava mais rápido do que quando tinha sapatos, mas não tinha a mesma firmeza, a parte de baixo de seu calçado era fina deixando-o bem mais vulnerável a quedas. E foi o que aconteceu. Caiu sobre o cotovelo que não estava machucado. A princípio achou que só tinha esfolado um pouco a pele, mas assim que moveu o braço começou a sentir uma dor forte. Temeu haver fraturado o braço. Sentia-se como um grande saco plástico, todo furado e de onde vazava sangue.

Agora não era mais uma questão de controle emocional e nem de força de vontade. Se seu braço estivesse mesmo quebrado não poderia prosseguir. Além disso, teria de procurar por uma ajuda que não sabia se existia. Examinou seu braço e ele parecia inchado, com uma mancha, provavelmente roxa, bem no lugar da queda. Com o que havia sobrado de sua camisa improvisou uma tipóia. A dor era grande, porém suportável. Seus tamancos

continuavam nos pés, mas agora ele andava devagar, só um pouco mais rápido do que quando estava descalço.

Aquele inchaço poderia também ser apenas um hematoma causado pela queda. Procurou com todas suas energias pensar positivo e acreditar que aos poucos seu braço voltaria ao normal. A dor havia se estabilizado, mas qualquer movimento brusco tornava-a insuportável. Vários pássaros que dormiam na noite, voaram assustados por causa de seus gritos.

A noite parecia que havia atingido seu ponto mais escuro, e ele era um homem com dores no meio da escuridão. Sabia que esse tipo de situação era a porta de entrada para todos os tipos de pensamentos negativos e dos consequentes reflexos no plano físico. Sentou-se em um canto para melhor poder se concentrar na defesa contra as idéias que sabia que logo viriam. Sua tarefa não foi fácil, para onde quer que olhasse, os pensamentos aproveitavam o ambiente propício para brotar.

Resolveu usar como escudo as idéias que tivera anteriormente, quanto mais aparentes as coisas são, mais longe estão do real, então aquela noite escura que somada às dores, o tentava puxar para baixo, não passava de uma miragem transitória. O sol brilhante e um corpo sem dores estavam mais próximos da verdade, pois eram menos aparentes.

Em seu plano mental, imaginou a mais bela das luzes, raios difusos de um sol da manhã, não muito forte para não ferir as vistas, mas o suficiente para encher as pupilas com a quantidade exata de luz que elas precisam. Imaginou árvores

com folhas coloridas e uma relva muito verde. Nesse panorama ele corria, movimentava-se, deitava-se sobre as raízes, escalava os troncos para apanhar os frutos. Suas expressões faciais indicavam que toda a situação, a temperatura, a luz, o gosto das frutas e principalmente seu estado interior, combinavam e completavam-se, formando instantes de um prazer vivo e verdadeiro.

Escondido em seu canto escuro ele protegia-se com seu escudo de cores brilhantes. Muitos golpes de espada tentaram atingi-lo. Mas ele refugiou-se no prazer. Na verdade, nesses momentos esteve mais perto do que nunca de chegar perto da essência de algo. Percebeu que havia ascendido mais alguns degraus e não pôde conter um sorriso de alegria. Imaginou sua figura, no estado físico em que se encontrava, perdido no meio de uma noite escura, sem nada nem ninguém por perto, mas ainda sorrindo. Ficou orgulhoso de si mesmo e sorriu novamente.

Sentiu que a ameaça das idéias negativas havia passado, e agora precisaria recomeçar a pensar de forma prática. Verificou o braço, que não estava mais latejando, mas continuava doendo e inchado como antes. Recolocou os tamancos e conseguiu amarrá-los com apenas uma mão. Apertou bem a tipóia para que o braço balançasse o menos possível e recomeçou a andar.

Aos poucos as pedras foram desaparecendo e o caminho chegou a ficar completamente liso, apenas barro úmido. Pensou em retirar os tamancos e continuar a caminhar descalço, depois percebeu como havia sido difícil amarrar com um braço só as tiras que prendiam as folhas. Achou melhor ser previdente

e continuar com eles até ter certeza de que as pedras não voltariam mais adiante.

Algum tempo depois as pedras estavam de volta, no canto de seu lábio apareceu um esboço de sorriso. Ele estava apreendendo, ficou alguns instantes orgulhoso de si mesmo, mas logo em seguida seus lábios inverteram-se, mostrando descontentamento. Havia se lembrado de quando tentou tocar as estrelas. Todo seu aprendizado e sabedoria não passariam de uma mão abrindo-se e fechando-se na direção da Via Láctea.

Sentiu-se pequeno e inútil. Sabia que não deveria querer se comparar ao eterno, mas sim aos homens como ele. Na verdade, não deveria se comparar com nada nem com ninguém, era um ser único, estava existindo... e isso era o suficiente. Mas havia dentro dele algo que não se conformava, que queria respostas grandes para perguntas sem tamanho. E foi essa a razão, que no fundo, o fez sair do vilarejo. Sozinho ele achava que poderia ter mais acesso às respostas. O problema era que nem mesmo as perguntas ele sabia quais eram. E isso o angustiava como uma agulha colocada permanentemente sob a pele.

Quando olhava para cima e não enxergava fim no que via, aquilo lhe pesava um pouco sobre os ombros, sabia que era por ali que deveria iniciar seu caminho, mas sentia ser algo grande demais para ele. Gostava de olhar para o céu, mas tentava abster-se dos pensamentos que não conseguiria dar conta. Precisava enxergar as margens do rio em que estivesse nadando.

Estava num beco sem saída, retroceder e avançar lhe pareciam duas possibilidades igualmente assustadoras, e não se sentia confortável onde estava. Quando vivia no vilarejo, constantemente mergulhava em períodos de grande desânimo, nada fazia sentido e a vida parecia uma grande espera. Agora ele se perguntava se não estaria exatamente na mesma situação de quando estava no vilarejo, à exceção de seu tremendo desconforto físico. Temia que seu sofrimento estivesse sendo inútil.

Por outro lado imaginou-se voltando para seu ponto de partida, tendo suas dores físicas curadas e inventando para si mesmo que todas suas opiniões anteriores não tinham passado de enganos. Esse pensamento lhe animou um pouco, porque percebeu que poderia ter tomado atitudes piores do que as que tomou até aquele instante. Mas continuava sem saber o que fazer, apenas prosseguia numa decisão que já havia sido tomada. Quis saber, se ainda estivesse no vilarejo, teria novamente reiniciado a caminhada?

Mas algo ainda mais importante que as perguntas sem respostas o afligia, as tiras que prendiam seus tamancos começavam a se rasgar. Se elas se rompessem ele tentaria rasgar o resto de sua camisa para fazer outras. Mas com seu braço no estado em que estava isso seria bem difícil. Começou a andar mais devagar para não forçá-las, mas pensando no que faria caso elas não resistissem. Decidiu que sem uma proteção para os pés e com seu braço naquele estado, ele não continuaria a caminhar em nenhuma das duas direções. Sentar-se-ia no chão e aguardaria o que a vida lhe mandasse. Não estaria desistindo,

estaria apenas invertendo o fluxo, que antes passava por ele para desaguar no mar, e que agora o teria como oceano.

Sentia as fibras do tecido cedendo a cada passo que dava. Procurava pisar sempre da maneira que menos as forçasse, mas desse jeito acabava forçando mais os músculos do pé, que já estavam doendo. Sentiu-se triste, pois sabia que não estava preparado para ser oceano. Todos os pequenos prazeres que tinha quando vivia no vilarejo voltaram-lhe à mente e ela encheu-lhe os olhos. Forçava ao máximo os músculos dos pés para que as tiras pudessem sobreviver, caminhava quase sem flexionar os joelhos para que o impacto sobre elas fosse mínimo.

Estava fazendo a sua parte, tinha até esquecido que seu braço doía. Refletiu sobre sua eventual desistência, ele sentado no meio da mata, ferido e no escuro, apenas aguardando que a grande onda de conseqüências desabasse sobre si. Não temeu as conseqüências em si, o que o amedrontou foram as eventuais idéias que teria enquanto estivesse esperando. Temeu-as. Temeu-se.

O caminho agora não tinha pedras. Ele sabia que essa condição era provisória, mesmo assim alegrou-se com isso. Logo em seguida uma das tiras arrebentou-se, cada olho seu derramou uma lágrima. Tentou com apenas uma das mãos dar um nó no ponto que havia se rompido. Não conseguiu, tirou o resto da camisa que vestia, mas com as duas mãos já havia sido difícil rasgar o tecido, com uma seria impossível. Teve a idéia de fixá-la no chão com um dos pés e tentar cortá-la com alguma pedra pontuda. Mas não havia pedras por perto, o caminho de terra batida era perfeitamente liso. Procurou pedras e não as

encontrou, decidiu livrar-se do outro tamanco, prosseguiria de qualquer maneira.

Sentiu a terra úmida e lisa sob os pés, teve prazer, estava feliz com sua escolha. Lembrou-se do peixe verde que não existia e que temeu engoli-lo, dessa vez sentiu-se como o peixe que consegue escapar de ser engolido. Estava agora nadando em seu rio de terra úmida e os passos fluíam como água na correnteza.

Diminuiu um pouco a velocidade, apenas por causa de seu braço que balançava muito na tipóia. Parou para examiná-lo e, não sabia se era impressão sua, mas ele parecia um pouco menos inchado, a dor também diminuía e ele havia parado de latejar. Não quis precipitar-se em alegrias e resolveu continuar com os mesmos cuidados que vinha tendo.

O caminho continuava completamente liso, apenas a terra havia amolecido um pouco mais, grudando nas solas dos pés e chegando a fazer cócegas quando desgrudava. Percebeu que não tinha sido um bom estrategista, não devia ter abandonado os tamancos. Esse pensamento chegou exatamente quando o contato de seus pés com a terra estava lhe proporcionando um grande prazer. Identificou o medo querendo retomar seu lugar. Imediatamente livrou-se da culpa de não haver trazido os tamancos e sublinhou em sua mente a idéia de que era uma estupidez carregar-se de pesos inúteis.

A cada passo que dava, a terra úmida entrava por entre seus dedos exalando um odor vivo e fazendo soar um barulho de movimento. Esses ingredientes pareciam ajudá-lo a cicatrizar.

Suas feridas ainda estavam abertas, mas ele estava ajudando a que a crosta se formasse.

Começou a reparar nos cheiros da noite, em como eles se modificam e se misturam, aliás como todo o resto. Lembrou-se de como são rápidos e eficientes os esquecimentos dos bons momentos vividos. Deixou-se mergulhar na piscina noturna de cheiros. Reparou na sutileza das misturas de odores se sobrepondo. A relva molhada, a terra úmida, a resina que escorria pelo tronco das árvores, as frutas caídas derramando seus sucos na terra. Não enxergava as fontes desses cheiros, mas conseguiu distingui-los bem, e dentro de sua mente eles eram bem reais.

Lembrou-se da fome que sentia há algum tempo atrás e que agora havia sido esquecida. Se pudesse distinguir os cheiros teria acesso às frutas. Para isso teria de apurar sua sensibilidade. Seguindo nesse raciocínio chegou à conclusão, de que apurando sua sensibilidade de uma maneira geral, poderia ter acesso a muitas outras realidades que permaneciam encobertas. Mas sabia que não poderia se precipitar, teria de dar um passo de cada vez. Se conseguisse encontrar uma fruta na noite, através do cheiro, teria dado um importante primeiro passo.

Parou de caminhar e tentou separar os cheiros, a relva molhada se sobrepunha aos outros odores, mas sentia a presença de uma fruta que tinha caído de madura. Ela estava lá, escondida em algum lugar da escuridão. A brisa da noite, mesmo estando bem leve, poderia dissimular as direções das origens dos odores. Começou a caminhar lentamente em círculos, tentando identificar se o cheiro da fruta aumentava

ou diminuía. Percebeu que aquilo não seria fácil, perdia com facilidade o traço do cheiro. Desconfiou que poderia ter se enganado, ou até imaginado aquele odor.

Voltou para a posição inicial e o cheiro permanecia lá. Tentou distinguir na escuridão se poderia enxergar o contorno de algo que pudesse ser uma árvore frutífera. A vegetação estava compacta e não havia nenhuma silhueta muito alta. Moveu-se então lentamente na direção da mata, ficando atento para não perder a trilha do odor e confiando em seus olhos para distinguir contornos. Seus pés tinham saído do conforto do barro molhado e agora enfrentavam os espinhosos capinzais da beira do caminho. Entretanto, seu nariz parecia indicar que aquela trilha difícil é que levaria à recompensa. O cheiro de fruta aumentava à medida em que ele avançava. Novos cheiros de natureza apareciam, mas agora distinguia-se claramente o da fruta. Não se arriscava a dizer de qual era, mas imaginava sua cor, um amarelo-alaranjado, quase um fraco tom de marrom. Cor que se confunde com as sombras da noite, mas que de dia é presa fácil para os olhos distinguirem do verde da vegetação.

Ela estava lá, escondida, agora ele tinha certeza de sua existência. Começou a desejá-la, mesmo sem estar sentindo fome naquele instante. Imaginava-se dando uma dentada, via os sucos escorrendo por seus lábios, o gosto invadindo sua boca e o prazer chegando até seu cérebro. A cor que havia imaginado dava-lhe a idéia de maturidade, de que aquele fruto estava em seu ponto máximo de sabor e textura, e que de agora para frente só decairia.

Com cuidados redobrados para não ferir os pés nos espinhos, avançou rumo ao cheiro, a uma certa altura soube que estava realmente próximo da origem. O cheiro estava bem forte e agora vinha acompanhado de um outro, parecido, só que em estado mais avançado, eram frutos já apodrecidos.

Tinha certeza de que estava próximo, todos os outros odores da noite haviam diminuído bastante, era o alimento que contaminava os ares com mais força. Mas ele não conseguia ainda distinguir a origem, aproximou-se de alguns arvoredos e arbustos e começou a apalpá-los em busca de frutos. Conseguiu apenas alguns arranhões nas mãos. A medida em que avançava em direção das árvores o cheiro só aumentava. A vegetação era compacta e cheia de galhos secos que arranhavam. Ele fechou os olhos, cobriu o rosto com a mão que tinha livre e atravessou a barreira natural de galhos mortos.

Foram seus pés que primeiro sentiram a textura das frutas caídas no chão. Elas estavam espalhadas pelo chão e também penduradas nos galhos. A princípio ele achou que fossem pêssegos, mas examinando o formato percebeu se tratavam de pêras. Conseguiu alcançar os galhos mais baixos que estavam carregados de frutos. Decidiu que a primeira que experimentaria seria uma das que estivesse caídas no chão.

Através do odor examinou algumas que já lhe pareceram apodrecidas. Continuou o exame apalpando as texturas até que encontrou uma que era macia sem ser mole, levou-a ao nariz e não havia sinais de deterioração. Com todo o desejo do mundo

deu uma grande dentada. O gosto pareceu-lhe perfeito, o exato ponto máximo de sabor na exata melhor consistência.

Alguns instantes a mais ou a menos teriam modificado aquele momento ideal. Lembrou-se de que tudo havia começado quando decidiu aumentar sua sensibilidade, e que o apuramento dos odores seria apenas o primeiro passo. E tinha dado certo. Ele sorriu contente porque aquele era seu primeiro instante de autonomia. A fruta possuía o tamanho exato de seu desejo. Se comesse outra estaria estragando aquele momento perfeito. Mas sabia que a vida era uma grande emenda de todos os tipos de instantes, então decidiu se prevenir. Colheu da árvore quatro pêras e colocou-as nos bolsos da frente e de trás. Em seguida procurou sair rapidamente de perto da árvore e voltar para a trilha. Não queria contaminar o instante, que ficaria registrado em sua memória como perfeito.

Enquanto caminhava pensava na importância de ter se tornado, pelo menos por enquanto, um ser autônomo. Havia ampliado suas fronteiras, poderia caminhar indefinidamente, conheceria as luzes dos dias, os pôres-do-sol, os pontos mais escuros e mais claros, observaria a natureza banhada de luz e submersa no escuro. E esse degradê fotométrico valeria também para todos os outros aspectos da vida, ele poderia apreciar os amargos e doces de tudo o que é humano, e fazer isso sem estar preso aos filtros sociais. Sentiu-se poderoso e sortudo, mas sabia que junto com o poder vêm as responsabilidades de exercê-lo. Lembrou-se também do vilarejo que agora lhe parecia um pequeno e escuro formigueiro. Com todas as

vidas espremendo-se em minúsculos corredores subterrâneos, lutando por suas sobrevivências individuais.

A idéia de que aquela árvore poderia ser a única que ele encontraria, diminuiu sua auto-confiança e aumentou o tamanho dos corredores por onde espremiavam-se as formigas de sua aldeia. De qualquer modo, independentemente se viesse ou não a encontrar outras fontes de alimentação, sabia que não poderia tudo ver nem tudo sentir. Talvez fosse uma formiga diferenciada, mas não deixava de ser formiga. Para caminhar mais longe e deglutir mais vida, precisava exercitar sua humildade. Perguntou-se então, se mesmo que a alimentação ao longo do percurso fosse garantida e abundante, e que ele tivesse todo o tempo e energia do mundo para exclusivamente buscar seus objetivos, se tudo isso o tornaria verdadeiramente autônomo?

Sabia que não importasse o quão favoráveis fossem as condições de sua busca e quão livres aparentassem ser suas escolhas, haveria sempre alguns fios invisíveis, que sutilmente curvavam a linha reta por onde ele havia decidido caminhar.

De qualquer forma não se arrependeu de estar carregando quatro pêras nos bolsos, e até ocorreu-lhe a idéia de parar de caminhar e morar ao lado da árvore, garantido dessa forma seu sustento e usufruindo de uma liberdade que não tinha no vilarejo. Rapidamente percebeu que não estaria fazendo nada mais do que fundar um outro vilarejo. Voltou então à memória, à volúvel memória que em instantes encobre arranha-céus de desejos e os substitui por montanhas de neve, que por sua vez derretem-se criando oceanos, ele havia tido sucesso em seu

primeiro exercício prático de aumento de sensibilidade. Queria seguir adiante, alçando vôos maiores.

Parou. Sentou-se à beira do caminho. Deu uma dentada numa das pêras. Ela lhe pareceu ácida e dura, jogou-a fora e ficou imaginando a fruta apodrecendo sem haver servido de alimento. Pensou que talvez os passarinhos pudessem comê-la, ou talvez os vermes. Ela não pereceria em vão, percebeu que as coisas de uma maneira ou de outra sempre acabam se encaixando e formando blocos. Que por sua vez encaixam-se em outros. Sentiu-se como a pêra mordida e abandonada na escuridão. Ele também estava à espera de seu encaixe, que o uniria a algo maior, e que por sua vez também faria o mesmo.

Esse momento prosaico de reflexão havia sido um passo na direção do aumento de sensibilidade. Ainda com o gosto amargo na boca procurou respirar fundo para que a vida continuasse escorrendo através dele, sem barreiras.

Deixou-se fluido, acontecendo como um rio que corre, e que no máximo emite notas tranquilizadoras de som. O escuro da noite ajudou-o a não se distrair com as ilusões das cores, as formigas e os formigueiros foram esquecidos, as dores no corpo anestesiadas. Estava só, sem nada nem ninguém, sem idéias ou desejos. Era um grande receptáculo esperando o gotejar da vida, momento puro de humanidade respirando entre as folhas cobertas de orvalho. Estava preparado para engolir todo o rio que despejaria suas águas sobre ele, entretanto o que veio foram as mesmas gotas de orvalho que molhavam a vegetação. Nenhuma grande revelação, nenhum aumento de percepção.

Voltou a sentir o gosto amargo na boca, engoliu a seco, percebeu que as coisas vêm sempre devagar, e que quando vêm depressa também vão embora depressa.

De qualquer forma, as gotículas tinham-no refrescado e ele estava bem. Sabia que tinha uma longa estrada a percorrer, mas sentia-se como alguém que duvidando de estar no caminho correto, acaba de enxergar uma placa indicativa confirmando que está. Sem que ele percebesse, sua pele absorveu as gotas de orvalho pelas quais ele havia se esforçado tanto.

Mesmo sem muita fome decidiu comer mais duas pêras. Elas lhe pareceram frutas corretas, longe da perfeição da primeira e do amargor da segunda. No momento em que se levantou para recomeçar a caminhar, se ele pudesse se enxergar, repararia que mesmo no escuro seus olhos brilhavam.

Continuou a caminhada como um semi vaga-lume humano que não tem noção de que emite luz. Sua meia felicidade continha uma metade de decepção. Sabia que seu tesouro estava escondido atrás de uma montanha, e que o único mapa para se chegar lá estava escrito na língua que apenas os sensíveis entendem. Sentiu-se como se estivesse em uma encruzilhada com diversas placas indicativas, que apontavam para múltiplas direções, menos para aquela que desejava ir.

Seus passos diminuíram de certeza e seu braço recomeçou a latejar, no outro braço sentiu a farpa de madeira sob a pele. Nesses instantes de indecisão o brilho de seus olhos só fez aumentar. Ele cruzou novamente com o riacho e aproveitou

para beber água, se tivesse tido um pouco de paciência repararia no belo reflexo da lua sobre as águas, e em como essa luz refletida era parecida com aquela que emitiam seus olhos. Mas ele estava distraído com seu pessimismo.

Se pudesse perceber a quantidade enorme de belezas que aconteciam a seu lado... mas ele tinha os olhos fixos nas miudezas da lógica. Procurava uma brecha que o levasse a retomar a estrada que o havia levado a descobrir a árvore frutífera no escuro.

Tentou esquecer-se das dores que tinham retornado, procurou com toda sua energia construir à força o caminho para a sensibilidade. Era prático: sentou-se no chão, respirou fundo e esperou que o mundo lhe falasse. Mas quem falava era ele mesmo, os velhos pensamentos vulgares em cadeia. Irritou-se e fez nova tentativa, outro fracasso que só aumentou sua irritação. Com ela vieram as cocceiras, seus dois braços coçavam e tornaram-se encarregados de coçar suas costas. Quebrou um galho seco que encontrou no chão e coçou-se sem perdão. Algumas gotas de sangue manchavam seus dois braços, mas por alguns instantes sentiu um grande alívio. A paz provisória de quem está no olho do furacão.

Mas o maremoto de ventos desabou com força total, foi seu olfato o emissário da má notícia, havia algo podre por perto. Muito mais perto do que ele imaginava. O cheiro vinha de um de seus braços. Não daquele que mais doía e que achava estar quebrado, mas daquele com a farpa de madeira. Ainda não tinha certeza se o que sentia fosse sinal de apodrecimento,

mas estranhava aquele cheiro, que o transportou para os piores cenários possíveis.

A condição volúvel de ser humano, que a essa altura já o havia feito esquecer de sua busca pela sensibilidade, pensava apenas no cheiro, em suas origens e possíveis conseqüências. Sabia que precisaria fazer alguma coisa, suspeitava que seu braço estivesse infeccionado e que a infecção pudesse matá-lo. Primeiro pensou em atitudes práticas, no que poderia neutralizar ou pelo menos diminuir seu problema. A essa altura, o que instantes atrás era apenas uma suspeita, agora já possuía a força de uma certeza.

Novamente a memória havia sido apagada pela emoção. Raciocinou então, como poderia usar os recursos que estavam à sua disposição para combater a infecção. O cheiro parecia que só aumentava e até começou a revirar-lhe o estômago. Sentia nojo de si mesmo. Voltou até o riacho e lavou bem o braço, mas isso pareceu só avivar o vermelho do ferimento e aumentar ainda mais o odor.

Pensou em amarrar folhas sobre o ferimento para que elas absorvessem um pouco da secreção, arrancou algumas de uma árvore, mas como tinha pouca mobilidade no outro braço e nada com o que amarrá-las acabou desistindo da idéia. Tentava imaginar o que poderia ajudá-lo, mas não enxergava nada que estivesse disponível. De repente um estalo, lembrou-se da sensação acolhedora que sentiu quando enterrou-se na lama para se proteger do frio. A terra estava meio úmida e ele decidiu cobrir seu braço inteiro de lama. Como não tinha nenhum conhecimento científico sobre o assunto, estava

assumindo um grande risco, sabia que poderia estar piorando ainda mais sua situação.

Com coragem esfregou a lama gelada sobre o ferimento, à medida que a terra desprendia-se de sua pele ele adicionava outra camada. Inicialmente a sensação foi agradável, a baixa temperatura parecia que anestesiava as dores e a terra úmida bloqueava o cheiro. Mas à medida que a lama escorria, o problema voltava a estaca zero. O cheiro trazia idéias e elas o desânimo. Imaginava todos os tipos de matérias vivas em estado de apodrecimento, depois imaginava as células podres de seu braço espalhando-se por todo seu corpo. Enxergava-se com olhos e língua, com idéias e vontades apodrecidas.

Seus olhos agora brilhavam por causa das lágrimas que se acumulavam com vontade de escorrer. Ele havia se entregado ao medo. Mas dessa vez seu medo não era dos sofrimentos que antecederiam uma eventual morte por infecção no meio da mata. Temia a morte em si. O que nela existe de humilhante e de derrota. Temia apodrecer, não mais existir, ser apagado da memória de todos, até daqueles que mais desprezava. Temia não mais poder agir, nem se mexer, não mais poder escolher... não mais nada.

Mesmo que a morte cessasse todos os sofrimentos, ele decidiu que preferiria a pior das dores à anulação completa. Sabia que ela era inevitável, mas usaria até a última munição que tivesse em sua batalha perdida. O medo tornava a noite ainda mais escura. A podridão fluuava no ar, sentiu vontade de tapar as narinas e respirar pela boca. Percebeu que estaria apenas

se enganando e irrigando ainda mais as idéias negativas, que sem poder sentir, estariam livres para inventar o avanço da infecção.

Pedi ajuda, gritou pelo equilíbrio emocional, acudiu-lhe a idéia de que aquele cheiro ruim, que lhe trazia tantas idéias negativas, era o resultado de uma reação de seu organismo. Aquelas secreções tinham origem em um desejo de vida e não de morte. E talvez o medo que estivesse sentindo fosse da vida e não da morte. E, sendo a morte inevitável e democrática como é, não faria sentido temê-la, pois seria algo como temer o ar ou o sol.

Perguntou-se, então, se realmente seu medo era da vida. Não conseguiu responder, não conseguiu identificar de maneira clara sintomas desse eventual medo, mas também não duvidava completamente de sua existência. Comparou sua vida com a de outras pessoas do vilarejo, tentava descobrir se elas também temiam a vida ou se então tinham descoberto uma maneira secreta de encobrir esse medo. Nada descobriu. Resolveu esquecer-se dos outros e prestar mais atenção em si mesmo.

Não seria todo seu ideário, de onde tinham nascido as razões que o fizeram abandonar o vilarejo, uma espécie de refúgio contra todos os sabores da vida? Eliminava os azedos que o incomodavam, mas para isso todos os outros gostos também desapareciam. Por um medo inconsciente de alguns instantes desagradáveis, viveria uma vida insossa. Não tinha certeza de que isso fosse verdade, mas a mera possibilidade incomodou-o bastante. Esqueceu-se completamente de suas dores físicas e mergulhou em busca de uma resposta.

Caso sua suspeita se provasse verdadeira, ele estaria caminhando pela estrada certa mas em sentido errado, e seus companheiros de vilarejo é que teriam o direito de enxergá-lo como uma formiga. Seriam eles que, mesmo inconscientemente, escolheram viver de maneira natural, não criando obstáculos para que a vida neles acontecesse. Por um instante sentiu-se o pior dos homens, mas logo em seguida percebeu que não conseguiria encontrar nem as grandes virtudes nos outros e nem os imensos defeitos em si próprio, que justificassem sua suspeita.

Revendo seus pensamentos, não eliminou a hipótese de ter criado para si um refúgio contra a vida. Mas atribuiu a seus conterrâneos uma mera condição de inconsciência, que quando dela evoluíssem, chegariam à sua posição atual. Tinha voltado a enxergá-los como formigas. Se o sentido em que caminhava não era correto, agora tinha voltado a ser, porque apenas ele decidia para onde estava indo.

Mas continuava tentando descobrir o quanto de medo havia em seus atos de coragem. Pensou nas possibilidades que existiam e que não eram aquelas que havia escolhido. Pensou em unir-se aos outros, mas guardando sempre um sorriso irônico que procuraria esconder. Talvez gritar, tentando convencer os outros de suas verdades. Julgava essas outras opções tão vitoriosas e derrotadas quanto a que havia escolhido. Eliminava a primeira porque a julgava puro egoísmo, e a segunda porque, para tentar convencer alguém de alguma coisa, seria preciso ter certeza do que se está dizendo.

Olhou para a noite que continuava escura e deixou de arrepende-se de escolhas. Não tinha chegado a nenhuma conclusão a respeito do eventual refúgio criado contra a vida. Talvez por essa razão, é que inconscientemente quis aproximar-se mais da natureza, que julgava a representante mais pura dela.

Mas a pergunta sem resposta ainda lhe incomodava, ocupando o espaço das dores físicas. Arrancou algumas folhas de uma árvore e ficou sentindo a textura, com os dedos conseguiu perceber os vasos por onde as folhas são nutridas. A vida acontecia com toda força a seu redor, os minúsculos vasos que nutrem a folha lhe pareceram tão importantes quanto seu próprio sistema circulatório. Ele era apenas mais uma folhinha na floresta da vida. A ironia da situação estava no fato, de para que ele sentisse estar imerso nesse oceano de vida, ele havia arrancado as folhas da árvore, matando-as. Percebeu isso e jogou-as no chão, esfregou os dedos como que para limpá-los, sentiu-se como alguém que havia acabado de acariciar um cadáver.

A verdade é um fruto cuja semente é uma mentira. Essa frase que atravessou-lhe a mente poderia explicar muitas de suas dúvidas. E explicaria de maneira simples: não há verdade que resista à verdade. Também não existiriam caminhos certos ou errados, porque todos eles teriam de, algum dia, ser percorridos. Cada vida seria como uma folha de uma árvore, e o objetivo maior de cada uma delas seria ficar o maior tempo possível presa a seu galho, deixando que as outras caíssem primeiro. Mas para a árvore é completamente irrelevante a ordem em que as folhas caem, e para um observador que não seja nem folha e nem árvore, é ainda mais irrelevante. Dessa forma, os grandes

dramas humanos são grandes apenas sob o ponto de vista de quem está envolvido neles. Sob um ponto de vista mais amplo, o da vida em si, esses dramas não têm nenhum sentido.

Ele sabia que esse raciocínio não poderia levá-lo muito longe de tudo que já havia vivido, afinal de contas ele era um homem e não teria como deixar de sê-lo. De qualquer forma, chegou à conclusão que era sempre bom conhecer outros pontos de vista, e que esse conhecimento poderia ajudá-lo a relativizar seus momentos de desespero. Nesses instantes ele poderia se lembrar que existe um mundo muito maior que o seu, e que está absolutamente imune a qualquer problema que lhe aflija.

Procurou guardar essa descoberta na parte menos vulnerável de sua memória. Feito isso, deixou-se atacar por alguns questionamentos oriundos da frase que havia iniciado seu raciocínio: se tudo tinha como origem uma mentira, então ela estaria espalhada por todos os cantos da existência e qualquer aspecto da vida, se bem investigado, logo revelaria suas inverdades... e assim sendo, toda a busca humana, mesmo as mais generosas e desinteressadas, obedeceriam a desejos alheios aos valores almejados... e todos os resultados dessas buscas, mesmo os mais sólidos e duradouros, seriam como rígidas tábuas boiando em um oceano, que pela precariedade da visão humana aparentaria eternidade, mas que visto sob o prisma da vida e não o dos vivos, seria o que existe de mais provisório.

Ao contrário do raciocínio anterior, percebeu que desse não poderia extrair nada de produtivo para sua vida provisória. Iria esticando as verdades até que todas suas certezas desaparecessem.

Teria de fingir para si mesmo que alguns valores são absolutos e imutáveis. Lembrou-se de uma vez ter assistido a um documentário sobre um homem que se perdeu no deserto e começou a enxergar miragens de oásis que não existem, perseguiu-os um após o outro sempre se decepcionando. Até que, finalmente, quando suas energias estavam no fim, chegou a um vilarejo onde lhe deram água e comida e lhe trataram das queimaduras do sol. No filme, o homem dizia que mesmo passados tantos anos de quando se perdeu, ainda não tinha certeza de que tudo ao seu redor era real. Ainda temia ter vivido todos aqueles anos numa espécie de longa miragem. Que na verdade poderia ser uma peça pregada pelo tempo, o que para ele foram longos anos, na verdade não teriam passado de algumas horas.

Precisava recomeçar a andar, tinha de desenterrar seu lado prático do chão, ele estava encoberto pelos escombros do pensamento livre. Mas antes que desse o primeiro passo havia uma questão que o incomodava e pedia-lhe um pouco de atenção... o tempo tinha sido mentiroso, essa frase espetava-o, trazendo consigo todas suas infinitas implicações... o que diabos era o tempo afinal de contas?

Um líquido que não se pode engarrifar e que para cada um tem um gosto diferente, garrafas que aparentam estarem vazias e que se confundem com outras, que de fato o estão. O único vencedor no jogo da vida... aquele que tudo destrói, enferruja, derrete montanhas, dissolve civilizações e idéias... a grande onda que corre pelo horizonte da eternidade e que precisa de barreiras que serão engolidas, para que sua grandeza seja demonstrada.

Acabava de descobrir que até mesmo o tempo tinha suas fraquezas. Se ele nunca encontrasse eventos que pudesse amassar, demonstrando seu poder, percorreria as bordas do eterno até começar a perder suas forças, e finalmente ser engolido pelo horizonte calmo e sem perturbações.

Mas não podemos escrever a biografia de alguém tendo como informação apenas sua data de morte, da mesma maneira, saber-se que o tempo é destrutível, não diz nada do que ele realmente é. Mas percebeu que teria de se contentar com isso, senão nunca mais daria o primeiro passo. Antes de caminhar olhou para as estrelas, lembrou-se de tudo o que havia escutado sobre estar enxergando o passado, e de todos os pensamentos e sensações que esse fato lhe trouxe.

Os pequenos canais de seiva que nutriam as folhas que ele arrancara da árvore voltaram a seu pensamento. O objeto brilhante que o havia inspirado em sua caminhada por uma nova vida, poderia não passar de um grupo de cadáveres emitindo reflexos. As miragens do deserto espalhavam-se por todo o universo carregando dentro de seu bojo sua semente de mentira.

Mas isso, ao contrário do que poderia parecer, não o abateu. Iniciou sua caminhada fortalecido. Imaginava seus músculos da perna em seu esforço vão, flexionando-se, imaginava seus ossos provisórios movendo-se, suas juntas trabalhando e desgastando-se. Imaginava-se muito pequeno, atravessando um pequeno bosque de um pequeno canto perdido de um planeta perdido. Mas olhava para os lados e para cima e não se sentia inferior a nada nem a ninguém.

Vivia seu momento de grandeza, mas não havia arrogância em seus olhos. Sentia-se a mistura do universo inteiro com o que há fora dele. O tudo e o nada compartilhavam igualmente de suas energias. Sentia ter deixado pelo caminho boa parte dos pesos que havia carregado durante toda a vida. Havia adquirido uma condição diferente, não sabia bem como defini-la, a palavra que mais se aproximava do que sentia, era independência.

Mas não queria se iludir, sabia estar tão longe da independência quanto sempre esteve e quanto qualquer um de seus conterrâneos estava. De qualquer maneira era muito bom haver se livrado de pesos inúteis que carregou por toda sua vida. Não sabia exatamente quais eram esses pesos, e enquanto procurava descobri-los, escutou um grito de seu lado prático “o tempo não importa, não perca o seu tempo.”

Reiniciou a caminhada, parecia que a mata escura era sua velha conhecida, sentia-se confiante e com as energias restauradas. Seus braços doíam um pouco, mas nada que o impedisse de continuar com vontade. Percebeu que aquela era mais uma etapa que havia atravessado, iniciava um novo capítulo com bastante história já acumulada.

O relevo agora tinha pequenas subidas e descidas, uma vegetação rasteira com algumas árvores isoladas, mas o interessante era que o riacho corria paralelo ao caminho. Não havia pedras no chão e a terra úmida massageava seus pés. A sensação de bem-estar em que vivia superava o desconforto das dores nos braços.

Um leve sorriso apareceu em seus lábios, lembrou-se da última pêra que tinha no bolso. Sentou-se despreocupadamente à beira do riacho para comê-la. Ficou escutando o barulho das águas, elas pareciam completamente escuras, desejou saber como os peixes enxergavam à noite, se eles dormiam, e caso dormissem, como não eram levados pela correnteza? Aquelas águas escuras, que não deveriam ter mais de dois palmos de profundidade, já escondiam mais perguntas do que as respostas que ele poderia dar. Decidiu que o mistério também tem direito à vida, e procurou esquecer-se dos peixes, estivessem eles acordados ou dormindo.

Tirou a fruta do bolso e saboreou-a sem pensar em nada. O gosto ajudou-o, pois sem estar no ponto ideal de sabor, a pêra tinha uma consistência macia e um gosto levemente ácido. Uma série de pensamentos sem importância quiseram se aproveitar desses instantes de relaxamento para invadi-lo. Conseguiu espantar todos concentrando-se no ruído das águas. A brisa noturna soprou sem trazer frio.

Procurou um lugar confortável à margem do rio e deitou-se de barriga para cima. Com as mãos construiu um travesseiro de terra úmida. Lá em cima estavam as estrelas, mais brilhantes e numerosas do que nunca. Mas dessa vez não procurou mergulhar para tentar ser uma delas, nem tentou descobrir-lhes os segredos. Apenas as olhou em silêncio. Quem o observasse de perto repararia que elas refletiam em seus olhos. Mas não passavam daí, sua mente era preenchida apenas pela sensação do instante e não por idéias decorrentes dele. Em seus lábios

não havia expectativas ou decepções. Sem refletir sobre o tempo, o homem que vivia um momento de plenitude sentiu que aqueles instantes tinham se esgotado.

Levantou-se e procurou limpar a parte de trás de sua cabeça da terra que tinha se grudado aos seus cabelos, sentiu uma pontada de dor no braço que achava estar inflamado. A dor lembrou-o que ele não sentia mais o cheiro de podridão que antes exalava daquele braço. Levou o nariz ao braço e o cheiro era apenas o de sangue coagulado. Beijou a ferida e sorriu. Não sabia ao certo se o problema estava resolvido, mas achava que o pior já havia passado.

Dessa vez tentou não se esquecer dessa vitória, lembrou-se como facilmente esquecia-se das preocupações resolvidas. Procurou conservar essa alegria e emendá-la com o instante que vivia, queria criar novamente uma sensação de bem-estar. Sentiu-se bem, e isso o levou a refletir sobre como os estados de espírito podem ser auto-manipulados, de maneira que não precisemos viver à deriva, largados aos desejos aleatórios das marés. Percebeu que podemos construir barragens e até inverter as direções dos cursos dos rios, e nem por isso estaremos vivendo vidas artificiais. São técnicas mentais de auto-proteção que equivalem às técnicas físicas de luta contra o frio ou a fome.

Sua onda de positividade aumentou quando ele resolveu examinar o braço que achava estar fraturado. Com cuidado desamarrou a tipóia que o prendia. O braço doía, com cuidado foi tentando abri-lo para ver até onde conseguia. Para sua grande surpresa conseguiu abri-lo completamente. Isso indicava que

não estava fraturado, devia ser uma luxação ou algo equivalente. De qualquer maneira resolveu ser prudente e refez a tipóia.

A prudência também foi utilizada para que os instantes de positividade em que vivia não se transformassem em euforia. Sabia ser ela tão inimiga do equilíbrio quanto o desespero. Tranqüilo, procurou refletir de forma clara, os problemas pelos quais havia passado mostravam-se menores do que aparentavam inicialmente, mas de todo jeito eles continuavam existindo e exigindo cuidados para que não aumentassem seus tamanhos. Achava que na situação em que se encontrava, o melhor cuidado para seus braços seria simplesmente não forçá-los, deixando que o organismo continuasse com seu trabalho de recuperação.

Lembrou-se de como há pouco tempo atrás eram seus pés que mais o preocupavam, mas desde então o caminho tinha sido liso e sem pedras. Na infância ele havia aprendido alguns fundamentos de xadrez, e agora comparava seu percurso com as possibilidades que se abrem e se fecham com cada escolha de movimento. Só não soube responder se, como no xadrez, ao final de cada partida, há um vencedor ou não. E mais do que isso, no xadrez a força motriz do cérebro do jogador é a busca pela vitória, no seu caso não sabia qual era, talvez um instinto de sobrevivência, mas seguramente não era só isso. Montanhas submersas no inconsciente escondiam essa resposta.

Não era hora de buscá-la. Queria ajudar a inércia para que a onda de positividade em que estava vivendo prolongasse-se o máximo possível. Começou a pensar em seus companheiros de vilarejo, o que estariam fazendo naquele instante? Deviam estar

todos dormindo. Isso não lhe interessava, queria imaginá-los em suas atividades cotidianas, reparar em como eles repetiam sempre os mesmos atos, em como suas comunicações usavam sempre as mesmas palavras, porque espelhavam as mesmas idéias.

Imaginou, então, um dia inteiro na vida de um habitante do vilarejo, como não conhecia em profundidade o cotidiano de nenhum deles, juntou fragmentos de vários em uma pessoa fictícia. O caminho agora era absolutamente plano, a terra macia lhe dava tranqüilidade para reflexão e não havia praticamente nenhuma vegetação nem som de animais para distraí-lo.

O homem fictício acordou cedo porque precisava trabalhar. Seu sono não havia sido bom, não se lembrava dos sonhos, mas sentia que as preocupações cotidianas tinham inventado uma história noturna para se manifestar. Aliás, essas preocupações ocuparam todos os instantes de preparação antes que saísse de casa. Esse homem era casado e encontrou sua mulher na mesa do café da manhã, trocando com ela algumas palavras mecânicas. Nesses instantes, ainda cansado pela noite mal dormida, ela era para ele tão viva quanto o relógio de parede ou algum outro objeto que se movesse um pouco.

Enquanto caminhava até seu local de trabalho estava alheio, meio zozzo, os miúdos pensamentos se misturavam às preocupações e absorviam todas suas energias mentais. Chegando lá, ele imaginou o trabalho desse homem fictício como sendo um misto de repartição pública com indústria. Havia a burocracia da primeira com o barulho e a necessidade de produção da segunda. Ele sentou-se numa mesinha apertada

numa grande sala com várias outras mesinhas apertadas e grandes máquinas que produziam algo o tempo todo. Sobre sua mesa havia vários quilos de papéis, pilhas que ficavam altas demais e despencavam sobre a pilha ao lado. Havia também muitos carimbos, grampeador, furador de papel, uma máquina calculadora com impressora, uma espátula para abrir correspondência, uma caixa com clips e outra com elásticos para dinheiro.

Sentado, começou a procurar algo. Revirava os papéis que estavam sobre a mesa, abriu as gavetas. Estava visivelmente irritado e desanimado. Encontrou o que procurava, mas isso não lhe trouxe nenhuma alegria, seus lábios continuavam refletindo seu estado interior. Carimbou duas vezes o papel e levantou-se para levá-lo para o outro lado da sala. Passou ao lado da grande máquina produtora e barulhenta. Seus ouvidos quase estouraram e para se proteger fechou os olhos. Chegou à mesa de quem deveria entregar o papel, era um homem muito magro e pálido com óculos de fundo de garrafa. Ele olhou apenas para o papel, rabiscou um visto e devolveu-lhe sem mover a cabeça. Voltou para sua escrivaninha passando novamente em frente à máquina barulhenta, desta vez além de fechar os olhos, comprimiu os lábios como se quisesse realmente fechar a boca.

Sentou-se em sua cadeira. Estava calor e ele suava, sua camisa começava a ficar grudada no corpo. Olhou para o grande relógio de parede que ficava bem no centro da sala. Olhou para as pilhas de papel sobre a mesa, parecia que tinha algo a fazer mas não sabia por onde começar. Pegou um papel

qualquer e começou a abanar-se, respirava com dificuldades, sua gordura que se concentrava quase toda na barriga, parecia que lhe minava completamente o fôlego.

Olhou novamente para o relógio e parou de se abanar, vasculhou a pilha de papéis e encontrou um que parecia fazer parte de seu trabalho. Colocou os óculos bem na ponta do nariz e fez algumas anotações em uma folha em branco. Às vezes parava de ler e olhava para os lados, observava a cesta de papéis amassados, o garrafão de água mineral, o descascado da parede, procurava evitar olhar para a grande máquina barulhenta.

A moça do cafezinho ofereceu-lhe uma xícara, ele aceitou meio envergonhado por estar olhando para os lados e rapidamente começou a escrever algo numa folha em branco. Ela era jovem e sem ser bonita atraía sua atenção, lhe dava a impressão de um ser vivo. Lembrou-se de sua mulher e do que realmente ela representava para ele... riscou tudo o que havia escrito na folha em branco... olhou para a máquina barulhenta, observou-a produzindo sem parar. Respirou fundo, abanou-se com seus papéis e olhou para o grande relógio da parede.

Decidiu parar. Não conseguia mais seguir imaginando o dia daquele homem que havia inventado. Sentiu-se um grande manipulador que estava jogando seus próprios defeitos nos ombros de outra pessoa. O riacho depois de um bom tempo voltou a aparecer trazendo seus barulhos calmantes. Ele parou um pouco e mesmo sem muita sede bebeu água e lavou o rosto. Enquanto bebia sentiu a força da correnteza pressionando de leve um lado de seu rosto. Isso levou-o a pensar se a direção

das águas de um rio não seria seu objetivo. E sendo o rio e tudo mais que existe, natureza, então naturalmente, ao contrário do que havia imaginado antes, ele também teria de buscar um objetivo definido na vida. Precisaria de um alvo.

Esse raciocínio lhe parecia lógico, mas ia contra tudo o que havia aprendido desde que começara a caminhar, principalmente aqueles momentos em que sentia que estava evoluindo, e que por isso mesmo tinham sido seus instantes de maior felicidade. Havia chegado a uma bifurcação, sabia que qualquer dos caminhos que escolhesse traria recompensas e arrependimentos, e que o pior que podia fazer seria ficar parado na bifurcação tentando escolher a melhor opção.

Foi conservador. Escolheu permanecer na estrada que estava percorrendo, o objetivo não estava no final, e sim espalhado pelos instantes que vivesse e os passos que desse. E mesmo assim, a palavra objetivo talvez não fosse apropriada, porque ela pressupõe um lugar linear... ele não queria se perder em pensamentos a respeito do tempo, mas acreditava menos na linha reta e mais na panela de pipocas, onde os acontecimentos explodem ao redor das coisas e as coisas também são milhos aquecidos que explodirão ao redor dos acontecimentos.

Feita a escolha, esperou por ele. O arrependimento não demorou a chegar. Era um absurdo escolher algo que se opõe à lógica, pior que isso, era ilógico. Estava caminhando contra a correnteza da vida, desperdiçando o que nela havia de concreto. Por um instante pensou que ainda era tempo de escolher o outro lado. Em seguida usou a lógica, se o pior que podia fazer

era perder tempo escolhendo um dos caminhos, ainda pior seria escolher um, arrepender-se e escolher o outro. Esse outro caminho ofereceria tantas garantias e tantas possibilidades de arrependimento quanto o primeiro.

Apressou e fortaleceu os passos procurando construir uma certeza que não possuía. Tentou criar argumentos mentais que solidificassem sua decisão. Mas cada um que surgia vinha acompanhado de seu contrário. Tentou fugir, cores, números, mas sabia que aquilo acabaria levando-o a um estado de confusão mental. Lembrou-se do homem fictício que havia criado, decidiu que iria deixá-lo continuar a viver:

O grande relógio de parede soou como um despertador, que estava ali para fazê-lo acordar de um pesadelo. Ele levantou-se, foi até o banheiro e olhou-se no espelho. Seus olhos encheram-se de lágrimas com o que enxergou. Seu retrato físico decadente prenunciava uma velhice doentia. Mas isso era o que menos o incomodava, o que o destruiu por dentro foi enxergar o ser amortalhado que havia se tornado. Seus olhos denunciavam que tudo nele era pequeno e mesquinho, que ele havia escolhido viver a parte apodrecida da vida, desprezando tudo que não estivesse deteriorado.

Saiu do banheiro e voltou para sua sala de trabalho. Aproximou-se da grande máquina barulhenta, encostou nela, o barulho parecia não incomodá-lo mais. Seus companheiros de trabalho olharam-no, todos assustados. Ele urinava na máquina. Seu pênis estava muito próximo das grandes engrenagens de aço que se moviam com grande virilidade. Ele parecia nem

notar o perigo de ser castrado. Quando terminou, guardou o pênis que derramou ainda várias gotas de urina nas calças. Saiu sem dizer nada a ninguém.

Caminhou um pouco pelo centro do vilarejo, parecia confuso e seus olhos estavam mudados. Na praça central encontrou um vendedor de flores, comprou um grande buquê de rosas vermelhas. Pediu ao vendedor que lhe entregasse as flores como se estivesse presenteando-o com elas. Ele pagava pelo prazer de receber rosas vermelhas. Sorriu com alegria e surpresa quando segurou o buquê nas mãos. Abraçou-se a ele e cheirou cada um dos botões. Em seguida sentou-se em um dos bancos da praça, o sol estava forte e ele suave. Enfiou o dedo no sovaco que veio molhado, chupou o dedo sentindo o salgado do suor. Aquele gosto saído de si mesmo lhe parecia uma grande novidade. Continuou sentado escutando os barulhos ocasionais do vilarejo e sentindo a ação do sol sobre sua pele. Foi até o coreto que havia no centro da praça, subiu os três degraus e continuou olhando para a vida, que sutilmente acontecia ao seu redor.

Pronto. Ele já não pensava mais que tinha pego o caminho errado. O homem fictício havia ajudado-o a continuar a caminhar sem remorsos. Porém sabia que tinha se utilizado de um artifício provisório e que não poderia depender disso em outras ocasiões. Mas o importante era que havia funcionado, não sabia como nem por quê.

Mesmo tendo sido seu autor, não havia compreendido essa segunda parte da história de seu personagem fictício.

A primeira pergunta que aterrisou foi a mais óbvia de todas, quanto desse homem vinha dele mesmo? Achou-a tão óbvia que nem se preocupou em respondê-la, mas percebeu que mesmo que quisesse não saberia fazê-lo.

De qualquer forma o episódio deixou-o ciente de que a criatividade era uma arma que possuía e que poderia usar em momentos de necessidade. Cada passo dado vai aos poucos eliminando a memória dos anteriores, e como já tinha caminhado bastante desde que teve a dúvida sobre qual caminho percorrer, o esquecimento havia soterrado a outra possibilidade.

Seu cérebro, que havia zerado as dúvidas, agora possuía espaço vago para idéias e preocupações. Mesmo sem se lembrar porque esse espaço existia, ele percebeu isso e tentou preenchê-lo com algo alegre, que ajudasse a manter sua onda de positividade. Procurou se lembrar dos melhores momentos de sua vida. Vasculhou sua memória em busca desses instantes e logo percebeu que eles eram realmente instantes. Relâmpagos de curta duração que produziram uma luz que muitos anos depois continuava armazenada em sua memória.

Esboçou um leve sorriso dentro do qual estava incluído também uma certa melancolia. Cada recordação agradável trazia junto de si a tristeza por existir apenas como memória. Mas o pior era que nada vinha solto. Junto com os momentos felizes vinham amarradas as situações em que esses momentos tinham ocorrido. E o grande novelo continuava se desenrolando até chegar às razões pelas quais havia decidido abandonar o

vilarejo. Quando percebeu estava novamente emaranhado em ódios e julgamentos.

Percebeu isso a tempo e procurou se esquecer dos bons momentos vividos, queria cortar o novelo em seu começo para se desembaraçar da parte que não lhe interessava.

Após o corte sentiu que algo o incomodava. Era aquilo que havia temido, mas cujo temor tinha sido encoberto pela sucessão de pensamentos. Seus pés estavam perdendo o conforto da terra macia, as pedras estavam de volta. No começo eram pedrinhas pequenas que incomodavam um pouco, mas não impediam que ele continuasse, mas elas foram aumentando até chegarem a pedras pontudas quase do tamanho de seus pés. Aquele caminho não era feito para se andar descalço. Foi obrigado a parar. Sentou-se sobre uma pedra grande e tentou imaginar uma saída. Analisando todas as possibilidades não encontrou nenhuma, se continuasse iria destruir seus pés, que para ele tinham uma importância muito maior do que seus braços.

Lembrou-se dos tamancos feitos com folhas de palmeira, de como tinham sido úteis. Lembrou-se também que os havia jogado fora. Mesmo percebendo que a vida funciona em ciclos repetitivos, jogou-os fora. Questionou-se então se talvez, inconscientemente, ele não havia desejado estar exatamente na situação em que se encontrava. Não conseguiu chegar a uma resposta, mas não encontrou razões sólidas para que desejasse se auto-punir de maneira tão severa. Atribuiu a falta de prevenção a um puro relaxo, sentiu-se estúpido.

Rapidamente esqueceu-se de tudo que havia aprendido durante a viagem, tudo isso foi encoberto por uma grande onda negra de ódio. Primeiramente o sentimento tinha como alvo ele mesmo, começou a chutar mentalmente tudo o que para ele tinha valor, também com a mente cuspiu em todas as crenças que lhe eram mais caras. Sentiu-se como alguém que tenta roubar uma casa mas fica entalado na chaminé e depois é ajudado pelos próprios donos da casa.

Gostaria de poder apertar um botão que o levaria imediatamente para seu quarto. Mas sabia que já havia caminhado bastante e o caminho de volta seria longo. Um longo caminho ridículo, imaginou-se passando pelos mesmos lugares que passou, só que agora sem expectativa nenhuma pela frente, apenas a confirmação do próprio fracasso. Além do que, havia uma questão prática, não conseguiria encontrar os tamancos no escuro, teria de esperar o dia nascer. Por um lado isso não deveria demorar a acontecer, poderia descansar esperando pela luz e depois recomençar a caminhada de volta para casa. Apesar disso parecer a escolha mais lógica, para ele era algo impossível de ser feito. Estava ilhado, voltar pelo mesmo caminho seria multiplicar por cem o ódio que sentia por si mesmo.

Os longos dedos escuros que o envolviam pareciam estar crescendo, e o sentimento negativo que traziam espalhava-se ao seu redor, começou a odiar o lugar que estava, o negro da noite e o barulho do riacho. Com seu grande poder de propagação, o sentimento escuro percorreu rapidamente todo o caminho de volta para o vilarejo. Ele odiava cada pedra de

sua cidadezinha. Quando percebeu que o sentimento avançava na direção dos habitantes, fez um último esforço tentando se libertar da grande sombra que encobria seu mundo.

Olhou para o lado em busca de palmeiras, queria construir novos tamancos que lhe permitissem enfrentar o caminho pedregoso. Mas não havia nada na vegetação com mais de dois palmos de altura. Esse novo pequeno fracasso teve o efeito de reforçar seu ódio, que agora abrangia cada pessoa do vilarejo, mesmo aquelas que ainda naquela noite antes de sair de casa, ele gostava. Todas as cores tinham perdido o brilho e todas as personalidades individuais se confundiam em apenas uma odiosa e fedorenta figura negra.

Se pudesse se enxergar no escuro, ele repararia como o vermelho inundava seu rosto. Essa grande nuvem negra sugava-lhe as energias, fazia seus dentes de cima friccionarem-se nos de baixo e seus dedos dos pés e das mãos moverem-se em vão. Sentia-se como uma banheira de água fria cuja tampa foi retirada e rapidamente vai se esvaziando.

Aos poucos o grande ser único a quem odiava foi se subdividindo e ganhando rostos conhecidos. Entrou então num estado de confusão mental, pois não sabia por qual dos rostos começaria a odiar e nem quais deles mereceriam mais ódio. Procurou organizar as prioridades lembrando-se das histórias individuais e das razões pelas quais os odiava. Essa tarefa parecia que aumentava a velocidade com a qual suas energias se esgotavam. Sentiu-se como uma banheira vazia onde só restam pequenas pocinhas de água suja.

Estava completamente esgotado, parecia que havia consumido até a lenha que alimentava o fogo de seu ódio, que aos poucos foi diminuindo. Todos os rostos individuais dos habitantes do vilarejo começaram a se reagrupar num grande ser de personalidade única. Aos poucos esse monstro começou a parecer menos pavoroso, e à medida que em seu próprio rosto iam diminuindo os tons vermelhos, a fera começou a perder os contornos, deixando cair no chão as longas presas e tendo seu nariz e olhos dissolvidos. A feiúra desapareceu e deu lugar a algo que não conseguia identificar. Essa nova forma não parava de se mover, ele olhava-a tentando compreendê-la. Aos poucos seus contornos foram se definindo, e logo tinham voltado a tornarem-se familiares. Ele estava olhando para seu vilarejo.

Sua memória lhe pintava um retrato fiel da geografia de sua cidade. A praça central, o comércio, as casas e as ruas. A calma do vilarejo arrefeceu completamente seu coração. Estava calmo e agora utilizava-se de suas recordações para passear pelo lugar onde tinha ligações emocionais. Enquanto fazia isso lembrava-se dos eventos ligados a cada canto.

Esses acontecimentos que pareciam vivos, de uma certa maneira continuavam acontecendo dentro de si... a percepção desse fato levou-o a ser cutucado por pensamentos a respeito do tempo, os eventos não parariam de acontecer depois de terminados. Apenas mudariam de frequência para continuar acontecendo na memória e depois mudariam novamente para acontecer sob a forma de símbolos. Desta maneira o final de qualquer coisa seria uma ilusão do mesmo nível que o começo dela.

A grande esfera multidimensional de eventos englobaria, além da ilusão do presente, tudo que já aconteceu e irá acontecer. Nesse instante em que tinha essas idéias, ele estaria também dormindo em sua cama, dando o primeiro passo do início de sua caminhada e morrendo. Mas como a morte seria apenas mais uma transformação, com uma aparência mais radical, mas no fundo tão importante quanto qualquer de nossas mudanças cotidianas, no fundo ele estaria como tudo, apenas participando da grande esfera multidimensional.

Atravessou-lhe uma pergunta: digamos que isso seja verdade e que as coisas funcionem dessa maneira mesmo, o que deve fazer alguém com um cérebro poroso, limitado e que vive preso ao tempo linear? Trocaria sua descoberta por um bom par de sapatos.

Voltou a lembrar-se de sua aldeia, mas a idéia de que estava fatalmente atado a seu destino linear, o fez desta vez lembrar-se menos dos locais e acontecimentos, e mais das pessoas. Seus companheiros de condição. Nomes e rostos foram surgindo, alguns conhecidos e outros que eram apenas lembranças de pessoas que eventualmente via. Lembrou-se também das pessoas que não gostava, mas dessa vez qualquer sentimento negativo tinha desaparecido. Todos eram igualmente seus companheiros, e nutria por eles uma grande simpatia que não fazia distinções.

Sua memória invadiu as vidas de seus companheiros de condição, lembrou-se de suas profissões, da maneira como

protegiam-se do frio, de como aproveitavam o sol sentados nos bancos de praças, de como se alimentavam, olhavam para os outros, de como às vezes enchiam o peito de esperanças e esvaziavam os olhos de lágrimas. Lembrou-se de suas pequenas felicidades cotidianas, de suas dúvidas e certezas, de seus sonhos, dos pequenos e dos grandes. Lembrou-se do salivar das bocas à espera do prato preferido, do nervoso do primeiro encontro de dois namorados, dos pequenos orgulhos, das pequenas alegrias, do frio na espinha que acompanha as doces expectativas.

As mudanças continuavam seu caminho, a simpatia que nutria por seus iguais foi se transformando. A imensa onda começou a se formar, no profundo oceano as águas começaram a se movimentar, forças escondidas foram unindo porções de água, correntes submarinas moveram-nas. Silenciosa, a grande parede de água se levantava, o oceano fornecia todo o material que ela precisava para crescer o quanto quisesse, e ela aumentou até o ponto de, para ele, tornar-se quase insuportável. Finalmente não pôde mais, e sua onda de amor arrebentou-se. Amava toda a humanidade. As águas invadiram seu vilarejo e molharam todos os habitantes, mas naqueles instantes seu vilarejo representava o gênero humano, os vivos, os mortos e os que ainda estão por nascer. Ninguém escapava de sua fúria amorosa. As pequenas diferenças que o separavam de seus semelhantes foram todas dissolvidas, e as grandes semelhanças ficaram evidentes a seus olhos. Reconhecia-se em cada ato que sua memória atribuía a seus concidadãos. Seus olhos transbordavam de uma imensa solidariedade, desejou abraçar alguém e sentir o coração dessa pessoa batendo junto ao seu.

Lembrou-se de alguns funerais a que tinha ido, e onde havia percebido que pessoas dos mais diversos tipos uniam-se em favor do morto. Na época, pensou que se aquela união conseguisse sair intacta do cemitério o mundo estaria definitivamente mudado. Mas o que sentia era mais forte do que isso. Não existia razão que fosse forte o suficiente para provocar qualquer desentendimento, a discórdia era um barco furado. No fundo de cada homem brotava uma energia feita de aceitação e generosidade, e como elétrons em uma corrente elétrica, essas forças sutis naturalmente se somariam e dominariam a humanidade, eliminando qualquer resquício de desamor.

Essa onda amorosa foi aprofundando suas raízes em seu peito, uma paz profunda tomou conta de seu coração, diminuindo a velocidade de seu fluxo de pensamentos. As pessoas amadas foram perdendo suas individualidades e misturando-se com a natureza, que estava a seu redor para formar um grande ser silencioso ao qual ele também pertencia.

Acariciou com as pontas dos dedos a própria mão, em seguida uma pedra. Naqueles instantes era irrelevante qual seria o objeto de seu carinho, nada era grande ou pequeno. O encantamento durou um tempo que não pertence ao tempo. Mas aos poucos seus pensamentos foram retornando à velocidade normal, e fazendo um balanço dos últimos acontecimentos. Ele havia percorrido todo o espectro emocional que um coração suporta. Havia sentido todos os tipos de sabores e guardava ainda as sobras de amor que lhe enchiam de bem-estar. Percebeu que tentar estocá-las

seria como guardar cubos de gelo no bolso, precisaria estar sempre renovando-as, ou então inventando uma maneira de produzi-las.

Sabia que se proteger contra o ódio era o primeiro passo para produzir amor, mas também que não poderia nunca viver na extremidade amorosa que visitara. Sua estrutura simplesmente não suportaria. Precisaria encontrar um ponto confortável onde pudesse ser sobretudo um bom condutor para aquela força luminosa que o havia invadido. Enquanto ainda possuísse uma personalidade e vivesse uma individualidade não poderia integrar-se àquele brilho eterno.

Sentia que tinha vivido mais intensamente nesses últimos instantes do que em toda sua vida. Mas ainda não conseguia deglutir racionalmente essa experiência, construindo com ela algo de proveitoso. Talvez fossem necessários anos para isso, talvez nunca conseguisse e aquilo seria sempre seu diamante secreto, que nunca poderia vender, mas que de vez em quando, sem que ninguém percebesse, observaria seus brilhos.

De qualquer forma percebeu que tinha vivido algo grande, que a maioria das pessoas nunca vive, e que ele também não viveria se tivesse ficado em casa dormindo. Orgulhou-se de estar onde estava, olhou para as pedras pontudas que lhe ameaçavam os pés. Parecia que o imenso fluxo energético que atravessara seu cérebro havia desmanchado barreiras inúteis e agora, mesmo as idéias práticas corriam com mais fluidez. Rapidamente imaginou dezenas de saídas possíveis para seu problema, cada escolha vinha acompanhada de suas conseqüências.

Não sabia como havia sentido tanto frio há apenas algumas horas atrás, mas o fato era que não sentia mais, seu raciocínio lógico utilizou-se de parte do problema para sua própria resolução. Ficou nu. Com as pedras pontudas que lhe ameaçavam os pés, conseguiu cortar ao meio suas calças e seu cinto. Dobrou várias vezes os dois pedaços de tecido formando uma espécie de chinelo macio. Com os dois pedaços de sua cinta amarrou nos pés esse chinelo. Não tinha certeza se aquilo funcionaria e antes de dar o primeiro passo foi preparado para uma possível decepção. Lentamente deu o primeiro passo sobre as pedras pontudas. Seus pés mal sentiram que tinham caminhado sobre algo irregular. Continuou caminhando com todo o cuidado possível, desconfiando cada vez mais da duração de algo que estava funcionando tão bem.

Após mais alguns passos parou para verificar os nós que tinha dado e tudo continuava perfeito. As pedras pontudas às vezes incomodavam um pouco, mas nada que o atrapalhasse de verdade. Estava vencendo mais um obstáculo. Aos poucos as pedras foram ganhando formas mais arredondadas e ele então se sentiu caminhando com seu sapato favorito.

Esse início de conforto físico deixou-lhe espaço vago para pensar em sua situação, um sorriso despreocupado apareceu-lhe nos lábios. Ele enxergava-se de longe e ria de si mesmo. Imaginou-se outra pessoa encontrando-se com ele naquele lugar e situação. Riu ainda mais de sua possível reação. Sempre valorizou aqueles que conseguiam rir de si próprios, e agora ele estava naquela situação, era ridículo e não se importava com isso. Um outro conforto somou-se ao que seus pés sentiam.

E para melhorar as coisas ainda mais, de repente, as pedras desapareceram de vez e o caminho voltou a ser somente de terra macia.

Decidiu que preferia retirar os chinelos e voltar a sentir a maciez da terra, mas dessa vez não os abandonou, conseguiu acomodá-los dentro da tipóia que segurava seu braço. Aquela decisão era fruto claro do aprendizado que acontecera no caminho. Ele havia galgado mais um degrau, mas aproveitou seu estado de espírito e riu disso também. Lembrou-se de algumas vitórias pessoais de seus concidadãos e riu delas todas. Mas o mais importante seria rir das próprias vitórias. Analisando sua vida não conseguiu encontrar nada que pudesse identificar como grande vitória, entretanto lembrou-se de alguns momentos em que havia se sentido derrotado. Conseguiu facilmente gargalhar desses instantes, principalmente quando percebeu quão irrelevantes teriam sido as mudanças de seu destino, caso suas derrotas tivessem sido transformadas em vitórias. Por último, conseguiu rir de alguém como ele mesmo, que ria de tudo. Achou esse tipo de fuga engraçada, principalmente porque poderia ser executada em qualquer situação.

Suas risadas cessaram. Sentia o peito leve e até uma ligeiracoceira no estômago. Lembrou-se de seus braços, que estavam melhores do que pensara no começo, mas que estavam machucados e ainda doíam, a vida voltava a pesar-lhe, mas o fardo parecia emagrecido. Apalpou a farpa de madeira que continuava no mesmo lugar. Com os dedos inspecionou o ferimento do outro braço, a ferida parecia seca. Tomou um pouco de coragem e aproximou o nariz do ferimento. Voltou

a sorrir com o cheiro de sangue coagulado. Apesar do pouco conhecimento que tinha, achava que já poderia afastar de vez a hipótese de fratura.

O riacho reapareceu e a primeira idéia que lhe veio foi a de tomar um banho. Imaginou-se apenas com os olhos para fora d'água, mergulhando num reflexo escuro de estrelas, e sentindo a leveza de seu corpo boiando. Logo percebeu que as águas eram muito rasas e geladas. De qualquer forma apreciou o frio que sentia nos pés, que anestesiava seus pequenos cortes. Aproveitou também a textura do musgo que encobria as pedras do fundo e que era ainda mais relaxante do que a terra molhada. Encontrou uma pedra grande no rio, e com todo cuidado sentou-se nela e deixou seus pés divertirem-se embaixo d'água.

O barulho suave da correnteza não era atrapalhado por nenhum outro ruído, os sons foram amolecendo suas ondas cerebrais, diminuindo o raciocínio lógico e aumentando sua capacidade contemplativa. As estrelas e a lua moviam-se suavemente por entre as pedras cobertas de musgo verde escuro. Tremendo, às vezes confundiam suas silhuetas, e parecia que o ruído do riacho era a conversa dos astros. Eles animadamente discutiam em uma língua que ele não conseguia entender, mas que apreciava ouvir o som.

Abaixou-se para tomar um gole, e no último instante teve de decidir se bebia algumas estrelas ou a lua. Acabou escolhendo a lua, que lhe parecia mais palpável, transmitindo a idéia de que a água que dela viesse seria mais líquida e molhada.

A água desceu sua garganta como gelo que derrete fogo. Sentiu-se completamente refrescado e esse conforto distraiu-o do caminho contemplativo. Resolveu aproveitar a oportunidade para novamente lavar suas feridas. Molhou os dedos e com cuidado espirrou algumas gotas sobre os ferimentos. A lua e as estrelas continuavam mergulhadas nas águas, mas ele já estava imerso no mundo prático: até onde iria caminhar? Precisava arrumar algumas roupas, seus ferimentos necessitavam de cuidados. O que iria fazer se chegasse a algum povoado, retornaria para seu vilarejo ou reiniciaria sua vida lá? Não daria tudo no mesmo? E se esse caminho não levasse a lugar algum, e ele nunca mais visse outro ser humano, mesmo que conseguisse sobreviver sozinho no meio da natureza, será que sua vida seria melhor do que era no vilarejo?

Decidiu testar-se: se houvesse dois botões para pressionar, uma escolha, um deles o levaria imediatamente de volta para seu vilarejo, e tudo o que aconteceu no caminho seria apagado. Não existiriam mais os ferimentos, nem as dúvidas, nem o aprendizado, tudo seria anulado como se nunca tivesse existido. O outro botão, se pressionado, lhe daria a capacidade de auto-suficiência. Ele aprenderia a tirar alimento da natureza, a construir uma moradia, nada lhe faltaria para o sustento físico. Mas ele teria de viver sozinho no meio da mata. Poderia aproveitar dos prazeres secretos, dos reflexos no riacho, não teria horário nem obrigações com o mundo formal, não precisaria nunca vestir qualquer tipo de máscara social, nem estaria sujeito a qualquer poder que não fossem as forças naturais da vida.

Perguntou-se com toda a honestidade possível qual dos botões apertaria, pois essa máquina hipotética tinha apenas mais uma regra além da escolha, apertado o botão o caminho seria irreversível. Seus olhos pareciam divididos e querendo tomar caminhos distintos. Analisou as duas possibilidades, lembrou-se das mediocridades do vilarejo, apalpou o braço onde havia a farpa de madeira que o incomodava, lembrou-se da lua refletida no riacho e do colchão macio de sua cama.

Sempre fora um homem solitário, mas para ele a solidão era um problema menor. Na verdade estava acompanhado por suas idéias, mas sabia que escolher estar para sempre longe de qualquer companhia humana poderia, a longo prazo, torná-lo um inimigo daquilo em que mais acreditava. O que o faria obstinadamente desejar qualquer companhia humana. Por outro lado lembrou-se de seu personagem fictício, urinando sobre a grande máquina barulhenta que o oprimia, lembrou-se também de velhos calendários de paredes cujas folhas destacáveis eram amassadas e jogadas no lixo, sobrando somente uma cartolina branca com a indicação do ano. Essa imagem lhe trazia a sensação de que a vida havia sido mastigada pelo tempo e o que sobrava do passado eram sempre ossos, e por conseqüência, de tudo o que existe, o que sobraria no final seriam sempre dejetos sem importância.

Esses últimos pensamentos, por alguns instantes trouxeram-lhe a certeza de qual botão apertaria. Depois ponderou, mesmo no meio da natureza e longe dos calendários, ele nunca estaria imune às mandíbulas do tempo. Talvez um pouco menos

pressionado ideologicamente, mas o calendário poderia continuar existindo dentro de seu cérebro. Aliás, tudo o que detestava no vilarejo poderia continuar existindo na mata, mesmo se vivesse sozinho e trabalhasse apenas para se manter. Caso se decidisse por apertar o botão que o deixaria para sempre no meio da natureza, antes de mais nada ele próprio teria de passar por uma rigorosa faxina, que o limparia das sementes daquilo que detesta, e que vivem em seu corpo.

Lembrou-se do doce de leite, sua sobremesa favorita. Era um daqueles seus pequenos prazeres, mas que para um homem como ele, que questionava as grandes respostas que o mundo organizado oferecia como verdades, acabavam se tornando algo fundamental. Não havia doce de leite no meio da mata. Então se questionou sobre a real importância desse doce em sua vida, estava reduzindo a amplitude do ser humano a algumas sensações gustativas, desprezando os outros sentidos e todo o oceano mental que acreditava ser a grande região inexplorada da vida.

A balança continuava rigorosamente equilibrada, não tinha razões suficientes para qualquer escolha. Achou que talvez a tomada de decisão viesse com o tempo, quando tivesse experimentado mais do caminho que havia escolhido e pudesse usar essa experiência para facilitar a escolha. Logo em seguida achou o contrário, as dúvidas nunca seriam sanadas, e sempre depois de uma bifurcação surgiriam outras e seriam necessárias mais e mais escolhas. E a única maneira de fugir disso seria fechar os olhos e se deixar conduzir pelos outros para onde eles desejassem.

Sentia-se dentro de uma bifurcação circular que estava voltando a conduzir seu raciocínio a labirintos. Percebeu que era hora de encerrar o descanso. Levantou-se com cuidado, de agora em diante sempre que se sentasse teria de cuidar para não ferir seus testículos, que ficavam extremamente vulneráveis. Tentou se lembrar de como os animais selvagens protegiam seus genitais, eles já nasciam com eles protegidos. Lembrou-se então dos índios, alguns andavam completamente nus e não pareciam preocupados com eventuais machucados, estavam adaptados, sabiam andar e sentar, e como nunca tinham usado roupas, desenvolveram uma sabedoria do corpo, que inconscientemente resolvia esses problemas. Ele ainda era uma criança pequena aprendendo detalhes básicos de como viver na mata. Não possuía a casca protetora natural dos animais e nem a casca cultural dos indígenas, que tinha sido desenvolvida ao longo de centenas de gerações.

Sua pele branca e fina seria um banquete para os mosquitos e não resistiria muito a força de um sol tropical. Quando saiu do riacho e recomeçou a caminhar, havia perdido a paz e as certezas de quando relaxava com os pés na água. A trilha continuava livre de pedras e feita apenas de terra macia, mesmo assim ele retirou de dentro da tipóia seus chinelos de pano e amarrou-os aos pés. Parecia que queria compensar a falta de inteligência de seu corpo com a força de seu cérebro.

Sentia-se desajeitado, quando caminhava sobre as pedras não tinha muito equilíbrio e procurava acelerar o ritmo para atravessar mais depressa, acabava arriscando-se mais. Entre

pequenos perigos encontrava espaço para reflexões: qual seria a diferença entre ele e um índio, que corria sobre pedras onde ele achava difícil caminhar, que mergulhava em rios sem antes tentar descobrir a profundidade, e que atravessava a mata fechada a toda velocidade sem ferir os pés nem cair?

A resposta era, não havia diferença alguma, cada um estava perfeitamente adaptado ao tipo de vida que levava. Seria como a evolução das espécies, os animais de regiões frias têm mais pêlos e camadas de gordura que os protegem. Ele vinha de um mundo onde a inteligência física não era exigida e portanto, não havia sido desenvolvida.

Questionou-se então, o porquê dele, um pingüim desengonçado, estar caminhando sem rumo pelas dunas do deserto. Seu destino biológico deveriam ser as geleiras e a companhia de outros pingüins. Quis saber então se essa sua falta de inteligência física não estaria ligada a outros aspectos da vida.

Seu sexo balançava desengonçado de um lado para outro, e era exatamente assim que ele enxergava o seu, e o de qualquer outra pessoa que já conhecera. O sexo era sempre um fardo precioso com o qual precisamos gastar todas nossas energias carregando-o, e que quando a velhice exaure nossas forças, esse bem, ao mesmo tempo, perde seu valor. O diamante que carregamos a vida toda entre os dedos, de repente transforma-se em areia.

Os raciocínios começavam a se unir em blocos querendo formar conclusões. As forças invisíveis que criavam e mantinham

os vilarejos unidos, se nutriam das fraquezas de pessoas sem liberdade de movimento que carregavam pesos inúteis.

Olhou para seu braço imobilizado pela tipóia e deixou os pensamentos fluírem: os bloqueios físicos e mentais são o combustível das sociedades. Elas os geram e os mantêm e criam maneiras de que as pessoas acreditem que são benéficos a todos. Para que dois braços se você pode viver muito bem com apenas um... ter dois olhos pode ser perigoso, cada um escolhe uma direção e você acaba perdido, se por acaso alguém de vocês nascer com dois, um deles terá de ser arrancado para que suas vidas transcorram de maneira mais eficiente.

Se os bloqueios são o combustível, é o medo que acende o estopim da sociedade e a faz lançar suas luzes fracas no meio da natureza, cheia de várias camadas diferentes de sombras profundas. O silêncio e a escuridão são inimigos dessas luzes artificiais e provisórias. A grande tocha-medo que acende as luzes sociais e faz os vilarejos funcionarem, é o temor de não ser igual aos outros. Com esse veredicto chegamos à conclusão de que no fundo são frágeis os fundamentos que mantêm unidos os vilarejos.

Se as pessoas levantassem de onde estão e decidissem apenas subir numa árvore de seus próprios jardins, poderiam ver seus vizinhos de cima, e reparar que tanto eles quanto qualquer outro, são muito pequenos diante do que os circunda, e que as certezas que têm, são ainda menores do que eles. Então por quê todos deveriam seguir por uma única trilha, obedecendo a um único padrão, se os guias a quem seguem sabem tanto quanto

eles. Subam nas árvores de vossos jardins, descubram trilhas alternativas que passam pelo meio de pântanos com barulhos de animais que nem sabem quais são. Descubram flores que nascem escondidas nos altos das árvores, nos cantos escuros dos bosques, nos buracos apodrecidos de velhas árvores mortas.

Seus olhos brilhavam e sua cabeça movia-se de um lado para outro. Resolveu remover a tipóia. Devagar, moveu o braço que ainda doía um pouco, mas a tipóia o incomodava mais do que a dor. Jogou fora seus chinelos, desta vez não foi imprevidente, estava ciente de que talvez mais para frente as pedras poderiam recomeçar a aparecer, mas precisava se livrar deles. Caminhava devagar para que seu braço não se movesse muito, mas sua mente voava alto, de suas idéias genéricas atravessou para outras mais específicas, deu nome aos bois: consideremos o mais sólido banco do mundo, se apenas uma pequena parcela de seus clientes exigirem seu dinheiro lá aplicado... não havia escapatória, o princípio que erige o sólido é frágil... se algumas pessoas subirem nas árvores de seus jardins, ou perguntarem-se por que carregam pesos inúteis, todo o sistema mundial de vilarejos falirá. Essas pessoas começarão a não obedecer mais aos padrões, e aqueles que obedecem, perceberão que não existe mais apenas um líder a ser seguido. Ficarão confusas e após a confusão começarão por si só a buscar seus próprios caminhos. E o primeiro passo para poderem se encontrar, será subirem nas árvores de seus jardins para poderem ter uma visão mais ampla da situação em que vivem.

Pela primeira vez ele sentiu que seus pensamentos eram forças da natureza da mesma maneira que as árvores ou

os trovões. Sentia-se chovendo sobre a terra e fazendo a vegetação crescer, era um deus fraco e um Homem divino, que havia descoberto segredos que na verdade eram verdades aparentes. Seu corpo atravessava o caminho escuro, seus braços exigiam-lhe, através da dor, um pouco de atenção, mas ele estava em outros lugares, talvez em lugar algum. Apenas movimentava-se entre idéias encobertas por neblina, paisagens sem testemunha, belos nascimentos e genuínas mortes. Flores sem nome de cores misturadas.

Ele era a presença oculta nos grandes acontecimentos misteriosos, elevado acima das árvores de seu próprio quintal, enxergando as montanhas e a cabra que pasta tranqüila em seu cume. E vendo o olhar dela e o reflexo da vegetação em suas pupilas.

Mas um pé seu permanecia no solo e chamava-o de volta, ele teria de continuar vivendo no chão, mas traria a experiência das alturas. Voltou de lá gritando alto: enxerguem o ridículo dessas pequenas paredes de barro, e das ruas que dividem tudo em quadrados idênticos, é dessa maneira primária que são construídos vossos vilarejos. Percebam que esse ridículo não desaparecerá se vocês apenas mudarem o material que levanta as paredes de vossas casas, e que a divisão em quadrados idênticos atravessou vosso mundo material e invadiu o mundo de suas idéias. Olhos e espírito abertos para a falta completa de sentido das regras a que vocês obedecem, percebam como elas são filhas de medos infantis. E que por vezes vocês, e eu me incluo nesse pronome, fazem o maior esforço para que a corda que os enforca não se rompa. É o medo de que os outros medos acabem.

Como crianças, vocês procuram as pequenas proteções que os vilarejos de todos os tamanhos e formatos oferecem. Escondidos atrás de paredes transitórias, e iluminados por fracas luzes de velas com pavio curto, eu e vocês nos julgamos completamente protegidos. Mas essas certezas têm a permanência de uma nuvem ao vento, logo começam a brotar rachaduras que enfraquecem nosso bem-estar e inflam nossos medos. Então percebemos que nada nunca nos protegerá de verdade, que as paredes, as luzes artificiais e as ruas esquadrihadas, não têm importância suficiente para que percamos nossas vidas lutando por elas e por suas manutenções.

A verdade imposta revela-se uma farsa, as crenças em um sistema de viver desabam, e ao homem advindo dessa desilusão só restam os céus e as matas. Mas ele deve escolher, se mesmo ciente da mentira, continua vivendo dentro dela e nutrindo-se das sobras de energias mortas que satisfazem seus pequenos prazeres, ou então se decide iniciar seu próprio sistema de viver. Caso decida-se por essa última possibilidade, tem de ficar muito atento para não construir apenas uma cópia maquiada daquilo que renegou.

Os céus e as matas impõem-se imensos diante daqueles que abandonam os vilarejos, são mistérios molhados, e nesses instantes iniciais, as recordações de certezas secas chegam trazendo grandes dúvidas. O desânimo pode inventar justificativas para um retorno ao vilarejo, pra que se incomodar... as coisas são assim mesmo... eu não vou mudar o mundo...

Pela primeira vez desde sua queda ele conseguiu movimentar seu braço, abrindo-o e fechando-o várias vezes, a dor havia diminuído bastante, as reflexões parece que o tinham fortalecido. Qualquer observador poderia reparar no brilho de seus olhos, mas talvez um observador mais eficaz conseguisse reparar que esse brilho expandia-se para além de seus globos oculares, de uma certa maneira todo seu corpo parecia envolvido por uma leve membrana luminosa. É verdade que aquilo poderia ser apenas um reflexo da luz do luar. Mas a lua já havia brilhado mais e ele nunca tanto.

Se não fosse pela farpa de madeira que permanecia sob sua pele, ele poderia dizer que havia superado todos os obstáculos, sem que eles lhe deixassem grandes marcas. Os cortes e arranhões foram como os pequenos e inevitáveis percalços do dia-a-dia. Apalpou a farpa que parecia que havia se movido dentro de seu braço, conseguia senti-la menos, pois ela tinha entrado mais fundo em sua pele. Primeiro refletiu sobre as conseqüências práticas desse fato, não chegou a conclusões, então mergulhou no mundo dos símbolos. Aquela farpa seria a representação de todos os obstáculos que queria transpor e agora ela estava fundindo-se com ele.

Ele não era mais o mesmo homem que começou a caminhada, a farpa se tornara parte dele e simbolicamente, nunca poderia ser arrancada. Iria se dissolver em suas entranhas fazendo que suas fibras virassem sangue e dando a seu sangue algumas características da madeira. A idéia de que seu sangue poderia virar madeira conduziu-o a uma sensação muito forte de integração com a natureza. Sentia sua própria

personalidade perdendo as fronteiras que a separavam do exterior.

Lembrou-se das ruas e mentes esquadrihadas, e imaginou que um poderoso solvente verde invadia o mundo e as cabeças, e derretia tudo que não seguisse o ritmo natural da vida. Os comportamentos reprimidos e as máscaras sociais seriam derretidos da mesma maneira que os prédios e os produtos burros. Mas o que fosse verdadeiro não sofreria com a onda devastadora, na verdade nem perceberia que ela tinha existido. Percebeu que estava novamente criando um universo seu, o mesmo em que habitava seu homem fictício. Perguntou-se por onde andaria ele, se ele continuaria a existir caso fosse apagado de sua memória.

Sem resposta, voltou para o raciocínio anterior, queria um mundo limpo daquilo que imaginava sujo. Essa onda detergente dissolveria os acúmulos nocivos, espalhando e fazendo circular todos os tipos de substâncias, que por possuírem concentrações elevadas, às vezes acabavam entupindo os canos da vida e impedindo seu fluxo adequado. Eliminados os excessos, tudo tenderia a um equilíbrio natural. O mundo e a questão humana estariam resolvidos. Só o que precisaria seria descobrir a fórmula dessa substância dissolvente. Rapidamente procurou exemplificar alguns casos que confirmariam sua teoria – os males vêm dos excessos – a frase encerrou seu raciocínio e, para ele, comprovou suas suspeitas.

Mas a frase foi também a semente de muitas perguntas: como poderia descobrir essa substância? Não teria de viver em

sociedade para testar os resultados? Ou poderia viver na mata e encontrar os canos entupidos da natureza, e encontrando-os, a solução naturalmente se espalharia por todo mundo? Mas a natureza não seria já a forma mais pura e fluida de vida, ou ainda poderia estar contaminada por rolhas que impediriam o fluxo perfeito da vida?

Uma risada suave encerrou seus pensamentos, riu de si mesmo por estar começando a acreditar que sozinho, poderia resolver o problema do universo. Reparou em seu corpo nu e em seus machucados, sentiu-se infantil e pequeno. Escura e mal cheirosa, a idéia de que estava simplesmente jogando sua vida no lixo, trouxe-lhe um fardo que pesou sobre seus ombros. Ele não chegou a parar de andar, mas diminuiu bastante a velocidade.

Resolver o problema do universo... lembrou-se dessa frase... a questão do homem na Terra... quis saber se no fundo existem mesmo esses problemas e essas questões, se essas buscas não são também filhas do medo, disfarçadas de filosofia... e tudo não passaria de um “eterno estabelecido”, ao mesmo tempo mutável, mas que não precisava de perguntas nem oferecia respostas. E as coceiras do mundo e do homem, no fundo teriam a mesma importância de seus momentos de maior enlevo espiritual, quando ele achava que estava de maneira mais completa cumprindo seu destino de grande homem, que se espalhava pelo mundo integrando-se com o universo. Talvez não perdesse em grandeza, se simplesmente apanhasse no chão algum pedaço de pau para coçar as costas. Sorriu. Parecia-lhe estranho o fato de que talvez, a resposta final para a grande busca humana, tivesse

de primeiro passar por raciocínios complicados, atravessar corredores com paredes feitas de tempo, mergulhar num labirinto interno composto de incontáveis camadas humanas, para que no fim chegasse à conclusão de que a única resposta para tudo é: cada um que coce suas coceiras.

O fato concreto é que suas costas começaram a coçar muito. Não teve nem tempo de pensar se seus raciocínios tinham influenciado, procurou alívio imediato, mas tinha dificuldades para alcançar o ponto que coçava. Encontrou um arbusto e rapidamente arrancou um de seus galhos rugosos. A satisfação foi grande, naquele instante nenhuma resposta para a vida poderia ser mais verdadeira do que aquela. Imaginou seu personagem fictício saciando de uma só vez todos seus instintos carnisais, e depois deitado, com os olhos refestelados de tudo aquilo que seu corpo pedia. Olhos que estavam mortos para as perguntas, mas carregados de respostas. Era bem verdade que essas respostas se esvaíam com a rapidez de um intestino.

Imaginou que suas costas deveriam estar vermelhas de tanto que coçou. No galho de arbustos que usou havia flores, não conseguia distinguir suas cores, mas pelos contrastes imaginava que fossem vermelhas. Cheirou-as e o odor era adocicado, mentalmente uniu o cheiro com o vermelho que havia imaginado, na verdade aumentou bastante o brilho da cor que acreditava a verdadeira. Começou a criar uma imagem mental que combinasse o melhor das duas sensações. Dessa vez deixou em paz seu personagem fictício, e utilizou-se como cobaia nesse caminho mental.

Recriou-se, e também a todo o cenário em volta, modificou cores e sensações, o verde escuro da vegetação passou a ser um rosa-choque com detalhes em azul-marinho. O escuro da noite não faria diferença, pois seus olhos enxergariam iluminados pelo brilho individual que exalaria de todas as coisas. O ar seria mais compacto que o normal, e o vento teria a propriedade de massagear o corpo, como se fosse mãos invisíveis que flutuassem por toda parte. Mas essa consistência maior não atrapalharia a mobilidade, pelo contrário, ele poderia utilizar-se dessa maior densidade para subir escadas inexistentes e saltar longe sem medo de ferir-se com as quedas. Nesse mundo brilhante seus novos braços estavam completamente curados. As sensações duvidosas e as subidas tinham sido extintas. Ele percorreria esse novo mundo, usufruindo de um paraíso que havia sido criado através do conhecimento adquirido no caminho real. Todas as dificuldades foram extraídas e os prazeres intensificados.

Mas o mundo real reclamava atenção, sua consciência repetia a frase “você está jogando sua vida fora”, ele abandonou a estrada colorida e continuou caminhando no seu velho caminho noturno, analisando as cobranças que seu inconsciente lhe fazia. O mundo do vilarejo exigia que sua cabeça, seus braços e seu sexo exercessem funções práticas. Como havia abandonado sua cidade, justamente porque não queria participar delas, rejeitava, a princípio, essas tarefas. Mas por outro lado sentia ter um compromisso com o mundo verdadeiro, e seus braços, cabeça e sexo, pertenciam a ele. Não poderia simplesmente abandonar tudo e viver mergulhado num mundo de cores artificiais, onde perigos e dificuldades tinham sido simplesmente arrancados. Isso seria como sempre comer frutas sem sementes, facilita

não ter de tirá-las fora, mas após algum tempo as frutas não existiriam mais. O detalhe não poderia ser mais importante do que o principal.

As cores e os brilhos saídos de sua imaginação poderiam servir-lhe de alívio em alguns momentos, mas seu caminho teria de continuar a ser trilhado em meio às dificuldades e dúvidas. Suspirou fundo como quem descobre que o toque do telefone não traz o telefonema esperado. Ninguém poderia ajudá-lo a não ser ele mesmo. Enxergou seu personagem fictício em um dia de imenso calor, suando, sentado num banco da praça central do vilarejo, o sol o castigava, ele tirava do bolso um lenço e enxugava o rosto. Por sua nuca, axilas e dobras dos joelhos, escorria suor. Ele estava derretendo-se e com ele derretiam-se também as cores brilhantes, o ar compacto e a ausência de obstáculos que havia imaginado. Sobrava o homem seco que estava se tornando, sem suor nem lágrimas, esquecido das ilusões, porém secretamente ainda escondendo algumas, um ser dúbio construído de coragem e medo. Criatura feita sob medida para bifurcações.

Alguém como ele não poderia fazer nada além de prosseguir, seria com seus passos mata adentro, que iria criando a utilidade reclamada pelas partes de seu corpo. As missões rígidas do vilarejo tinham ficado definitivamente para trás, a linha de retorno já havia sido ultrapassada. Qualquer arrependimento, de agora em diante, não faria o menor sentido. Esse peso não lhe incomodava mais, mas a vida arrumava maneiras de sempre substituir os espaços vagos, e ele não se sentia mais leve.

Precisava criar sua utilidade, era esse o fardo que lhe pesava. Se o que buscava era um caminho alternativo, sabia que já o havia encontrado, mas perguntava-se: “e agora, o que faço com ele?”. Sua fase contemplativa havia ficado para trás, agora colocava toda sua lógica para trabalhar, tentando encontrar uma maneira de existir, no meio da escolha que tinha feito. Lembrou-se das pêras que havia comido, apenas sua subsistência física não saciaria seu desejo de utilidade, mas seria o primeiro passo inevitável a ser dado. O riacho talvez lhe fornecesse peixes, as árvores frutas... mas sua mente prática saltava para frente não conseguindo se contentar com um degrau de cada vez... satisfeito o corpo, o que viria depois?

Não conseguia responder a essa pergunta, primeiro tinha sérias dúvidas de que conseguiria realmente ser auto-suficiente no meio da mata, mas caso conseguisse, não queria que a utilidade de seu corpo fosse destinada apenas para o suprimento de suas necessidades básicas. Se fosse para isso preferiria nunca ter saído do vilarejo. Sentiu um nó na garganta mas procurou lutar por seu equilíbrio emocional, conseguiu controlar-se desviando o pensamento para perguntas quase sem respostas... tempo, vida... distraiu-se e acalmou-se.

Sentou-se na beira do caminho, o riacho seguia paralelo. Decepcionado, lembrou-se da profundidade de suas águas. Águas tão rasas não poderiam dar peixes que matassem a fome. Olhou ao redor e não havia, pelos contornos, nada que parecesse uma árvore frutífera. Se sua subsistência fosse difícil, com poucas e escondidas fontes de alimentos, daí talvez ele tivesse de usar toda sua inteligência e criatividade para

conseguir se alimentar. Cada descoberta seria uma verdadeira conquista, e talvez isso o ocupasse e não deixasse espaços vagos para que surgissem necessidades que não fossem as básicas. O nó na garganta voltou a doer só que dessa vez mais forte. Sentiu que nesse caso pouco o diferenciaria de um animal, com o agravante de que seria um animal que não deveria estar ali. Lembrou-se da formiga longe do formigueiro e a colocou caminhando confusa por uma geleira.

Não sentia fome e sabia que as luzes do dia poderiam abrir-lhe novas perspectivas. Decidiu não sofrer por antecipação. Continuou a caminhar, os passos o ajudavam a destruir o nó na garganta impulsionando o círculo de idéias, e logo sua possível vida de formiga gelada havia ficado para trás. Cada passo dado girava a roda da vida trazendo novas idéias, esperanças e medos. As camadas se acumulavam umas sobre as outras, as feridas que ardiam em sua alma viravam entulhos sobre o qual as alegrias do instante eram erigidas. As tristezas esperavam que as alegrias secassem para pisá-las e ganhar sua vez de existir. Ele tinha tomado consciência desse revezamento, e nada seria tão absolutamente brilhante ou escuro quanto no início do percurso.

Alguns pedriscos começaram a aparecer no caminho, teve de andar mais devagar. Não era nada que impedisse a continuação, mas foram suficientes para lembrar-lhe que havia decidido jogar fora seus chinelos de pano mesmo sabendo que as pedras poderiam voltar. Percebeu que não tinha direito a arrependimentos.

As pedrinhas eram arredondadas e incomodavam seus pés sem feri-los. Caminhou um bom trecho e elas não evoluíram

para pedras maiores. As pedras arredondadas lembravam as do riacho. O caminho talvez tivesse um palmo de profundidade em relação às margens. Talvez caminhasse sobre um riacho seco, um afluente morto do vizinho que corria paralelo. Essa idéia despertou-lhe várias outras, tentou imaginar-se um peixe e misturar sua visão de mundo com a do animal, a brincadeira não durou muito, pois ele não sabia ao certo como enxergava o mundo. Depois, a visão do que imaginava ser um riacho seco, o fez se lembrar de fósseis de animais e plantas que havia visto no tempo de infância. Essa recordação trouxe consigo os inevitáveis mergulhos no mistério-tempo.

Imaginava o grande sanduíche a que tudo será submetido até que seus contornos fiquem impressos em rocha. Perguntou-se se talvez o mais importante não seria existir no mundo concreto, do que no abstrato. Quanto tempo havia durado a mais antiga demonstração abstrata de vida, talvez existam objetos de arte, ou algo que lembre ela, com trinta mil anos, digamos que eles resistam mais vinte mil, entretanto a vida concreta impressa em pedra, os dedos do lagarto que deixavam ver como ele arrastou-se pela terra, estavam há muitos milhões de anos perpetuando sua existência. Continuou o raciocínio que lhe pedia para que tentasse enxergar a vida e o mundo da maneira mais ampla possível, com olhos que, desamarrados do tempo, enxergassem muito além da história... o mundo em que vivemos nos diz “nossa essência lenta tem de ser lapidada, o refinamento da inteligência e dos sentimentos é o caminho da evolução”, mas talvez a evolução seja cíclica e não linear e se, após a Idade Média aconteceu o Renascimento, talvez no futuro voltemos para as matas. E o espírito, que levou séculos

para produzir poetas, talvez reagrupe-se em algo mais coletivo e volte a manifestar-se através do grito de uma fera na floresta.

Olhou então para a lua, ela continuava brilhante, mas alguma coisa nela parecia ter mudado, não conseguia identificar o que era. A lua não era suficiente, precisaria imaginar o local mais distante do universo, seria lá que seus olhos se sentariam para poder observar com isenção, e sem o incômodo do tempo, a aventura humana. Imaginou-se reparando na eterna noite ganhando luzes, nos violentos eventos astronômicos que deram forma à Terra, em seu monótono período inicial, cheia de caldos e gases, nas primeiras moléculas, onde mais claramente pôde começar a reparar nos ciclos. A primeira de todas as mortes, os ciclos existindo dentro de outros maiores, e manifestando-se de formas cada vez mais criativas.

A vida ganhando sofisticação na aparência, mas continuando a repetir os mesmos padrões que já existiam no primeiro ser vivo. O tardio surgimento das civilizações, a linguagem, a arte e a tecnologia, nessa parte seus olhos distantes começaram a prestar mais atenção porque seu cérebro pedia confirmações e desmentidos. As células e os reinos eram idênticos, o homem e as plantas, as focas e as pedras, para quem enxergava de longe, as ilusões desapareciam e as semelhanças se tornavam evidentes.

Não houve surpresas, todos os grandes impérios desmoronaram exatamente como acontecia com os castelinhos de madeira que as crianças montavam. As grandes estátuas enferrujavam e desapareciam, e normalmente quanto maior e mais eterna julgava-se uma civilização ou uma corrente de

pensamento, mais depressa ela passava a ser ridicularizada. O pensamento humano obedecia à mesma lei cíclica que comandava todo o resto.

Decidiu trazer seus olhos de volta. Seu peito havia se enchido de uma doce sensação de que tudo era inevitável. Ao mesmo tempo, lembrou-se de seus compatriotas de vilarejo e de suas visões a respeito do mundo e da vida. Não pôde evitar que a soberba o invadisse. Mas lutou contra ela, os castelos desmoronados o ajudaram, ele também participava dos ciclos, todos participavam. Não queria ser ridículo, era vaidoso. Acalmou-se e voltou a olhar para o caminho, procurou esquecer-se do riacho morto e fazer com que cada passo seu fosse apenas um passo.

Aos poucos seus olhos foram se fixando exatamente dentro de seus globos oculares, e seu pensamento ocupando-se apenas dos movimentos de seu corpo. Tornou-se uma máquina mansa de caminhar. Seus raciocínios práticos o faziam fluir. Deslizou pelo caminho até que uma grande flor o fez parar. Ela pendia de um arbusto e balançava com a brisa. Era enorme, ele nunca tinha visto uma flor daquele tamanho, aproximou-se dela, seu raciocínio voltou a ser abstrato. Olhou-a e apalpou-a, tomava cuidado para não estragá-la. Ela balançava muito próxima ao chão enlameado, porém sem tocá-lo.

As idéias começaram a chegar de todos os lados, essa flor havia brotado da terra, e por alguns instantes seria bela antes de voltar para ela, misturar-se e renascer sob outra forma, o tempo e a morte mostraram suas caras dentro de seu raciocínio.

Procurou evitar que qualquer idéia dominasse integralmente seus pensamentos, defendeu-se espalhando sua atenção por diversos compartimentos.

Sentiu o cheiro de manhã que exalava da flor. Os símbolos conseguiram que seu cérebro refletisse sobre eles. Os objetos seriam concentrações simbólicas de realidades desconhecidas. O que ele tinha na sua frente era a essência de uma força pura da natureza. A representação daquilo que não possui condensações mortas de energia não circulante.

Sentiu-se invadido por uma sensação de devoção, respeitava aquele pedaço de natureza perfeita. Começou a tentar identificar em si mesmo onde estavam os bloqueios que o separavam daquela perfeição. Eram tantas as possibilidades de começo e fim, que decidiu esquecer-se de si e pensar na grande flor do caminho. Foi sendo cada vez mais pressionado pelo peso do perfeito. Estava a um passo de ceder e entregar-se à devoção.

Abriu os olhos e as coisas se modificaram. Ele, que até então não havia pensado na cor da grande flor, agora começava a enxergá-la. A noite começava a morrer e lentamente todas as cores nasciam. Os símbolos começavam por um amarelo vivo dos estames, e se expandiam por um vermelho sangue que terminava num roxo escuro, ainda bastante encoberto pelas sombras da noite.

Sua devoção abandonou as fronteiras da flor e espalhou-se por todo seu campo de visão. As estrelas permaneciam

acesas, mas já tinham diminuído em número. O verde começava a ganhar força e pintar a mata. Sabia que de agora em diante o processo seria rápido e a cada instante as luzes se modificariam.

A contemplação do símbolo mágico de alguns instantes atrás, havia se transformado numa seqüência de surpresas. O instante era composto de vários saltos de consciência que traziam novidades. Mas esses momentos móveis quebravam suas certezas, arrastando-o para o desconhecido, estava em um território novo e mutável. A mudança vinha acompanhada da figura sombria do medo. Como ele vivia instantes fronteiros entre luzes e sombras, todas suas certezas pareciam que também atravessavam marcos e perdiam forças. Sentiu no fundo do peito uma angústia que inchava. Observava o azul escuro perdendo sua cor, as mudanças que nunca deixaram de acontecer, mas que estiveram encobertas pela capa da noite, agora se mostravam. Talvez quando o dia clareasse de vez, as mudanças voltassem a ser encobertas, dessa vez pelas luzes.

Essa situação de nascimento e morte o incomodava e amolecia as estruturas emocionais que ele havia conseguido sedimentar ao longo do percurso. Voltou a imaginar seu personagem fictício, agora sentado em um banco da praça principal do vilarejo. Para ele também o dia estava amanhecendo. As luzes que o envolviam estavam confusas. Chovia forte, mas isso lhe parecia indiferente. Seu olhar parado num ponto indicava que as poucas certezas que tinha haviam evaporado. O que existia agora era o vazio e o medo. As luzes estranhas não deixavam claro se era hora de dormir

ou de ficar acordado. Pareciam não saber a resposta, de dia era vida, à noite morte, mas aquilo era um estado intermediário com o pior dos dois mundos. A chuva torrencial era um detalhe insignificante que não o perturbava.

Abandonou aquele homem encharcado para refletir sobre sua própria condição, aquele mundo mal iluminado e mal resolvido, talvez fosse o que de mais próximo exista de alguma eventual verdade absoluta. A escuridão que a tudo encobre e as luzes que tudo revelam, seriam instrumentos da ilusão, que construíam projeções mentais de objetos escuros, ou então diriam que os objetos claros são a verdade última das coisas. Entretanto seria nesse mundo nebuloso e sem certezas que se esconderia o ferro e o concreto que dão estrutura à vida.

Nessas flores amarelo-escuras e que a cada instante ficavam mais amarelas, estava escondido um grande mistério. O segredo do exato meio-termo, morte e vida perfeitamente sincronizadas escorrendo seus instantes de uma para outra. Batalhas que alternavam pontualmente vitórias e derrotas, e cujos participantes possuíam a sabedoria de jamais querer conquistar uma vitória após a outra. Desejou saber se era possível alguém viver dessa maneira. Lembrando-se de seu personagem fictício, alegrou-se porque pelo menos não estava chovendo. Ao contrário de seu amigo inventado, achava que a chuva enfraqueceria ainda mais suas certezas.

Agora o caminho era verde e cheio de flores. As cores lutavam contra a aurora. A trilha de barro ainda permanecia fiel à escuridão, mas sabia que aquilo era extremamente

provisório. Reparou numa árvore carregada de frutinhas vermelhas, estava em um estado de torpor tão grande que nem ligou a idéia das frutas à da alimentação, e simplesmente seguiu reto. Caminhava passos que pareciam indiferentes, na verdade eram metade contemplativos e metade reflexivos. Sentia-se um servidor de dois senhores, mas o resultado de seu trabalho, no fundo, acabava servindo somente a um terceiro, que era inimigo dos dois primeiros.

Procurou lembrar-se do quão provisório era esse estado de luzes em que se encontrava. Sabia, de qualquer forma, que estava contaminado com algumas seqüelas advindas desse estado intermediário, e que o acompanhariam mesmo quando o sol estivesse a pino. Decidiu então enfiar o dedo na ferida e levantar o tapete para retirar a sujeira debaixo: o verdadeiro motivo para temer aquele período intermediário de luzes, era que elas o conduziam para perto da idéia da morte. Percebeu, então, que escalaria muitos degraus em seu mundo espiritual se esquecesse dos temores que viviam apodrecidos no fundo de seu ser, e aceitasse o fato de que tudo e todos morrerão. Sabia que limpar e secar essas feridas era tarefa árdua que lhe custaria muitas lágrimas.

Aproximou-se de uma pequena flor vermelha ainda encoberta pela escuridão. Observou quando o primeiro fraco raio de luz revelou um pouco de sua cor. A florzinha ficava na parte debaixo de um arbusto quase tocando o chão. Escolheu-a justamente por sua insignificância. Observou-a recebendo cada vez um pouco mais de luz e tendo sua beleza revelada. A fragilidade da flor parecia tocar-lhe, e ele engolia a seco enquanto observava-a.

Aos poucos os pequenos detalhes foram se revelando, as pétalas eram mais escuras no centro e mais claras nas bordas. Os filamentos que davam estrutura à flor eram verde-claros e os estames que ficavam no centro, azuis. A pequena flor era uma obra-prima de combinação de cores e formas. O insignificante mostrava sua majestade, e ele logo percebeu que havia escolhido uma flor que achava que não era bela, justamente para evitar encarar de frente a grande destruidora de todas as belezas, a morte. Queria fingir para si mesmo que não estava mais varrendo a sujeira para debaixo do tapete. Inconscientemente desejava acreditar que quem morre é sempre feio, e que é até um alívio que se vá, porque pára de enfeiar o mundo. Mas morremos todos os dias, e o falecimento em si é só mais um detalhe da grande morte que ocorre em todos os lugares, o tempo todo.

Queria, de vez, se tornar um adulto, e sabia que nunca conseguiria se não superasse essa barreira. Emendou morte com nascimento destruindo as duas palavras e criando a mudança. Espalhou mentalmente a mudança por todos os lugares, tempos e circunstâncias que pôde. Enfiou-a dentro das células e dos sentimentos, dentro da memória, das crenças e das árvores. Não deixou os espelhos de fora, e nem a própria mudança, que nunca cessaria de assumir novas formas.

A luz avançou revelando ainda mais detalhes da pequena flor, que não parava de surpreender por sua beleza. Rapidamente atravessou-lhe a vontade de arrancá-la e fechar os olhos até que o sol chegasse, iluminando tudo e estabelecendo seu jogo fácil de luzes e sombras. Rechaçou essa tentação, iria acompanhar todo o processo de morte da noite e da revelação de uma grande

beleza efêmera. Mas um detalhe revelou-se, bem no centro da flor havia um pequeno círculo verde-claro que dava um detalhe de refinamento na já bela composição de cores.

Aos poucos foi se deixando ir, aceitando os meios tons e suas transitoriedades. As luzes agora já molhavam suavemente a terra preta, que começava a mostrar o marrom de seus torrões. O verde da vegetação ainda era escuro, mas já havia abandonado por completo os tons negros de alguns instantes atrás. Ele percebeu que não poderia perder o foco e continuou aceitando o inevitável, reparando nos detalhes sutis das sombras, nas novas cores que se formavam e naquelas que desapareciam.

As cores e as coisas passam, ele sentiu essa idéia. As mudanças pintavam o barro com as primeiras gotas de dourado. O céu mostrava cada vez menos estrelas, a lua estava próxima de ser engolida pelo horizonte. As flores estavam por toda parte. Será que elas não haviam estado sempre a seu lado, mas apenas agora conseguia enxergá-las? Os roxos, vermelhos e azuis começaram a pontilhar o verde da mata. Esse aparecimento de novos tons, antes inexistentes, colocou-o em estado de contemplação. Era uma criança que observava as formas e cores em um caleidoscópio. Nada mais existia, nem ele mesmo. Os momentos escoavam mudando as combinações de cores e sombras, os escuros perdiam força, as luzes ganhavam espaço.

Os pequenos detalhes das folhas das árvores e das pedras puxaram-no para fora de seu repouso contemplativo. O mundo real chamava-o. Estava acordando de uma noite de sono, mas quis se dar ao luxo de permanecer mais alguns instantes deitado

antes de se levantar. Continuou observando a mudança, como acontece o nascimento de um dia, como é o caminho que a luz percorre para iluminar a última folha escondida de um arbusto.

Do estado contemplativo foi conduzido a algumas reflexões sobre o que havia sentido, na verdade eram sensações que procurava cristalizar em pensamento: as luzes que destroem a escuridão são forças vitais que se manifestam de muitas maneiras, de formas mais ou menos aparentes. Uma luz não existe se tudo o que existir forem luzes. E para que uma nasça outra deve morrer e deixar um espaço escuro. Esse grande ciclo vital move o universo. Somos ao mesmo tempo causa e consequência desse grande processo de formação de sombras. Numa eventual viagem para nosso interior mais profundo, repararemos que o esqueleto básico desse sistema sempre se repetirá. Aconteceria o mesmo, se ao invés de viajarmos para dentro, saíssemos do sistema solar e chegássemos à exata fronteira entre a existência e o nada: repetição de padrões.

Enquanto ele raciocinava sobre se o esqueleto de luzes também aconteceria além dos limites da existência, foi interrompido por um acontecimento que capturou toda sua atenção. A noite realmente agonizava, os primeiros raios de sol deixavam grandes manchas amarelas sobre a lama marrom. O verde escuro era perfurado por luzes que atravessavam as primeiras camadas de folhas. As flores revelavam suas cores que se misturavam entre si e com o amarelo dos raios de sol da manhã. Mas não foi a exuberância de misturas e tonalidades que chamou sua atenção, foi um detalhe. A natureza oferecia buquês multicolores de pequenas e grandes

flores emolduradas pelo verde da mata, mas foi num canto esquecido que descobriu uma flor de forma e tamanho vulgares, e totalmente branca. A ausência de cor, ou a presença de todas elas ao mesmo tempo, proporcionaram-lhe a possibilidade de enxergar claramente o percurso da luz, que gradualmente cobria as pétalas. Percebeu que ao mesmo tempo em que a luz revelava verdades escondidas pela noite, contava mentiras com os reflexos que trazia. Decidiu não esquentar a cabeça com essa descoberta, procurando sentir o instante sem tentar decifrá-lo.

Vida e morte estavam a seu lado, mas isso não o incomodou. Aquele instante e lugar eram onde deveria estar, e nada poderia perturbá-lo naqueles momentos de percepção. As luzes avançavam de cima para baixo, as pétalas superiores estavam iluminadas enquanto as de baixo ainda mantinham a pureza dos meios-tons originados pela noite. O miolo da flor foi sendo iluminado, mas não revelou novos tons. Ela continuava sendo a perfeita imagem da castidade. O tempo molhava as pétalas de brilhos. O leite surgiu como uma imagem associada ao que sentia. Engoliu a seco procurando distrair-se de suas observações. Queria abrir-se para aquele instante, qualquer idéia restringiria seu mergulho no momento vivo em que estava envolto.

Consegui bloquear os raciocínios que tentavam conquistar sua atenção. A flor já estava completamente iluminada, apenas uma pétala ainda mergulhava na penumbra. O dia vencia a batalha. Seu peito começou a mover-se. As emoções corriam de um lado para o outro. Lembrou-se da grande sensação amorosa

do início da caminhada. Procurou anular suas memórias para que elas não atraíssem raciocínios que bloqueariam o que ele começava a sentir.

Seu peito ganhou olhos que enxergaram um grande brilho, que começava dentro de si e iluminava tudo ao redor. Ele também estava raiando. A grande noite das vísceras havia ficado para trás. Seus olhos da face percebiam que tudo ao seu redor também individualmente raiava e tornava-se fonte de luz. O mundo pareceu-lhe completamente encantado, as individualidades se bastavam em suas suficiências, e devido a essa mesma razão, perdiam suas necessidades de continuar sendo individuais.

As luzes pareciam se cumprimentar exibindo suas exuberâncias. As plantas de folhas maiores começaram a ser envolvidas por halos. Cada objeto era fonte, mas também anteparo para as luzes emitidas por outros. Ele sentiu-se assim, de seu interior jorravam luzes, mas sua própria presença na terra seria uma eterna fábrica de sombras. Sua condição era a contradição. Desviou-se do raciocínio fatalista, seus olhos queriam nutrir-se da beleza que acontecia. Então as efêmeras cores e sombras dançaram para ele. Se pudesse enxergar-se veria que nunca seus olhos tinham brilhado tanto. Eles também mudavam de cor, afetados pelo jogo de luzes e sombras.

Cada vez mais fortes, os raios atravessavam os arbustos mais fechados. O chão estava amarelado de luzes e a pequena faixa escura ao lado dos arbustos, clareava-se aos poucos. Os pássaros cantavam e voavam. A vida renascia e seu peito continuava a

se mover, seus olhos internos pareciam mais acostumados à luminosidade. O medo inicial, quando a noite começou a morrer, agonizava. Era apenas uma recordação distante.

Os movimentos expandiam-se por todo seu corpo. A vida nascente inflava de sangue pulsante todas suas veias, e pelo o que percebia, deveria fazer o mesmo com toda natureza. Sua percepção também parecia mais aguçada, reparava nos odores da floresta, distinguia, à distância, suaves graduações de verde. A ele parecia que a natureza era um grande ente único que estava se comunicando. Sua linguagem muda era percebida por todos seus sentidos, e sua própria existência já era uma resposta às perguntas feitas pela natureza. A comunicação acontecia constantemente, e só seria interrompida quando ele interpusse barreiras. Sabia ser seu cérebro sua grande fábrica de obstáculos.

Relaxou o raciocínio, queria escutar o que a vida lhe dizia através da natureza. A noite estava condenada, escondia-se medrosa em cantos e atrás de algumas folhas escuras. Apesar do sol já ter invadido quase tudo, seus raios ainda eram suaves, bons condutores para as mensagens sutis da natureza.

Ele deu alguns passos lentos, reparou nos detalhes escondidos pela noite. Não queria descobrir segredos, buscava apenas aumentar sua abertura contemplativa. Seus passos conduziram-no à borda do riacho, a luz refletia nas águas formando sobre elas uma suave camada amarelada. Podia enxergar as pedras cobertas de limo verde. Seus olhos não enxergavam nenhum peixe, mas seu coração não se preocupou com isso. Uma de suas

mãos parecia envolvida pelo mesmo halo de luz que circundava as plantas e as águas. O suave murmúrio afastou qualquer idéia intrusa, as barreiras de comunicação desapareceram, ele foi sentindo a natureza ao seu redor, dentro dele as fronteiras foram sendo apagadas. A grande comunicação era baseada exclusivamente em sensações, mas se fosse possível sintetizar em palavras o que ele sentia, tudo se resumiria em “aceite-me”.

Enquanto as luzes dançavam sobre as águas, passarinhos banhavam-se nas bordas. Uma grande flor cor-de-rosa caiu na corrente e foi conduzida para longe. Seus olhos acompanharam-na e levaram-no novamente ao mundo das idéias. A comunicação com a natureza encerrou-se. O dia nasceu.

As únicas sombras que existiam agora eram as causadas pelos próprios objetos que desviavam a luz do sol. A noite era uma recordação recente que já parecia envelhecida. Olhou para cima e pela primeira vez viu o céu claro, sem lua nem estrelas. Seus medos tinham morrido, seus pulmões estavam cheios de ar. Olhou ao redor e parecia que pela primeira vez enxergava a natureza. Tudo o que vivera antes de iniciar a caminhada parecia um distante e nebuloso passado.

Cada detalhe o surpreendia, estava renascendo junto com o dia e seus olhos eram inocentes, estavam abertos para a aceitação. As folhas caídas, os restos de gravetos, as pedras, a lama, deglutia tudo sem preconceitos. As águas que carregavam um graveto para longe, conduziram seu raciocínio para o mundo prático. Talvez ele tivesse dormido uma meia hora, não mais que isso, entretanto não tinha sono algum. Também

não se sentia cansado. Se quisesse poderia continuar andando. Decidiu esquecer-se desse fato e não se preocupar com o sono perdido. Percebeu a importância dos instantes que vivia. As coisas estavam acontecendo ao seu redor, se o sono não vinha, por quê ele iria gastar sua atenção com algo que naquele instante não era real.

Pensou em se levantar mas logo desistiu. Carregava dentro de si um peso enorme, se caminhasse sentir-se-ia pesado. Sentado, deglutiria o espetáculo de vida que acontecia dentro e fora de seu corpo. Brotar e explodir, talvez fossem os verbos mais adequados para descrever a maneira como a vida se manifestava. Seus sentidos não conseguiam assimilar as informações e sensações que vinham de fora, e pesavam em seu estômago. Mas percebeu que a digestão era uma questão de tempo e que apenas ela lhe interessava. Mais nada.

As luzes desenhavam formas efêmeras sobre as águas, as árvores livravam-se de algumas folhas mortas, que ganhavam movimento impulsionadas pela correnteza. Perguntou-se se por alguns instantes elas não estariam retornando à vida. Seus sentidos foram aos poucos se acostumando ao novo ambiente. Suas dores simbólicas foram diminuindo e a digestão sensorial sendo efetuada. Reparou nos pequenos detalhes, nas ranhuras das pedras, nas pequenas poças d'água acumuladas nas margens do riacho, no vôo de insetos em bando sobre um ponto específico das águas, nos desenhos abstratos que as cascas das árvores formavam, na diversidade de tipos e tamanhos de plantas, nas tonalidades de coloração das folhas, todas essas informações compunham uma grande esfera de pensamentos

que se formava, e na qual estava imerso. Nenhuma delas tinha mais importância do que qualquer das outras. Sentia-se dentro de uma grande bola de natureza, e ela havia se transferido para dentro de sua cabeça, formando uma bola de idéias.

Sabia que essas duas bolas isoladas poderiam arrebentar suas fronteiras formando uma única. E o resultado disso seria uma grande sensação de união, epifania, revelação, parecida com a que tinha passado quando tentara agarrar as estrelas. Mas não era isso que queria, já havia provado daquela sensação maravilhosa, mas agora queria algo novo, desejava manter seus pés no chão. Não queria dissolver seu ego, pretendia utilizá-lo para apreciar os sabores que o momento lhe proporcionava. Precisaria de um cérebro racional, que fosse deglutindo e formando conceitos. Sabia que, se se deixasse levar por um êxtase de sentidos, acabaria deglutindo muito mais do que se decidisse percorrer o caminho racional. Mas era um homem cheio de limites e fronteiras e teria de viver dentro de suas restrições.

Escolher um, quando se tem a possibilidade de optar por mil, a princípio foi uma decisão difícil. Mas, aos poucos, foi encontrando cada vez mais sabedoria nela. Aquilo era um riacho envolto por natureza e ele era um homem nu que contemplava essa natureza. Nada mais precisaria ser dito. A observação desvendaria os raciocínios. Procurou não se deixar conduzir pelas emoções, que vinham amarradas à beleza e à harmonia. Olhava tudo de um ponto de vista quase isolado, ele mesmo era o único ponto de união entre seu raciocínio e as idéias.

Por um bom tempo apenas observou tudo sem tentar fazer qualquer juízo de valores. Engolia sem se preocupar com a fome ou a digestão. Mas tudo o que engolimos sempre gera uma consequência. Aos poucos uma idéia-dúvida foi se formando, começou a perguntar-se, se tudo que o envolvia marchava ou não para algum objetivo final. Se o objetivo não seria a existência em si, ou então a auto-destruição, que criaria espaço para o surgimento de sucessores, que também esperariam por seus finais para gerar espaços para outros...

A pergunta estava em processo de formação, e por isso mesmo era longa e inexata... haveria alguma espécie de consciência coletiva dessa força natural, e se houvesse, teria ela noção de seu próprio destino... caso possuísse essa noção, então a natureza seria superior ao homem, que de forma alguma a possui... mas talvez o homem fosse apenas uma folha seca ou um graveto caído, e essa noção do próprio destino só existiria para o conjunto de todas as formas naturais, da mesma maneira que só existiria para o conjunto de toda a humanidade... então existia a possibilidade de uma grande e escondida capacidade humana de perceber e descobrir o próprio destino... e tendo percebido-o, continuar vivendo, aceitando-o fosse qual fosse... mas onde estaria essa capacidade, escondida dentro do branco dos olhos de cada um? A pergunta começou a solidificar-se.

E caso essa capacidade coletiva realmente existisse, e pudesse de alguma forma transferir-se do coletivo para o individual, deixando que cada homem conseguisse enxergar o sentido de sua própria existência, havendo ou não algum, então conseguiríamos continuar vivendo da maneira como

vivemos? Caso não conseguíssemos, como então seria essa nova maneira de viver? Conseguiríamos carregar o peso de nossas individualidades, junto com o peso de conhecer o próprio destino? Será que não teríamos de abandonar o peso das individualidades para continuar a marcha?

As perguntas foram se multiplicando até deixá-lo irritado e confuso. Sentiu-se pesado e indefeso. Teria de aprender a carregar fardos enormes. Procurou esquecer as dúvidas que se empilhavam dentro de sua cabeça. Após alguns instantes conseguiu não pensar em mais nada. O que sobrou foi um certo remorso e um gosto amargo na boca.

Recomeço. Pensou em quantas vezes durante a jornada teve de recomeçar. Vivia mais um desses instantes. Reiniciava buscando o caminho da simplicidade, onde não tentaria engolir mais do que conseguia digerir, e onde as perguntas viriam em número parecido das respostas. Não exigia exatidão, alguma pergunta poderia ficar sem resposta e vice-versa. Reiniciava para se livrar dos extremos, os êxtases e os ódios se revelavam igualmente nocivos para seu percurso. Esquecer-se-ia de sua aldeia e da eternidade. Sepultaria seu personagem fictício e selaria bem seu túmulo para que de lá outros como ele não saíssem.

O fato de ser dia o ajudaria a se manter distante das iscas que atraíam seu pensamento em direção das idéias de eternidade. As estrelas não estavam lá e as luzes não deixavam muito espaços vagos para o mistério. Mas não era o simples e correto executor de missões o que ele queria se tornar. Mesmo porque não

achava ser o que estava vivendo, uma missão. Buscava um meio termo que não sabia qual era, o árduo caminho sutil, pluma leve enterrada sob rochas pesadas. O equilíbrio entre raciocínio e emoção, o discreto que diz somente o que é necessário e nenhuma palavra a mais.

Começou o novo caminho da mesma maneira que terminou o antigo, com uma longa reflexão sobre os prós e os contras dos extremos. Chegou à conclusão de que ambas as pontas não eram saudáveis, essas idéias levaram-no à exemplificação de casos, que por sua vez conduziram-no a emoções apaixonadas. Ele não conseguia se libertar do círculo. Percebendo isso interrompeu imediatamente sua seqüência de pensamentos. Também parou de respirar. Não prendeu o fôlego, simplesmente não aspirou mais ar. A ânsia da falta de fôlego começou a invadi-lo e às suas idéias. Um negrume azedo escureceu-o, o mundo virou desespero por ar. Agüentou até o limite extremo que podia e finalmente respirou sua salvação. Esse percurso tão rápido entre extremos pareceu tê-lo purificado. A escuridão e a luz que cega, inconscientemente, ficaram impressas dentro de si como algo a ser evitado. Os pensamentos não se grudavam mais uns aos outros, e nem carregavam consigo emoções aleatórias.

O riacho escorria suas águas iluminadas. Molhou as mãos para lavar os ferimentos. Notou a fina crosta que seu organismo formara ao redor do corte. Sentiu que a farpa de madeira continuava sob a pele, e que sem que ele percebesse, seu corpo havia fechado a entrada do objeto estranho. Uma idéia rápida o invadiu: a natureza é sábia, mas ela também é estúpida.

Depois dessa rápida conclusão, dedicou-se a observar de maneira isenta as extensões do ferimento. Havia bastante sangue coagulado ao redor das feridas, o que o forçou a esfregar com as pontas dos dedos para limpá-las. Feito isso percebeu como eram as pequenas feridas. A luz do dia derretia os bons e os maus mistérios. Não havia fraturas nem nada mais grave, seu único problema real era a farpa instalada sob a pele. Voltou a apalpá-la, reparando que ela não estava muito profunda, pensou em extraí-la, ele mesmo, com o auxílio de algum graveto. Resolveu que só acabaria piorando a situação.

Levantou-se e lembrou-se que estava nu. Sobre esse fato não teve nenhuma idéia. Retomou o caminho de barro, a princípio não pode deixar de comparar as cores que agora enxergava, com as sombras da noite. Tentou descobrir qual sombra correspondia a qual cor. Algumas vezes parava para admirar as belezas que a natureza lhe oferecia, desses instantes extraia a beleza e mais nada.

Seus passos eram constantes sem serem vigorosos. Quem o visse caminhando não diria que ele tinha excesso ou falta de tempo. Talvez dissesse que caminhava naturalmente. O dia havia nascido por completo, o sol já abandonara a linha do horizonte e subira o primeiro degrau de sua escada diária. Ele estava sereno, mental e fisicamente. Seu equilíbrio, entretanto, sofria pressões. Os pequenos detalhes que formavam a natureza procuravam cada qual atrair sua atenção. Se não tomasse cuidado acabaria seguindo os mais atraentes e logo se veria imerso no mundo de idéias amarradas, o que acabaria seu período de equilíbrio.

Além disso, lembrou-se de que havia passado quase a noite inteira andando, que o dia tinha nascido e ele continuava caminhando. Mesmo assim não sentia o menor sono. Ocorreu-lhe a idéia de que talvez nunca mais dormisse, e que teria descoberto o segredo da eterna vigília. Em seguida questionou-se, se em algum instante de descuido, sem que percebesse, morrera e agora prosseguiria sua caminhada nesse limbo iluminado, sem noites ou sono. Cogitou também como outra possibilidade, que seu descuido de atenção que o levaria a estar morto, tivesse ocorrido ainda no vilarejo, e que todo o percurso pudesse ser um efeito colateral desse seu possível estado.

E que dias e noites se sucederiam, mas sua consciência livre do peso real de um corpo vivo, prosseguiria atravessando barreiras e luzes, para sempre. Avançando e retrocedendo, passos na direção da luz para encontrar-se com a escuridão e passos rumo ao escuro para... interrompeu essas reflexões quando apalpou a farpa. Pela primeira vez alegrou-se com sua presença, ela confirmava que não estava morto.

O fato de estar vivo, não tinha certeza absoluta disso, mas as possibilidades contrárias eram desprezíveis, lhe enchia o peito de uma certa responsabilidade misteriosa. Como a certeza da morte futura era absoluta, ele sentia a necessidade de enquanto estivesse vivo, dar o seu melhor. Não sabia como faria isso, e muito menos o que seria esse melhor. Mas suspeitava que qualquer que fosse o caminho escolhido, o equilíbrio emocional seria sempre um instrumento importante para que pudesse extrair seu máximo.

As luzes continuavam aumentando de intensidade, mas agora já eram luzes maduras que iluminavam os objetos de maneira mais rígida e com menos danças. Seu estado emocional parecia acompanhar o desenvolvimento delas e oscilava dentro de um limite envelhecido. Com uma boa olhada ao seu redor, procurou identificar a harmonia e o equilíbrio na natureza, a princípio teve dificuldades. Logo percebeu, que talvez estivesse buscando uma harmonia que se relacionava com o padrão mental construído a partir de sua vida no vilarejo. Afrouxou as amarras da percepção e deixou que o ritmo do balançar das folhas, o som dos pássaros, as tonalidades de verde, e outros tipos de manifestações naturais, mostrassem que completavam-se, formando uma frase cheia de significado e beleza, escrita com palavras de diversos idiomas diferentes.

O mundo completava-se encaixando-se de maneira perfeita, entretanto a harmonia disfarçava-se de caos. Questionou-se então, se a harmonia matemática e aparente do vilarejo não seria apenas uma grande bagunça fingindo organização, e que transmitiria a seus seguidores esse estado de permanente desconforto. Procurava não formular conclusões, mas não conseguiu escapar de uma: as realidades menos aparentes estão mais distantes das mentiras mais evidentes.

Em seguida olhou demoradamente para seu corpo procurando encaixá-lo na harmonia discreta que havia ao seu redor. Encontrou dificuldades para distanciar-se o suficiente de si mesmo, a ponto de considerar-se de maneira isenta. Reparou então, como sua consciência estava ligada à sua imagem física. E como isso interferia em sua participação na harmonia

natural. Seguindo por esse caminho, percebeu que seu corpo isoladamente poderia se integrar à harmonia universal, mas sua consciência seria sempre uma pedra mal posicionada que quebraria a perfeição do mais equilibrado dos jardins.

Sentia-se um acúmulo de vivências, próprias e ancestrais, que fundiam-se, brotavam, e se realimentavam, mas que originavam-se sempre da sua separação com a natureza em harmonia. Se esse raciocínio estivesse correto, quais seriam seus caminhos, viveria para sempre desalinhado na vida, participando dela como alguém que assiste a um espetáculo teatral, mas sem nunca poder pisar no palco? Ou então encontraria uma maneira de dissolver os caroços de sua consciência, até torná-la tão líquida quanto a harmonia necessitasse para se manifestar.

Sorriu sem tentar responder, percebeu que novamente, qualquer que fosse a resposta, ela o conduziria para novas perguntas... respirou fundo e continuou caminhando, pela primeira vez viu os raios de sol inteiros, lhe cobrindo completamente de luz. O céu não tinha nenhuma nuvem e o dia prometia calor. Entretanto, aquela hora da manhã oferecia a temperatura ideal para caminhadas. Aos poucos a vegetação foi se modificando, o riacho fez uma curva e distanciou-se da trilha.

A mata foi ficando rala, com alguns arbustos esparsos em meio a uma terra que mudava de tonalidade em direção ao vermelho. Havia barrancos desmoronados pela erosão com algum capim em cima, que formavam esculturas de terra, subidas, descidas, pequenos planaltos secos e grandes depressões

em cujo fundo havia poças d'água. As tonalidades diferentes da terra formavam desenhos abstratos, que após alguma observação ganhavam formas concretas. Na linha do horizonte o céu azul mergulhava na terra avermelhada. A luz cada vez mais forte do sol soldava essas cores distantes, tornando difícil para os olhos a contemplação dessa mistura rica. O mundo se mostrava árido e colorido. As poças d'água dos fundos dos buracos pareciam indefesas e condenadas, diante do sol cada vez mais forte.

As linhas de terra mais escura desenhavam formas na terra avermelhada, e conforme caminhava, tinha impressão de que elas se movimentavam. Chegou mesmo a sentir-se acompanhado por essas formas móveis. Com o canto dos olhos percebia que elas continuavam lá, seguindo-o. Isso o incomodava, talvez tivesse a necessidade de ser o pioneiro em seu percurso. Parou para que o movimento também cessasse, olhou para o barranco de terra avermelhada e bem no meio dele havia uma camada de terra preta que se parecia com uma cobra.

A idéia de ser seguido por uma serpente o perturbou e trouxe com ela várias idéias inconvenientes. Por um bom tempo combateu-as, procurando enxergar na camada de terra, apenas terra. As primeiras gotas de suor escorreram de sua testa. Limpou-as com a mão e esqueceu-se da cobra, a água para beber era mais importante do que ela. Temeu não haver outra fonte de água que não fosse o riacho, que já há um bom tempo tinha sumido. Lembrou-se das poças d'água do fundo dos buracos, mas aquela água deveria ser de chuva. Não teria dificuldades de voltar até o último ponto onde vira o riacho, mas não queria limitar seu percurso aos desejos do

traçado do córrego. Mesmo porque, às vezes, não havia como caminhar a seu lado.

O sol aumentava sua força e as gotas d'água escorriam por sua testa. A sede já tinha começado. Lembrou-se do equilíbrio emocional que tentava buscar, lembrou-se também da lógica, que havia decidido, seria sua aliada... mas sabia que existia o lado encoberto da realidade, e que não poderia desprezá-lo... o mistério que fazia com que os olhos de um homem sejam diferentes dos de um peixe dentro de aquário, e que sua voz não se pareça com o grunhido de um porco. Apostou naquilo que desconhecia e continuou caminhando em direção oposta ao riacho. Bloqueou sua mente contra arrependimentos, mas sabia que essa blindagem duraria somente enquanto sua situação física fosse razoável.

Duas gotas de suor escorreram debaixo de seus olhos e o levaram a ter um pressentimento negativo, essa fraquejada pintou instantaneamente um retrato mental, onde ele caído no meio da terra vermelha e pegajosa, morria à míngua tentando lambe as últimas gotas que a chuva deixara. Rapidamente enxugou com os dedos as lágrimas feitas de suor e procurou inundar sua mente de cenas aquáticas.

Quando recomeçou a caminhar nem se lembrava mais que há pouco tempo atrás havia se incomodado com os desenhos de terra nos barrancos. Olhou para os arbustos em volta, que apesar de não serem muito grandes, não pareciam sofrer de falta d'água. Foi invadido por uma onda de otimismo, que após alguns instantes reparou ser tão pouco justificável e tão

útil quanto a de pessimismo. Procurou livrar-se dela sem, no entanto, abandonar a idéia inicial que a havia originado. Os arbustos possuíam sua fonte, ou havia um lençol subterrâneo a pouca profundidade, ou então aquela região era abundante em chuvas. Mas ser abundante em chuvas para uma planta, era diferente de sê-lo para um ser humano. Em uma semana de seca provavelmente a planta manteria o mesmo verde de suas folhas... decidiu perder energias com arrependimentos apenas quando essa perda não fizesse mais nenhuma diferença.

Avistou algo diferente no horizonte, o sol não deixava identificar o que era. Parecia um grande objeto amarelado. O aparecimento desse grande totem misterioso trouxe novo ânimo, e as gotas abundantes de suor e a boca seca, foram esquecidas. Aumentou a velocidade de seus passos que também ficaram mais largos, não conseguia identificar o objeto, mas sabia que era grande e amarelo. Lembrou-se de tantas histórias que tinha escutado a respeito das miragens do deserto. Por um instante desconfiou que seus olhos poderiam estar lhe pregando alguma peça, mas a desconfiança durou pouco, porque aquele objeto parecia querer combater os raios de sol que o contornavam. Parecia que, o que quer que fosse aquilo, cheirava e pesava à realidade.

Não mais suspeitava que o objeto pudesse não existir, entretanto de alguma forma havia sido enganado por uma miragem. A distância a qual imaginava estar o objeto não era real, ele caminhava, mas parecia que seus passos não diminuían o espaço que o separava da torre amarela. Um certo desânimo o invadiu, um novo ânimo foi criado e ele prosseguiu ainda

mais determinado. Havia se esquecido de tudo o que conhecia e toda sua atenção e energia estavam direcionadas na busca do que desconhecia.

Finalmente a distância que o separava do objeto começou a ceder diante de seu esforço, mesmo assim ainda não conseguia identificar o que era. Abriu espaço em sua mente para especulações, desejava saber não somente o que era aquilo, como também as possíveis conseqüências de cada hipótese. Agora saíam de seus olhos lágrimas reais causadas por suas tentativas de encarar o sol, que estava bem atrás do grande objeto. Lembrou-se do pressentimento que tivera quando o suor escorrera de seus olhos, as lágrimas verdadeiras tinham escorrido mais cedo do que ele poderia imaginar, e por uma razão que jamais desconfiaria. Isso o conduziu a uma daquelas conclusões que ele detestava, pois representavam o contrário daquilo em que acreditava: as evidências do evidente são pouco evidentes.

Quanto mais se aproximava, mais o sol interferia em sua visão. Decidiu caminhar olhando para seus pés. Observava seus passos para poupar seus olhos. Entretanto, sua mente pintava a cada instante um retrato do objeto misterioso. E essas representações, simbolizadas por alguns objetos que existiam e outros que não, transmitiram-lhe um frio na barriga que ele não sentia desde os tempos de infância. Eventualmente levantava a cabeça para verificar se caminhava na direção correta, mas o sol continuava lá, bloqueando sua visão.

Olhou fixamente para o trabalho de seus pés, o movimento dos ossos, reparou na marca que seus calcanhares deixavam na

terra mole. Percebeu como a terra penetrara sob suas unhas. Assistiu contemplativamente os movimentos se sucederem, era um passageiro de trem hipnotizado com o movimento da roda. Reparava nos detalhes, mas prestava mesmo atenção na essência do que estava acontecendo. Chegou até, por alguns instantes, a esquecer-se do objeto misterioso.

Esse estado contemplativo parece que encurtou o tempo vivido, e junto com ele a distância que o separava do objeto. Estava próximo, mas a luz solar ainda não o deixava identificar do que se tratava. Reparou que a cor amarela cobria a parte superior do objeto, interrompia-se e depois reaparecia na parte inferior.

Olhou novamente para o movimento dos pés, queria aproveitar por mais alguns instantes a doce sensação de mistério que coçava seu estômago por dentro. Esses instantes tiveram os melhores gostos de sua vida, à surpresa da infância foram somadas as descobertas da adolescência e os sonhos da vida adulta. Viveu seu pequeno paraíso provisório, seus passos diminuíram de velocidade porque sabia que o objeto já estava muito próximo, queria sugar o máximo que pudesse desse instante.

Algumas flores amarelas caídas no chão misturavam-se com a terra vermelha, formando uma combinação de cores hipnotizante. Distraído com os matizes radicais, nem percebeu que havia cada vez mais amarelo e menos vermelho. Caminhava sobre um tapete amarelo de folhas caídas. Bem no meio delas uma grande sombra vertical. Ele havia chegado ao grande objeto. Não poderia mais cultivar os doces instantes de

mistério, se tentasse, eles apodreceriam dentro de seu estômago e apagariam a recordação das boas sensações que tivera.

Levantou a cabeça, o sol ainda incomodava seus olhos, mas não o suficiente para que ele não conseguisse identificar do que se tratava. Estava sob uma imensa árvore, cuja copa amarelada, deixava flores caírem no chão. Sua primeira reação foi decepcionar-se. Estava revelado o mistério e ele não era tão brilhante quanto os desejos que movimentaram seu estômago. Num segundo instante ele percebeu que qualquer que fosse o objeto, seria sempre menor que o mistério. Num terceiro instante seu lado prático pediu passagem para aumentar sua decepção, ele desejava que a revelação lhe trouxesse algum auxílio prático para continuar o percurso. Passados esses instantes iniciais, equilibrou seus sentimentos e procurou, antes de mais nada, observar a árvore. Afastou-se alguns passos para melhor enxergá-la. A copa estava coberta por flores amarelo-claras, que se chocavam diretamente com o azul-anil do céu. Ele olhava-a de um ângulo em que o sol não o incomodava, mas apenas o choque de cores já era suficiente para que seus olhos tivessem dificuldades de deglutir o que enxergavam. Primeiro pensou que fosse a disparidade de cores, num segundo instante atribuiu essa dificuldade de assimilação à pura beleza que enxergava.

O imenso buquê amarelo unia-se a um tronco escuro de cascas poderosas que voltava a se emendar com o amarelo das flores caídas no chão. Deu mais alguns passos para trás para ampliar seu campo de visão. O vermelho circundava a mancha amarelada. Sentou-se no chão para conseguir engolir a beleza. Não teve pressa, começou pelas bordas, onde as primeiras folhas

caídas se misturavam com a terra vermelha. Gradualmente avançou rumo ao tapete de flores, escalou o tronco de cortiça, atravessou o mar amarelo da copa e terminou nas últimas flores, que encostavam no azul claro do céu.

Seus olhos pareciam saciados, saídos de um grande banquete. Sua mente estava serena. Ele aproximou-se do tronco e deitou-se sobre o tapete amarelo de flores caídas. Sentia-se puro, olhava para as flores mortas caídas à sua volta e divertia-se com suas cores berrantes. Olhava para cima e via as flores vivas existindo, de vez em quando alguma delas descia para fazer parte do tapete em que estava deitado. Descia lentamente, fazendo curvas no ar. Começou a sentir um calor invadindo seu rosto, suas pálpebras começaram a pesar. Uma brisa derrubou algumas flores sobre ele, olhava-as de perto, reparando em seus mínimos detalhes. Reparou também em alguns galhos secos que já tinham despejado no chão todas suas flores. Eles apontavam como dedos para o céu azul. Com os olhos ainda impregnados de amarelo, fixou sua atenção no azul indicado pelos dedos secos. O azul foi escurecido por suas pálpebras.

Despertou sem recordações do sono. Sentia-se completamente restituído de seus esforços. Lembrou-se da única vez na vida em que se sentira tão bem quanto naquele instante, fora uma vez saindo do banho, quando tinha sete anos de idade. Não tinha idéia de quanto tempo havia dormido, mas reparou que o sol já estava quase perpendicular em relação ao solo. As luzes fortes dessas horas eram filtradas pelas flores amarelas da copa, que amortecia os raios solares, transformando-os numa substância sutil que amarelava o ar e parecia poder ser tocada.

Continuou deitado observando aqueles instantes raros. Um breve odor das flores caídas chegava até suas narinas, era um cheiro de flor misturado com cheiro de flor apodrecida. Isso acabou interrompendo sua estada no mundo do encantamento, e apressando sua volta ao mundo do raciocínio. Na verdade, talvez escolhesse um meio-termo entre os dois. Não podia deixar que aquela beleza fosse simplesmente engolida pelas engrenagens da lógica, mas também não queria continuar para sempre nesse rio sem margens, que era o estado contemplativo.

Olhou para as flores vivas que estavam penduradas no alto da copa, reparou no exato instante em que uma delas se desprende e desceu até o chão. Depois a olhou caída, cercada de muitas outras em todos os estados de deterioração. Enxergou nas flores vivas toda a eternidade, elas eram a representação de todas as que já existiram e aquelas que ainda existirão, eram o símbolo do encadeamento sem fim de tudo o que foi, é, ou será banhado pela existência. As flores vivas eram um grito constante, onde estavam incluídos todos os sentimentos e sensações que já foram, são e serão experimentados. Um rasgo amarelo brilhante no pano escuro da não-existência, furo que jamais poderá ser consertado, mas que também nunca cresceria de tamanho.

A flor amarela seria a eterna representação do instante, o acontecendo, a vida manifestando-se e sendo notada, justamente porque existem substâncias que não estão vivas e outras que não existem. Sua vida real e simbólica era ao mesmo tempo a semente de seu próprio contrário, e por isso mesmo, por essa contradição grandiosa, é que a flor refletia tão bem as luzes do sol.

A queda das flores se dava em eclipse. Elas escorriam pelo ar em círculos que se expandiam, até caírem no chão. A eternidade desprendia-se de sua fina haste para um mergulho em busca do efêmero.

As coisas mudam, transferem-se de condição, aquilo que é tudo e não tem fim, transforma-se naquilo que é seu próprio fim. Flor encolhendo-se para dentro, escondendo-se da existência, mão invisível que tenta costurar o rasgo no pano escuro do nada. Mas dentro de cada coisa, e não apenas das flores vivas, brotam sempre as sementes de seu perfeito oposto. E os restos desbotados de flores que o tempo apaga, estão apenas escondendo-se por alguns instantes, para depois voltarem a mostrar suas caras de eternidade. As espirais em que giram as flores em queda, são círculos disfarçados que se movimentam entre aparências diferentes, que são estágios por onde tudo o que existiu, existe ou existirá, passou, está passando ou passará.

Ele sentia-se no meio da máquina da vida, observando as engrenagens que rodavam ao seu redor. Mas não se orgulhava de suas descobertas. Faltavam-lhe ainda as mais importantes respostas, o que impulsionava tudo aquilo, e principalmente, por que tudo aquilo teria de sempre girar, essa grande roda sem fim... deixou de lado o raciocínio abstrato e apenas olhou para a grande árvore. Eram nesses espaços vazios entre as flores, nas sombras de umas sobre as outras, nas pequenas anomalias de formação das pétalas, no reflexo da luz de fim de dia sobre seus amarelos, eram nesses monolitos existenciais que se escondiam os segredos sutis, que estariam sempre além de sua compreensão.

Apesar de permanecer deitado, ajoelhou-se diante daquilo que sempre seria maior do que ele. Antes de se levantar deu uma última olhada na árvore, com todas suas forças procurou fugir das conclusões. Quando ergueu-se, estava leve e vazio. Um largo horizonte avermelhado salpicado de pontos verdes o aguardava. Observou seus pés pisando a terra, que tinha cada vez menos flores amarelas. Uma rápida onda nostálgica o atravessou. Ele sentia-se bem e o caminho o chamava. Já distante, a árvore pediu uma última olhada para trás, mas ele fingiu não escutar.

Notava que à medida que caminhava, a terra ia ficando cada vez mais fofa, isso levou-o a pensar que talvez existisse água por perto. O sol estava no ápice, e os efeitos dele sobre sua pele começaram a ser sentidos. Além do suor, sentia que estava se queimando muito rapidamente. Os contornos do horizonte eram confusos, e a essa hora do dia as ilusões de ótica criavam chamuscas transparentes que distorciam a verdadeira paisagem. Mas a cada passo o chão lhe dizia que as águas não deveriam estar longe. Caminhava por um terreno cada vez mais macio, sentia na sola de seu pé a umidade que deveria vir do subterrâneo.

Apesar do sofrimento físico que começava a aumentar, seu estado emocional estava equilibrado. Lembrou-se, com um sorriso no canto dos lábios, da tremenda quantidade de energia que desperdiçou, quando achando que seus ferimentos tinham piorado, havia imaginado para si mesmo um fim doloroso. Os passos eram importantes, cada um deles representava uma pequena vitória sobre sua condição anterior. Era seu trabalho individual e solitário, queria melhorar-se.

O que o preocupava agora eram as raízes espinhosas e os pequenos tocos de madeira enfiados na terra, que poderiam machucar seus pés, algumas pedras redondas parecidas com as do riacho também apareceram. Caminhava devagar certificando-se bem por onde pisava. Nas paradas para olhar adiante, encontrava no horizonte a mesma bruma confusa que subia da terra e não deixava o olho definir o que enxergava.

O sol forte despejava calor sobre seu couro cabeludo e ele começava a sentir dor de cabeça. A boa notícia era que o terreno por onde caminhava parecia cada vez mais úmido. Não sabia qual seria a possível origem da água que umedecia seus pés, mas aquilo já era um sinal positivo. Temia apenas que aquela terra estivesse úmida por alguma chuva do dia anterior. Parou alguns instantes para observar a consistência da lama, e ela não lhe pareceu ter sido gerada por chuvas. A umidade penetrava profundamente na terra, tanto que sem muito esforço conseguiu enfiar o punho inteiro no chão.

Ao se abaixar, reparou que suas coxas já estavam avermelhadas pela ação do sol. Lembrou-se de quando se enterrou no chão, para se proteger do frio da noite. Espalhou lama por todo seu corpo e rosto, esperando contar com uma segunda ajuda da terra. Aparentemente funcionava, e mesmo que a lama escorresse conforme fosse caminhando, ainda restaria uma fina camada de proteção, que seria melhor do que nada.

Percebeu que a natureza estava lhe oferecendo o problema e a solução. Para água, comida e tudo mais que necessitasse, a coisa deveria ser parecida, fornecido o problema, a solução não

deveria estar longe de seu alcance. Bastaria que ele mantivesse os olhos bem abertos e não tivesse medo de enxergar onde não costumava olhar. Enquanto limpava a lama que se acumulava embaixo das unhas de seus pés, ele perguntou-se, se não seria essa sua teoria, aplicável a qualquer situação: o homem perfeito seria aquele que conseguiria enxergar as soluções que a vida nos coloca para todos os problemas. Localizando essas respostas, esse homem hipotético estaria livre dos pesos que todos são obrigados a carregar, e então, teria independência e leveza para ser criativo. Graças aos seus imensos olhos abertos ele não teria culpas ou arrependimentos, e o que criasse seria como o desabrochar de uma flor violeta no instante em que o dia nasce e o céu tem exatamente essa mesma cor.

Limpas as unhas dos pés, as das mãos tinham se sujado. Resolveu deixá-las assim mesmo e continuar desviando dos pequenos obstáculos do caminho. Estava numa região que mudava rapidamente de características, isso o fez lembrar-se de si mesmo e de tudo que o caminho já lhe mostrara. Os tocos e as raízes espinhosas desapareceram e agora a terra estava ainda mais úmida, tanto que, a cada passo que dava seus pés mergulhavam por inteiro no barro, e quando saíam, alguma água barrenta aparecia no fundo de suas pegadas. Tentou cavar com as mãos para ver se chegava na fonte dessa água, depois de algum esforço reparou que por mais que cavasse, a quantidade de água que se acumulava no fundo do buraco era a mesma que se acumulava no fundo de suas pegadas. A água deveria estar espalhada e não concentrada. Não havia respostas fáceis e nem poços enterrados prontos para jorrar.

A sutileza leva a caminhos árduos e o contrário também é verdade. Ele abaixou-se para beber a água lamacenta de cada uma de suas pegadas. Foi interrompido por sua própria gargalhada, imaginou-se enxergando alguém na sua situação, todo sujo de lama e bebendo água de uma poça qualquer. Que tipo de animal seria esse? Finalmente conseguiu lamber a água barrenta da primeira pegada, passou à segunda e à terceira. Como se ajoelhava para beber, também dessas marcas sobrava alguma água no fundo, e delas também bebeu.

Não sabia se aquilo resolveria seu problema, a boca ficava umedecida, mas junto com a pouca água ele engolia bastante terra. Já tinha ouvido histórias de pessoas famintas que em situações extremas se alimentavam de terra. Mas sua situação ainda não era extrema, esqueceu-se da água perdida no fundo de muitas outras pegadas. Lembrou-se da succulenta pêra que havia encontrado de noite, a mistura perfeita de líquidos, alimento e sabor. Sua boca salivou, mas seu estômago já reclamava da terra que tinha engolido. O enjôo durou pouco porque o vômito veio rápido. Seus olhos lacrimejantes não quiseram olhar o que seu corpo havia posto para fora. Talvez por nojo, talvez por medo de reconhecer os restos das pêras.

Percebeu que sua decisão de beber aquela água suja, tinha-o feito perder mais líquidos que todo o suor que escorrera de sua pele. Sentiu-se fraco e sentou-se no chão para descansar por algum tempo. O sol parecia que havia atingido sua força máxima, e não parecia querer diminuir sua intensidade e nem iniciar sua descida. De qualquer forma ele não poderia prosseguir imediatamente, teria de aceitar seus castigos

enquanto recobrava forças. Voltou-lhe à memória sua teoria a respeito das soluções oferecidas pela vida para cada problema que surgia. Já não acreditava nela tanto assim. Suas opiniões voltavam a mover-se com velocidade e instantes depois já estava ao ponto de considerá-la uma grande bobagem.

A força do sol parecia que havia conseguido atravessar a camada de lama que cobria seu corpo, sentia uma ardência por toda parte. Isso o irritou e levou-o a ficar com raiva de tudo, principalmente de si próprio. Um grito ecoou pelos vales vermelhos concentrando todo seu desespero. O desabafo teve efeito benéfico e conseguiu acalmá-lo. Espalhou mais lama pelo corpo e continuou a caminhar.

A paisagem era violenta, poucos arbustos ressecados no meio da terra sangrenta. O céu sem nuvens compunha com a terra uma combinação de cores, que se não fosse o sofrimento que lhe trazia, ele definiria como bonita. Sulcos de erosão cavavam caminhos aleatórios por toda a paisagem. O ar parado parecia facilitar o trabalho de aquecimento do solo. Havia pequenos montes e algumas depressões no terreno, mas agora, provavelmente devido ao sol, não havia mais poças d'água no fundo dos buracos. Até onde conseguia enxergar, a paisagem repetia-se, terminando sempre numa fronteira brumosa onde céu e terra confundiam-se.

Sem desequilibrar-se emocionalmente, e talvez de modo inconsciente, ele começou a afrouxar os laços que o prendiam à vida. Não estava desistindo de nada, mas se os caminhos estivessem conduzindo-o a becos sem saída, seria mais fácil, se

ele não estivesse assim tão aferrado àquilo que não poderia mais continuar existindo. Seu pensamento levou-o para duzentos anos no futuro, época em que todas as pessoas que naquele instante estavam confortavelmente abrigadas do sol e bem hidratadas, já estariam todas mortas.

Sua imaginação tentou formar um retrato desse mundo futuro, mas as imagens que se formavam estavam todas comprometidas por seu sofrimento físico. Naquele instante os mistérios do futuro eram apenas uma desculpa, imaginava uma época onde a morte tivesse ceifado a todos que conhecia. Igualando desse modo todos os destinos. Talvez sentisse vergonha do que estava vivendo, mas não podia admitir isso para si mesmo.

Nesses delírios ensolarados concebeu pessoas da época que imaginou, todas muito gentis para com ele, seus personagens sabiam que ele pertencia ao passado, e o admiravam por isso, por essa sua vitória sobre a...

Percebeu que sua situação estava delicada, as gotas de suor tinham diminuído de intensidade, isso não era bom sinal. A perda do equilíbrio emocional representaria o começo do fim. Reparou como, em pouco tempo, seus braços e pernas tinham se avermelhado ainda mais, ele estava confundindo-se com a cor da terra. A primeira decisão foi poupar energias, caminharia devagar e esperaria o sol baixar um pouco, procuraria abrigo nas sombras de algum arbusto. Olhando para os lados percebeu que todos eles eram baixos e desfolhados e não poderiam abrigá-lo. Lembrou-se da terra protetora, talvez conseguisse

cavar na terra que não estava mais úmida, mas não era muito dura. Se protegeria do sol... desistiu, não tinha mais forças para cavar um buraco onde coubesse inteiro, e depois, seu problema pior eram os efeitos do sol sobre sua cabeça, e ela não poderia enterrar. As queimaduras do corpo eram um problema menor.

Transferiu do inconsciente para o consciente o afrouxamento dos laços que o atavam à vida, uma frase resumiu tudo: farei meu máximo, mas se não der não deu, fazer o quê... esse pensamento relaxou-o um pouco da tensão que sentia, tirando de suas costas uma responsabilidade que não era apenas sua. A outra lei de sua autoria deu uma amostra que talvez não fosse de todo infundada, logo que conseguiu livrar-se de um peso que carregava, a vida colocou à sua disposição um pequeno prêmio. Um arbusto um pouco maior e com folhas grandes apareceu à sua direita, junto com ele sua sombra.

Sentou-se e procurou refletir sobre o acontecido, precisava ampliar suas conquistas, o arbusto não era suficiente, a vida tinha lhe colocado nessa enrascada e cabia a ele encontrar a saída. A possível solução de suas dificuldades deveria estar ao alcance de suas mãos. Sabia que teria de manter os olhos abertos e atentos, aquele arbusto não havia aparecido por acaso, já tinha dado o primeiro passo no sentido correto... precisava manter-se vigilante, ouvidos prontos para escutar algum murmúrio do vento, qualquer dos sentidos poderia ser usado para que a vida dissesse onde estaria a salvação.

Abrigado do ataque direto dos raios de sol, ele continuava a sentir o calor que o envolvia como braços acolhedores. Deitou-

se no chão, queria chegar a conclusões, escutar vozes e perceber verdades, a terra vermelha já era sua amiga íntima, encostou o rosto nela. Seus pensamentos foram aos poucos amolecendo. Olhava ao redor mas sua consciência tinha perdido o alvo certo em que antes mirava. O mundo parecia que zumbia numa mistura de cores fortes e fumaça transparente que se levantava do horizonte. Um cheiro diferente invadiu suas narinas, não sabia do que, talvez fosse do próprio arbusto, o aroma parecia menta, jasmim, ou qualquer coisa levemente anestésiante. Suas pálpebras pesavam e ele desconfiou o que aconteceria se elas se fechassem, uma vez tentou resistir... o calor o chamava para um descanso, a terra era seu leito e lhe despertava uma sensação de acolhimento, de solidariedade... tentou resistir uma segunda vez... o calor subiu até seu rosto e soprou por sua nuca invadindo seus ouvidos... tudo conspirava, ele não teria mais por quê resistir, sua vontade secou e seus olhos fecharam-se.

Sua boca abriu-se em relaxamento. Seu corpo inerte parecia que era sugado para dentro da terra vermelha. Os movimentos do mundo pararam, ou quase isso, o ar imóvel parecia pesado, com isso as cores de todas as coisas perderam um pouco de seus brilhos. O vermelho transformou-se em marrom e os tons de verde perderam suas definições. Sua mão estava espalmada no chão. Seus dedos abandonados. A pouca distância dele, formigas escalavam os galhos do arbusto, carregavam comida para estocar no formigueiro. Logo havia uma longa fila indiana delas atravessando por cima de sua perna. Ele era apenas mais um obstáculo rochoso.

As primeiras nuvens no céu apareceram trazidas por uma brisa, uma delas parou na frente do sol, modificando novamente as cores de tudo, algumas tonalidades desapareceram e outras surgiram. O sol havia começado sua descida diurna, e aos poucos as chamas transparentes que o calor fazia que saíssem da terra, começavam a desaparecer. Uma formiga solitária separou-se de suas companheiras que tinham acabado de descer de sua perna. Ela caminhou em sentido contrário, desceu até o joelho e com as antenas observou por onde pisava. Em seguida caminhou em direção da virilha, atravessou todo o tórax e pescoço, chegando ao rosto. Entrou na boca que estava aberta e de lá saiu pouco tempo depois, escalou a face e desapareceu na floresta de cabelos para reaparecer novamente no chão, balançando mais do que nunca suas antenas.

O vento alto que trouxera as nuvens, agora também soprava baixo, arrastando algumas pequenas folhas de arbusto e trazendo de volta o movimento. As grandes bocas abertas pela erosão, com a diminuição gradual da força do sol, já pareciam menos devoradoras, tinham perdido a força de seus dentes vermelhos, tornando-se inúteis mandíbulas desdentadas.

As folhas, as forças, as cores e as nuvens se mexiam, as sombras inquietas saltavam, buscando outros lados. O mundo mudava mundando, explosões implodidas, brotos apodrecidos renascendo de dentro da morte. Odores misturados, trazidos de regiões distantes temperavam os ares que moviam suavemente os galhos dos arbustos. Havia também um outro movimento acontecendo, era sutil e difícil de definir. Caminhava em ambos os sentidos, no imenso e no infinitamente pequeno,

estava no sorriso que não acontece, na recordação que escapa da memória e no vôo das pombas das praça dos vilarejos. Movia-se o instante, arrastando com ele todas as sensações de se estar vivo, as conscientes e as inconscientes, e atado a tudo isso, vinha o apenas ser dos vegetais e minerais (monumento filosófico com quem os homens têm muito a aprender), nessa grande amarração estava construída a base existencial que preenche os espaços vazios entre objetos e eventos, e que dão unidade à vida.

Esse movimento misterioso acontecia e inspirava os insetos e as folhas a mexerem-se, as nuvens caminhavam em direção do horizonte trazendo com elas um pássaro solitário que atravessava os céus gritando. O grito do falcão deu seqüência às ondas expansivas de movimento, e nem ele, o homem que havia deitado, deixou de movimentar-se.

Levantou-se de seu sono profundo. Seus olhos demoraram a reconhecer o que lhe mostravam. Sua memória trabalhava para ligar o instante a seu último momento de consciência. Aos poucos foi reparando nas mudanças que tinham acontecido, observou o sol em seu caminho descendente, notou a modificação nas cores e nas sombras. A fascinação pelo novo atenuava as recordações dos momentos de dificuldades. A dor agora estava encoberta por uma névoa, que a atenuava e até tornava inexata sua existência.

Mas esse mundo renascido não prometia paraísos. Mesmo enfraquecidas as recordações ainda incomodavam, eram como a farpa sob sua pele. E assim como ela, serviam como registro do

caminho percorrido. Sentia suas forças restauradas, mas sabia que isso era uma sensação falsa e transitória. Precisava hidratar-se. O calor havia diminuído e isso lhe daria a possibilidade de caminhar à procura d'água. Olhou para todos os lados, não se lembrava mais de qual direção tinha vindo, não conseguia enxergar pegadas no chão. Procurou identificar qual direção oferecia melhores perspectivas. A paisagem era toda muito parecida, mas à sua direita os arbustos pareciam um pouco mais verdes, e isso poderia ser um sinal de maior proximidade com alguma fonte d'água. Desconfiou que talvez esse brilho na cor poderia ser apenas um efeito da luz do sol, e que no fundo os arbustos eram todos iguais. Mas precisava acreditar em alguma coisa e caminhou na direção das folhas mais verdes.

Mares revoltos percorriam sua mente. O conteúdo de seus pensamentos modificava-se a cada instante, mas sua forma chacoalhante e cíclica é que talvez tenha sido inspirada por seu subconsciente sedento. Chegou até a imaginar que seus pensamentos tanto se moviam que poderiam acabar escorrendo por suas orelhas. Mas aos poucos suas águas mentais foram serenando, e mais tranquilo pôde raciocinar sobre as sensações que teve pouco antes de fechar os olhos. Essas reflexões estavam conduzindo-o novamente a conclusões e dúvidas... interrompeu-as para retomar seu lado prático: água.

Parecia haver uma linha que separava os arbustos um pouco mais verdes, dos outros. A possibilidade de ser apenas um efeito das luzes ele já afastara. Aqueles arbustos deveriam estar mais irrigados. De qualquer forma, aquilo não significava que aquela água estaria a seu alcance. Mesmo assim acompanhou o

caminho das plantas verdes, que em poucos metros o conduziu novamente à margem do riacho.

A princípio achou que se tratava de uma ilusão de ótica, o barulho das águas é que fez o grito de alegria ecoar no meio da natureza. Fartou-se com a água, banhou-se e ficou um bom tempo deitado nas pedras do fundo do riacho sentindo a força da correnteza. As águas revoltas, que balançavam com violência seus pensamentos, pareciam ter escorrido para dentro do córrego. Vivia instantes vazios de serenidade. O sol, que antes castigava sua pele, agora parecia um lutador envelhecido e inofensivo. A luz era confortável e não ofendia suas pupilas.

Dentro do conforto brota a semente de seu oposto. E ela floresceu em forma de dúvida. Não sabia que horas eram, mas pela posição do sol talvez a metade da tarde estivesse próxima. A última vez que se alimentara havia sido na noite anterior, apenas algumas frutas, e o desarranjo estomacal o tinha feito pôr tudo para fora. Entretanto não sentia fome alguma, nem fraqueza. Ficou apreensivo, pois nessa situação de aparente saúde poderia estar escondido um grande desequilíbrio de seu organismo, esperando para se manifestar a qualquer instante. Mas o que poderia fazer? Se tivesse alimentos ao alcance comeria mesmo sem ter fome. Mas ao seu redor nada era comestível.

Procurou esquecer-se de algo que era apenas uma possibilidade, não queria sofrer por antecipação, mas não pôde evitar que uma farpa mental se colocasse em um lugar de difícil extração. Sabia que ela poderia, quando menos esperasse, lembrar-lhe de que caminhava à beira de um abismo. Mas como

a função das farpas é incomodar apenas de vez em quando, esqueceu-se da falta de apetite e de seu possível problema de saúde. Observou suas pele, seus braços, pernas, todo seu corpo havia sido bastante castigado pela força do sol. Entretanto não sentia dor alguma, talvez a água tivesse servido de analgésico para as ardências.

Tentou ver seu rosto refletido nas águas, o movimento delas não o deixou enxergar direito os efeitos do sol sobre ele. Enxergou apenas uma turbulenta mancha com sobras de olhos, nariz e boca, uma mistura física que talvez refletisse sua mistura interior. Perguntou-se se talvez, pela primeira vez, uma substância reflexiva não estaria lhe contando a verdade.

Seu raciocínio deu um salto ilógico, pulando da dúvida para dentro das águas do riacho, imaginou a vida dos peixinhos, lembrou-se do peixe hipotético verde brilhante, de sua própria criação. Refletindo sobre a mistura de idéias, percebeu que talvez o verde brilhante de sua imaginação tivesse sido tirado da cor dos vaga-lumes. Tentou se lembrar se tinha criado seu peixe antes ou depois de ver os vaga-lumes, não conseguiu.

A idéia de algo de sua própria criação remeteu-o para o homem que havia inventado e decidira sepultar de vez. Onde andaria ele? Se pudesse sair de sua tumba e renascer para apenas mais uma cena, qual seria ela? Afrouxou as amarras que continham sua criatividade e enxergou novamente seu personagem. Dessa vez parecia que seu poder criador estava tão vivo e forte, que ele literalmente enxergava o homem à sua frente, do outro lado do riacho.

Sua curiosidade foi maior que seu espanto e não acordou sua lógica, observou-o sem questionamentos. Ele parecia mais gordo do que antes, mas sua gordura concentrava-se principalmente na barriga, na papada e nas pernas. Trajava um velho terno cinza surrado e fora de moda, a camisa mal podia conter suas formas e os botões estavam a ponto de estourar. O homem parecia confuso, andava com dificuldades de um lado para outro, e parecia que não podia enxergá-lo, mesmo estando eles distantes apenas alguns metros.

Respirava de maneira ofegante, e a camada de gordura de suas pernas fazia com que elas se atritassem a cada passo, dificultando sua movimentação. Ele suava muito e sua camisa estava empapada de suor, embaixo de seus braços, o paletó tinha duas grandes manchas de transpiração. Seu aspecto físico transmitia-lhe uma certa sensação de agonia. Seus movimentos descoordenados aumentaram o desconforto. O criador procurou acalmar-se olhando para uma borboleta azul pousada sobre um galho.

Quando olhou novamente para o homem, ele estava sentado sobre uma pedra. Passava a língua sobre o lábio superior, como alguém que está se preparando para falar, seus óculos estavam meio embaçados e seu corpo inquieto, como se tivesse coceiras, mas não possuísse mãos. Após algum tempo, percebe-se que seus cacoetes continuam e que ele não estava se preparando para nada. Nem para falar e nem para tomar qualquer atitude. Aquele era seu estado final, e nem suas coceiras, se elas realmente existissem, existiam para ser saciadas. Aquele homem não era resposta para nenhuma pergunta. Mas talvez ele fosse uma

pergunta: num caminho entre dois pontos, não é legítima a decisão de não prosseguir nem recuar, estacionando no meio do percurso?

Proseguiu mais algum tempo observando seu personagem, ele continuava na pedra executando seus pequenos trejeitos e fazendo parecer que estava se preparando para algo. Aquilo começou a irritá-lo, ele era um homem que precisava de respostas para viver. Fechou os olhos e quando os abriu o homem continuava lá, passando repetidamente a língua sobre o lábio superior. Teve raiva daquela língua, daquela barriga, odiou seus movimentos e sua passividade. Se ele o havia criado, bem que poderia destruí-lo. Na verdade já tinha feito isso e depois optado por sua ressurreição. Então o abandonou sentado sobre a pedra e resolveu voltar a caminhar, tinha certeza de que ele não o seguiria.

Dessa vez escolheu caminhar acompanhando a margem do rio. Na verdade, nem pensou em afastar-se dela, talvez tenha sido seu corpo que o obrigou a ficar perto d'água, pelo menos das imagens dela. O sol a essa altura já havia passado da metade da tarde e sua luz suave acalmou-o, fazendo esquecer-se do homem que o irritara. A terra da beira do riacho era arenosa e gostosa de pisar, as cores modificavam-se rapidamente e, nesses instantes, eram o que mais o interessava. Conseguia encarar o sol e os amarelos que ele transmitia, engoliu mentalmente essas cores procurando compreendê-las, não de maneira racional, mas procurando a fusão do sentir com o descobrir. Sem conclusões, talvez digestões. Na metade do caminho já estava contido todo ele. Lembrou-se por um instante do homem. Outras cores e

tons entraram por sua retina e misturaram-se dentro dele para construir novos semi-caminhos. Curtos percursos iluminados, ricos em cores e sentimentos, mas que não necessariamente interligavam-se ou conduziam a novos pensamentos. Talvez ele estivesse criando uma nova maneira de pensar, ou então apenas bloqueando definitivamente um eventual retorno ao velho mundo do pensamento encadeado.

Ficaria isolado em sua própria ilha de idéias que não seriam nunca compatíveis com as idéias de qualquer outra pessoa, não porque tivessem conteúdo diferente, mas sim porque surgiam e se desenvolviam de maneira diferenciada. Outra vez lembrou-se do homem, dessa vez a lembrança era de sua língua lambendo o lábio superior e dos movimentos de corpo que ele executava. Ao contrário do que supunha essas lembranças não o irritaram e até trouxeram-lhe um sopro de solidariedade ao coração, acompanhado de um leve sorriso.

Essa compaixão fez com que a imagem do homem se derretesse, abandonando definitivamente seus pensamentos e memória. E se esse homem tinha algum peso, de agora em diante ele não precisaria mais carregá-lo. Seus olhos acompanhavam o escorrer das águas. Caminhava em sentido contrário ao da correnteza, dessa forma conseguia enxergar quando as pedrinhas cobertas de musgo eram molhadas, e percebia a total tranquilidade dos gravetos conduzidos pela correnteza. Aquele córrego lhe sussurrava aos ouvidos: inexorável, inexorável... escutou esses murmúrios mas procurou não levar adiante qualquer reflexão. Aqueles instantes quase lhe bastavam, grandes momentos acompanhados de pequenas farpas.

Tirou os olhos do riacho e percebeu que de vez em quando apareciam pequenas flores brancas no meio do capim da margem. Eram pequenas e pareciam estar ali somente para que o verde não reinasse absoluto. Eram as farpas no reino do verde. Continuou a caminhada aberto a perceber tudo o que o mundo lhe oferecia, mas havia uma idéia fermentando em sua cabeça... não teria tudo o que existe, a sua respectiva farpa, que teria como função nunca deixar que o que quer que seja, em qualquer ocasião, reinasse absoluto? Elas seriam o lembrete que a vida dá, de que tudo é relativo e dependente de outras individualidades. Elas não seriam apenas saudáveis para qualquer organismo ou objeto, mas imprescindíveis para suas sobrevivências. Caso fossem extraídas renasceriam imediatamente sob outras formas. E qualquer solução radical, que eventualmente as fizesse desaparecer em definitivo, estaria também condenando ao fim os hospedeiros que as abrigavam.

Passou dois dedos sobre sua hóspede e desligou o raciocínio que pedia-lhe conclusões. Reparou que, à medida em que avançava, o riacho parecia que alargava-se e aumentava seu volume de águas. Ao mesmo tempo as florzinhas brancas cresciam em número, tornando as margens igualmente verdes e brancas. Não havia canteiros de flores, elas se misturavam com o capim e aceitavam o movimento que a brisa impunha a esse conjunto. Sentou-se sobre essa mistura, arrancou um talo de capim que trouxe junto às raízes da flor.

A brisa criava ondas que se sucediam, movimentando a vegetação da margem e repetindo esse mesmo movimento dentro dele. As águas continuavam seu percurso... inexoráveis,

sempre correndo na mesma direção, sempre molhando as pedras cobertas de musgo, o vento também soprava sobre as águas e ciclicamente fazia com que alguma gota espirrasse nas margens. Em seus musgos mais escondidos, naqueles que nunca conhecerão senão água, ele sente profundamente essas emendas da vida, pulsando e acontecendo. Costuras que sente serem aparências, mentirinhas que são contadas para as crianças até que elas tenham idade para poder entender como as coisas realmente são. Enxerga o balançar da vegetação como o latejar de uma grande artéria, sente tudo, apenas isso, sem questionamentos.

Se pudesse questionar acho que gostaria de saber que espécie de olho é esse que consegue enxergar do lado de dentro das coisas? Como ele tinha se tornado esse aparelho inquiridor, que não aceita os limites planos que cerceiam as vidas dos outros? Perguntaria também o que deveria acontecer a tal tipo de olho, a multiplicação ou a cegueira?

Felizmente ele não precisaria perguntar nada disso, porque apenas sentia, e isso era suficiente. Era sangue e veia, flor e capim. Os ciclos ocorriam e ele participava deles sem perder a consciência disso, ao mesmo tempo sabia de seus passos e do ar que respirava, sentia os raios enfraquecidos de sol na pele e a textura acolhedora das areias sob seus pés.

Estando nesse estado próximo da plenitude, estava na hora da teoria da farpa começar a mostrar ser verdadeira. E foi o que aconteceu. Se não somos cuidadosos ao apanhar um botão de rosa, acabamos furando o dedo nos espinhos. Quase senhor da vida e seus ritmos, ele iludiu-se com a beleza. Tentando eleger

um representante físico que simbolizasse tudo o que estava vivendo, acabou perdendo-se em comparações. Achou que em uma específica flor poderia estar contido o eterno, não se arrependeu de ter pensado assim, entretanto a transição mental do estado em que se encontrava, para um mundo mais físico e cheio de equivalentes e símbolos, acabou furando seu dedo e interrompendo sua vivência maior. Recolocando-o no mundo do tradicional fluxo de pensamentos. Quando deu por si, o sentir-se sangue e artéria ao mesmo tempo, não passava de memória. E ele mirava uma flor, que até poderia representar todo o universo, mas ele estaria mentindo se dissesse que nela conseguia enxergar algo além de uma flor.

Sem que percebesse, a teoria da farpa havia voltado a funcionar. O pêndulo tinha se mexido, passando da ilusão para a desilusão. Mas as forças físicas que o moviam estavam apenas acumulando energia suficiente para que pudesse haver novo movimento. Não demorou, sua boca mostrava um leve desencanto, mas seus pés já se moviam com energia

Continuou acompanhando o curso do riacho. Seu pensamento passeou por todos os lados, rápidas recordações de sua vida no vilarejo, logo bloqueadas, um grande resumo de todo seu percurso até aquele instante, imagens do céu escuro, da lua refletida n'água, retratos sem formas de todos seus sentimentos.

Sabia que de vez em quando era preciso recuar um passo para se conseguir avançar dois, por isso mesmo deixou que as memórias mostrassem suas caras por algum tempo, antes de discretamente conseguir fazer com que desaparecessem.

Precisava abrir-se para o mundo, sentia mais forte do que nunca essa necessidade.

Percebeu que a luz havia diminuído mais um pouco e o sol entrava no quarto final de seu percurso, isso iniciava um longo jogo de conseqüências: as cores e sombras modificavam-se, o calor diminuía, seu estado interior alterava-se e suas idéias caminhariam em outra direção. Essas conseqüências provavelmente continuariam adiante, mudando tudo que estivesse ao seu alcance. E, provavelmente, o sol era apenas mais um degrau da mudança, que deveria estar vindo de muito longe.

Foi invadido pela serenidade dessa luz que começava a perder sua força. Entretanto suas energias pessoais continuavam intactas e seu corpo lhe pedia apenas que continuasse a caminhar. Percorreu um longo trecho sem pensar em nada, nem se deixando influenciar com o que via. A paisagem repetitiva o conduziu à sua primeira idéia: parecia que ele não saía do lugar, as distâncias eram engolidas por seus passos, mas o que havia em volta era tão parecido que não faria muita diferença caminhar ou ficar parado.

Isso o levou a refletir sobre por quê ele deveria caminhar, perguntou-se se o movimento em si era necessário para aquilo que buscava. Sorriu ironicamente, pois não sabia o que buscava. Sentiu-se como um naufrago no meio do oceano que está agarrado a um pedaço de madeira, e que encontra outro naufrago na mesma situação, e ele lhe pede conselhos. O riso lhe fez bem e diminuiu sua vontade de obter uma resposta para a pergunta que se fazia. Mesmo assim resolveu escolher

um lugar que lhe parecia agradável e imaginou-se estático, vivendo ali para sempre.

Sem mais necessidades de caminhar, percorreu então os caminhos possíveis de seu futuro naquele lugar, talvez as coisas continuassem mais ou menos como estão, suas pernas se transformariam em seu cérebro e sua vida seria muito mais interiorizada do que enquanto caminhava. Talvez apenas se tornasse alguém sem nenhuma ocupação, que cultuaria pequenas idéias e grandes vícios, ou então mergulharia tão profundamente dentro de si mesmo que acabaria decifrando os mistérios da vida.

Decidiu que não entraria em bifurcações e continuaria seguindo por sua estrada, mesmo que não soubesse onde ela iria dar, pelo menos estaria sendo coerente com seu desejo inicial de movimento. Tinha sido ele que o havia tirado de seu vilarejo e o apresentado a um mundo mais rico do que tudo o que vivera anteriormente. Despediu-se de sua dúvida olhando para suas pernas, que pareciam mais fortes do que nunca. Não sabia se era efeito da luz, mas não conseguia enxergar as queimaduras de sol que tinha pelo corpo. Elas não poderiam ter desaparecido tão depressa, a luz deveria estar lhe pregando alguma peça.

Desacreditado de seus olhos, arrancou uma das pequenas flores brancas que estavam por toda parte e começou a reparar em seus detalhes. Tudo parecia muito bem desenhado, a combinação de formas, a proporção, as pequeninas manchas amarelas na parte de trás das pétalas, tudo tão bem ordenado

e harmônico que o fez chegar a desconfiar. Não seria tudo o que ele vê, uma grande armação cênica, feita para que ele acreditasse que existe uma harmonia natural que dá origem às coisas e aos ritmos de vida? Quando na verdade o que existe é uma inteligência manipuladora que se diverte conduzindo-o por caminhos escolhidos por ela, porém fazendo-o acreditar que é ele quem toma as decisões. Dessa forma, sua rebelião contra a vida no vilarejo teria sido enfiada em sua cabeça através de artifícios, sem que ele percebesse. E se isso fosse verdade, ela teria sido tudo menos rebelião.

Olhou ao redor desconfiando de tudo, logo eliminaria essa idéia, mas queria usá-la um pouco para ver se dela extraía algumas gotas de verdade. O céu, o sol, tudo mentira, as árvores, o riacho, a brisa, invenções de alguém para conduzi-lo a tomar determinadas atitudes, mas por quê? Ele mesmo uma invenção, seu raciocínio também, tudo subordinado a interesses desconhecidos. Arrancou as pétalas da flor, olhou para os lados como querendo informar que estava ciente da armação.

Poderia prosseguir nesse raciocínio, desenvolvê-lo até encontrar algo de útil. Parou quando conseguiu definir com uma palavra como poderia classificar esse tipo de idéia: perversa. Ainda tentou melhorar essa definição adicionando o adjetivo: apodrecida. Apesar disso achava possível encontrar qualidades e riqueza em alguma coisa perversa e apodrecida. Pois a perversão não deixava de ser um apodrecimento da moral, e a podridão era a exacerbação das qualidades particulares de cada coisa. Uma maçã podre era uma fruta em seu momento máximo de maçã. E o que era afinal de contas a moral, senão a ética apodrecida.

Apesar de sua grande desconfiança de tudo o que enxergava, e até de si mesmo, resolveu ser coerente com os procedimentos que vinha adotando. Não iria entrar em bifurcações, continuou a acompanhar o leito do riacho, e procurou esquecer que tudo o que existia poderia não ser real.

O homem coerente é o que mais respeita seus próprios erros. Essa frase assaltou-o mas foi logo repelida. O riacho fazia curvas agudas e ele as acompanhava, subidas e descidas, longas e tediosas retas, e fielmente ele trilhava seus passos pela margem. Era um seguidor obediente, e o riacho, sua verdade. Parou de caminhar. Não estava cansado, nem a rotina de acompanhar a margem o entediava, parou sem saber por quê. Já parado, desconfiou que essa atitude tivesse sido determinada pelo provável e misterioso condutor de seu destino. Acabou aceitando que fora ele mesmo que decidira parar.

Olhando para uma árvore que estava próxima, comparou as idéias mais evidentes às folhas da copa, mais visíveis e efêmeras. Será que a decisão de parar não seria uma dessas folhas... continuou percorrendo a árvore com os olhos, o tronco, talvez viesse daí sua escolha, madeira grossa que esconde atrás de cascas veias pulsantes de seiva. Mais abaixo o tronco entrava na terra, algumas raízes expostas indicavam que muitas outras se escondiam. Perguntou-se que tipo de raciocínio teria como origem as raízes profundas que vivem na escuridão. Prosseguiu questionando-se: qual seria o raciocínio equivalente ao momento mágico, quando a planta nutre-se, absorvendo luz e transformando-a em energia vital, inventando o que até então não existia?

Antes de conseguir qualquer resposta, seu raciocínio foi interrompido quando reparou que ao lado da árvore de copa cheia de folhas verdes, havia uma outra completamente seca. Reparou então, que próximo ao caule havia os restos de algumas flores amareladas. Era uma árvore da mesma espécie daquela, que coberta de flores amarelas, o tinha proporcionado momentos diferentes de tudo o que já vivera. Mas agora as flores tinham ido embora e restavam apenas os grandes dedos ósseos dos galhos, cada um indicando uma direção.

As pobres flores que sobravam eram retratos desbotados do que um dia foram. Suas cores pálidas iam sendo corroídas por manchas marrons que em breve apagariam qualquer resquício da cor amarela. Ele decidiu tomar uma atitude. Nem se questionou sobre qual camada de seu ser inspirou tal movimento. Certamente não tinham sido as efêmeras folhas da copa, pois seu ato foi mecânico e brotou de alguma região sua que deveria estar em contato com a terra.

Apanhou os restos de uma flor amarela e colocou-os nas águas. Acompanhou seus movimentos até perdê-los de vista. As curvas e submersões a que a correnteza submetia os restos da flor, parecia que atuavam sobre seus ombros. Quando recomeçou a caminhar sentiu-se mais leve, havia se livrado de um peso que carregava sem perceber.

A morte flertava com o dia, as luzes diminuía e pareciam-se cada vez mais com as de velas. Raios amarelados que molhavam as coisas que existiam. As sombras cresciam e começavam a se emendar. Nunca o dia havia sido tão belo. O sol mandava os

raios começarem a atacar seus olhos, mas dessa vez a luz parecia inofensiva. Iluminava suas pupilas da mesma forma que as cascas das árvores. Mas seus olhos serenos estavam indiferentes a esses ataques. Sentia-se vivo.

Foi justamente essa sensação que o fez lembrar-se que havia um bom tempo que ele não via nem escutava qualquer forma de vida. A natureza parece que havia silenciado por completo. Nem insetos encontrava no chão. O único ruído era o de seus passos e o do riacho. Sentiu-se o único ser vivo do mundo, a testemunha solitária de uma existência mineral e vegetal.

Como sentia-se mais leve, presenteou-se com um pouco de fantasia. Imaginou seu reinado solitário como única consciência viva. Existindo e tendo a noção disso. Suas imaginação borbulhava mas suas pernas prosseguiram, acompanhando o leito do riacho. Um pedaço de papel apareceu à sua frente, estava escrito à mão e informava-o ser ele o último organismo biológico da face da Terra. As bolhas da fervura de sua imaginação escorreram para fora da panela e desenharam com suas formas um mundo onde ele fosse o único sobrevivente.

Depois de apanhar o papel no chão e lê-lo, sua reação foi nenhuma. Não demonstrou emoções e nem indicou com o corpo que iria tomar alguma decisão.

Enquanto isso suas outras pernas, aquelas que não tinham lido o bilhete, continuavam acompanhando o traçado do riacho. Parado, parecia estar olhando todas as opções que se ofereciam. E eram tantas que se sentia como se fosse nenhuma.

Depois desse tempo parado sentou-se no chão deixando que as perguntas o bombardeassem: se conseguisse viver completamente sozinho, resolvendo ele mesmo todos seus problemas de alimentação, moradia, e se psicologicamente se sentisse bem, não sofrendo com a solidão e nem com nenhum outro mal advindo de sua condição, não estaria ele atingindo o mais alto grau de desenvolvimento a que qualquer homem já chegou? Não soube responder.

O que faria com o fruto de sua convivência com a natureza muda, escreveria suas impressões na areia para que o vento apagasse, sem se preocupar com o desaparecimento, ou então apenas engoliria tudo o que o mundo fosse lhe oferecendo, tentando tudo deglutir e vomitando os excessos? Não soube responder. E se não conseguisse resolver os problemas psicológicos, se o fardo da solidão fosse pesado demais, ele se tornaria alguém que urra de dores e tenta com uma pedra quebrar o dente que lhe faz sofrer. Esquecendo-se de sua raiz inflamada. Surgiu-lhe na mente a imagem dele próprio carregando pedras na mão, que serviriam para minorar seu sofrimento.

O peso que as flores mortas tinham tirado de seus ombros, sua imaginação tinha recolocado lá. Interrompeu sua criação, não sem antes se perguntar por quê sempre que criava algo, isso logo se transformava em dor e tristeza. Não soube responder.

Procurou então se esquecer de todas as perguntas e dessa sua tendência de criar mundos fictícios recheados de sofrimento. Desejava que o movimento natural de seu corpo fizesse escorrer de seus ombros esses pesos inúteis, que uma

parte secreta sua insistia em carregar. Caminhou procurando sentir nada além de si mesmo. Logo percebeu como isso era difícil, e que o que sentia era na verdade os contatos de seu interior com o exterior.

Seus pés pisando na areia macia, seu corpo recebendo os raios de sol, seu rosto sendo soprado pela brisa, suas idéias surgindo a partir do que ele estava vivendo. Essa constatação o conduziu a uma conclusão: quem existia não era propriamente ele, mas sim o resultado do atrito entre ele e o mundo externo. Ao contrário do que sempre imaginou, ele não era a chama da vela, mas sim o pavio que arde e é encoberto pela chama. Seu verdadeiro ser teria de se consumir como combustível, para que a vida continuasse acontecendo e projetando para ele e para o mundo, os resultados do atrito de quem ele era com o que existia fora dele.

Levemente decepcionado por ter descoberto que era grande a possibilidade de que simplesmente não existisse, resolveu inconscientemente derrubar vários outros pequenos pesos inúteis que trazia amarrados a partes do corpo e da alma. Esses pesos tinham a forma de expectativas de realizações. Qual o sentido de conservá-las se ele próprio não fosse real? Por outro lado sabia que uma decisão dessas poderia ser um grande sinal de covardia. Desistiria de qualquer ganho para evitar qualquer responsabilidade. Não havia como fugir, as bifurcações estavam por toda parte.

Optou pelo conforto imediato, não queria carregar nada de inútil, nem a culpa de ser um eventual covarde. Sorriu. No sorriso havia o desapego de quem não precisa mais realizar nada.

Sentiu o sol, a brisa, a areia, não o inquietou o fato de poder ser algo diferente do que achava anteriormente que era. Imaginou uma vela, com pavio, e a chama ardendo, a vela consumindo-se até que a chama se apagasse. Estava sereno.

As luzes também estavam serenas, ganhando cada vez mais tonalidades amareladas. O mundo inteiro parecia acalmado dos furores do meio-dia. As águas e os barulhos do riacho escorriam tranqüilos, misturando o prateado com tons dourados que desciam do céu. Serena também foi a perturbação que o cutucou, as areias do chão não pareciam vivas, não pareciam existir de verdade. Não sentia na sola dos pés nenhum contato com o solo, sentia-se caminhando sobre nuvens. Mas enxergava seus pés pisando no chão. Era como se fosse cego do tato.

Refletiu de maneira prática sobre sua situação, poderia estar perdendo a sensibilidade nos pés, ou então eles estariam tão acostumados a caminhar descalços que não consideravam mais opostas as superfícies que pisavam. Uma possível perda de sensibilidade pareceu-lhe uma possibilidade mais lógica, temeu que se isso fosse verdade esse mal pudesse se espalhar por seu corpo tornando-o completamente insensível. A serenidade em que vivia logo inundou seu desconforto, dissolvendo-o.

Apesar de estranho, aquele acontecimento não prejudicava em nada a continuidade de sua caminhada, pelo contrário, parecia que por mais que andasse, nada o desgastava.

Reparou então, que à medida em que o dia começava a morrer, surgiam alguns tons de cores que ele nunca tinha

reparado existirem na natureza. Um raio oblíquo de sol filtrado pelo verde dos arbustos projetava-se violeta sobre o tronco de uma árvore. Enxergou também lilases, azul-esverdeados, marrons claros, dourados envelhecidos, não havia cores absolutas e sim uma grande miscigenação de tonalidades.

Nesse grande caldo cromático estavam mergulhados ele e sua serenidade. Parecia que a poesia colorida da natureza havia aparado as pontas que tornavam a vida espinhosa. Ele vivia aqueles instantes tranqüilos que sentimos alguns momentos antes de adormecer. As preocupações esquecidas e um calor no rosto contra o qual não desejamos lutar. Mas no seu caso esse estado de esquecimento e proteção não progredia para a inconsciência ou para o mundo dos sonhos, ele continuava a fazer o mesmo que no dia anterior decidiu começar a fazer. Cada passo que dava parecia que trazia menos responsabilidades, ao mesmo tempo não tinha aquela sensação de dever cumprido, que os passos da primeira parte da jornada lhe traziam. Mas isso não o incomodava.

Sentia sintomas de leveza por toda parte, não conseguiria precisar como, mas de uma certa forma o mundo todo parecia ter perdido um pouco de sua solidez. Talvez essa estranha razão tivesse colaborado para que a vegetação e o relevo comesçassem a se tornar menos ríspidos. A terra avermelhada foi aos poucos perdendo sua tonalidade sanguínea e tendendo para um amarelo suave e inofensivo. Os espaços vazios entre arbustos foram sendo preenchidos por capim e flores silvestres. Tudo foi ficando mais verde. As grandes fendas causadas pela erosão desapareceram e o terreno agora era completamente plano.

Ele percebia tudo isso e sentia-se participando de um grande quebra-cabeças, as peças estavam encaixando-se ao seu redor. As mudanças aconteciam, mas faziam parte de uma lógica, tudo seguia uma linha mestra, invisível para ele. O máximo que conseguia era enxergar-lhe os efeitos e reparar que havia um padrão que se repetia. Mas deixava, sem muitas preocupações, que os amarelos e verdes continuassem a se misturar, e que ele próprio continuasse se tornando diferente.

Suas mudanças interiores não o inquietavam. Mas como agora o riacho corria em linha reta, a vegetação repetia-se e não havia subidas ou descidas para se distrair. Deixou-se refletir sobre a outra pessoa que havia se tornado. Não saberia precisar quando, mas grandes mudanças tinham se operado dentro dele. Não somente dentro, mas também de dentro para fora, na maneira como enxergava a projeção da vida.

Era como se antes existissem recantos apodrecidos dentro de si, que continuavam lá, mas ele conseguia enxergá-los. Só que isso, em uma situação normal, o levaria a uma revolta ou agonia, mas agora o conhecimento de suas podridões não o perturbava em nada. Sentia-se envolvido por uma nuvem anestésica, que não o deixava se revoltar contra seus abscessos. Talvez soubesse inconscientemente que com a própria caminhada eles secariam naturalmente. Talvez fosse apenas a responsabilidade que tivesse escorrido pelo caminho, e ele agora ria daquilo que desenvolvia-se para eliminar os sorrisos.

Sua relação com o mundo exterior também tinha se modificado. A mudança havia sido sutil e, por isso mesmo,

profunda. A linha reta do seu contato com o que havia fora de si, permanecia a mesma, mas os pequenos detalhes tinham mudado e continuavam mudando. Uma flor continuava sendo flor, mas ao mesmo tempo era símbolo, além disso, uma flor era um monte de pétalas reunidas, idéia que ele nunca teria anteriormente, e a flor também era cor. E essa cor o transmitia a um mundo mental onde entrava em contato com idéias e objetos (dentre eles até algumas flores), e então ele percebia as semelhanças entre essências de coisas aparentemente diferentes. E até parentescos entre objetos e idéias. Isso acabou tornando a flor muito menos importante do que quando ele ainda se relacionava com o mundo do jeito antigo. Na nova maneira o que havia era uma perda de importância das individualidades, dos tijolos da realidade, porque todos pareciam aparentemente, complementos dos outros. As flores encontravam maneiras de se unirem ao céu, a água do riacho era também ele próprio.

Ele percebeu tudo isso. Não sabia as causas dessas mudanças, mas também não estava preocupado em descobri-las. A caminhada continuava. Olhando para cima encontrou uma nuvem no céu que se parecia muito com os arbustos que estavam ao seu redor. Era seu mundo mental, que soldava os diferentes unindo realidades. Reparou então que sua maneira de pensar havia se suavizado e isso acompanhava as mudanças da paisagem. Da mais soterrada de suas idéias, até a mais distante nuvem, tudo parecia seguir uma lógica de desenvolvimento.

Por um instante teve vontade de contrariar essa matemática secreta. Pararia de andar, voltaria pelo caminho já percorrido. Desejou ser uma rachadura no vaso perfeito. Imediatamente a

nuvem anestésica borrifou-o com a idéia de que, não importava o que ele fizesse, isso já estaria previsto nos desenhos que decoram o vaso, e ao contrário do que pensava, estaria apenas colaborando de maneira mais eficiente para que as equações matemáticas funcionassem com mais precisão.

Depois desse princípio de rebelião interior, a anestesia parecia que havia penetrado profundamente em seu corpo e mente. Ele caminhava sem perceber, olhava sem enxergar e nutria-se de pequenas idéias repetidas que não lhe traziam felicidades ou dissabores. As cores ao seu redor pareciam cada vez mais irreais e lembravam as das flores desbotadas de uma coroa fúnebre.

Após muito caminhar resolveu sentar-se em uma rocha. Não estava cansado, e já não se perguntava mais por que razão o cansaço não chegava. Mas essa parada o fez abandonar um pouco o torpor mental em que vivia, e recolocou seu raciocínio para funcionar. Examinou os ferimentos dos braços, abriu-os e fechou-os completamente sem sentir qualquer dor. Sentiu a farpa alojada sob sua pele, ela continuava no mesmo lugar. Não conseguiu fazer uma relação de suas feridas com o que estava ao seu redor, o que o deixou contente, pois começava a ficar cansado desse mundo ideal onde todas as coisas têm um encaixe correspondente.

Precisava de coisas ímpares que não pedissem complementos, sabia que o mundo era cheio delas. Mas, principalmente, temia que em um lugar onde nada sobra sem um correspondente, ele próprio não tivesse lugar. Olhando para o chão encontrou

algumas pedras irregulares cuja disposição parecia não obedecer a nenhuma lógica, entretanto sabia que a lógica e a matemática eram sutis e dissimuladas, e que a mais irregular das situações poderia encontrar perfeito encaixe. Resolveu não aguçar sua percepção, vivendo cada instante de maneira relativamente rasa e aparentemente independente.

Olhou para a paisagem que parecia perfeitamente regular até onde seus olhos enxergavam. Enfiou os pés n'água, cuja temperatura era tão neutra que nem parecia que seus pés estavam molhados. Reparou que o fundo do riacho era agora perfeitamente plano, areia e nada mais. Avançou com cuidado, não queria ser surpreendido por pedras, mas o fundo continuava plano. A água não atrapalhava em nada o ritmo de sua caminhada, prosseguia com a mesma facilidade que se caminhasse pela margem. Nenhuma depressão, nenhum resquício de irregularidade, o riacho parecia que havia sido canalizado de tão simétrico que era.

As águas eram agora bastante transparentes e ele conseguia enxergar bem por onde pisava. Via seus pés e nada mais, nenhum resquício de qualquer substância viva, folhas, gravetos, peixes, nada, aquele riacho parecia um animal empalhado. Apesar da água ser transparente, começou a sentir seus pés sujos. Olhava-os e eles estavam limpos, mas sentia-os sujos. Talvez, o caminhar por um córrego com nenhum sinal de vida, fosse parecido a caminhar por outro atolado de cadáveres que boiavam.

Saiu d'água e continuou caminhando pela margem, o horizonte lhe dizia sempre a mesma coisa, lembrou-se da dúvida

sobre parar de andar e continuar a enxergar o mesmo que enxergava, mas já havia decidido prosseguir. De alguma forma o ato de colocar pé ante pé, devia fazer algum sentido, e mesmo que ele nunca conseguisse compreender o real significado dessa atitude, isso não teria muita importância.

O tédio da paisagem foi interrompido pelo aparecimento de umas pequenas florzinhas vermelhas que brotavam dos mesmos arbustos que antes mostravam apenas folhas verdes. As flores pareciam gotinhas de sangue flutuando no ar. Surgiu-lhe a idéia, de que talvez esse sangue estivesse procurando seu dono. O canto de sua boca moveu-se para cima com essa imagem. E as gotas agora formavam um mar, as flores se espalhavam até onde seus olhos conseguiam enxergar. A paisagem havia deixado de ser repetitiva, apenas para voltar a ser. O riacho a essa altura estava invadido pelas luzes de um dia velho. Os dourados começavam a ganhar o peso dos séculos, e já nasciam pelos cantos as primeiras amostras de azul escuro. Essas cores pesadas eram contornadas pelo vermelho sanguíneo, e formavam uma combinação, que a princípio, lhe enchia os olhos. Ele enxergava a beleza, talvez a maior que já tinha visto.

A caminhada prosseguiu, e apesar das luzes prosseguirem sua lenta mudança, as flores permaneciam intactas, acompanhando fielmente o percurso do leito do riacho. Após algum tempo seus olhos foram se acostumando àquela paisagem. E o que era belo, após algum tempo tornou-se banal. As mesmas cores que o encantaram, agora só lhe despertavam tédio. O que não foi de todo negativo, pois o ajudou a manter-se longe daquele estado de anestesia que o tomava anteriormente.

Entediado, conseguiu abrir-se para alguns questionamentos sem esperar respostas: qual será o destino das misturas, quando todos os ingredientes que a compõe estiverem dissolvidos, qual será o resultado desse caldo integral? Muitas outras perguntas surgiram, mas cada uma vinha menos cheia que a anterior. A primeira englobava quase tudo o que ele desejava saber, mesmo assim a resposta não era necessária. Identificou na constatação de que a resposta para sua maior dúvida não ser necessária, um claro sinal de que estava mudando profundamente.

Os passos se sucediam, e aquela sensação de que caminhava em nuvens era cada vez mais forte. De repente algo mudou, as flores vermelhas começaram a rarear, havia espaços vazios entre os arbustos e algumas árvores maiores apareceram. Entre elas enxergou uma pereira carregada. Sua primeira reação foi aproximar-se dela e estender a mão para apanhar o fruto. Mas sua mão parou no meio do caminho, seu estômago não lhe pedia mais nada. Sentia-se fisicamente pleno. Seu lado racional falou-lhe da seqüência do caminho e sua mão tocou a fruta sem arrancá-la da árvore. Os raios oblíquos de sol molharam-na de amarelo, e o transitório invadiu-o como idéia e sentimento. Reparou nos tons avermelhados que indicavam a madureza do fruto, soltou o que segurava e baixou a mão. Recomeçou a caminhar sem que nenhum arrependimento o atingisse.

Novamente lhe parecia que as mudanças na vegetação eram mais uma maneira de quebrar uma rotina apenas para criar outra. A falsa mudança era mais conservadora do que apenas a manutenção das coisas como eram. Os espaços vazios entre arbustos, apesar de aparentemente irregulares,

comportavam-se de maneira repetitiva. O falso torto era uma maneira sofisticada de construir a velha linha reta. Os números ímpares surgiam em seu pensamento, vários exemplos de objetos que não encontram complementos ajudaram-no a identificar-se como algo que também vive dessa forma. Não sabia se havia começado a caminhar em razão de ser assim, ou a caminhada tinha por objetivo deixá-lo sem a necessidade de precisar de complementos.

Era difícil admitir, mas se não sabia a qual dos dois opostos pertencia, então provavelmente tudo o que sabia, não valia muita coisa. Mas um dos pesos abandonados pelo caminho havia sido o orgulho, então não se abalou com a possibilidade de que os castelos que construiu durante o percurso ruíssem como brinquedos de areia. Aceitou com passividade o fato de que seu aprendizado tinha sido mentiroso, e talvez tivesse de novamente começar do zero e aprender o que fosse verdadeiro.

Os arbustos de flores vermelhas ganhavam agora a companhia de flores alaranjadas, que brotavam nos mesmos galhos. O mundo acabava de ganhar mais uma cor, e a surpresa trouxe novamente por alguns instantes, o belo. Com cada vez menos peso nas costas, as dúvidas de uns poucos momentos atrás tinham se dissolvido. Mas o fato de se carregar pouco peso, e gradualmente ir se livrando do resto, tem vários tipos de conseqüências. Por um lado, não se sofre por inutilidades, mas por outro, a contemplação da beleza torna-se rasa e efêmera. Perguntou-se então, se o sentido último da beleza, não seria essa raridade e essa efemeridade, e se um mergulho profundo no belo, não seria apenas o saciamento de um vício que sempre

precisaria de mergulhos mais profundos. Só que nesse caso, o profundo era o que havia de mais superficial.

Mas o que importava era que estava leve e escorregadio, qualquer que fosse a dúvida que o inquietasse, uma dúzia de passos para frente ela já tinha escorrido por seus ombros e ficado pelo caminho. Imune ao cansaço e às reivindicações do corpo, continuava caminhando. Não estava mergulhado em pensamentos egoístas, nem entregue a estados mentais anestésicos, reparava no que enxergava, aceitava as flores e luzes sem julgá-las ou questioná-las. Sentia-se bem, mas essa sensação não possuía nada do prazer oferecido pelo vício, era uma saudável alma aceitando as formas com que a natureza se apresentava.

E uma nova cor surgiu, junto das florzinhas vermelhas e alaranjadas que havia nos arbustos, apareceu a flor azul-marinho. O mundo ganhava mais cor e seus olhos engoliam essa beleza sem procurar retê-la. Reparou que esses arbustos com flores de três cores se espalhavam para além das margens do riacho. Havia grandes espaços vazios onde apenas capim nascia, mas até onde seus olhos conseguiam enxergar, havia pontinhos coloridos com os arbustos multicolores. E à medida que caminhava os arbustos aumentavam de número e os espaços vazios diminuía.

Apesar de o dia estar caminhando rapidamente para seu fim, das luzes mudarem a cada instante, o céu permanecia neutro. E assim como o céu, estava seu estado interno. O único fato que o tirou da neutralidade foi, após um bom tempo, perceber que

estava participando dela. Notou que tudo estava encaixando-se de maneira muito natural, o que não era natural. Céu e terra neutros e ele passeando sem responsabilidades ou culpas, tão leve que nem pegadas deixava impressas no chão. Ele era um homem cheio de sangue por dentro, idéias, rins e tudo mais, não podia viver nesse mundo do perfeito encaixe, pois ele mesmo era uma farpa sob a pele do mundo. Nascido para incomodar e ser incomodado. Olhou para seus ferimentos, levou o braço até o nariz, nada, as secreções tinham ficado para trás e o ferimento perdera suas cores. Era como um retrato desbotado do que havia sido um ferimento.

O que fazer contra esse estado de coisas? De dentro da perfeição anestésica de seu próprio estado de neutralidade, nascia a farpa que deveria perturbar a existência tranqüila desse estado. Talvez seja assim mesmo, as coisas nasçam agitadas e aos poucos vão aquietando-se, quando estão perfeitamente sossegadas, recomeçam com o movimento.

Alegrou-se por essa energia que sentia mover-se dentro de si. Estava vivo e isso era a única coisa que importava. Possuía um corpo que se movia e um cérebro que poderia levá-lo onde quisesse. Começou a andar mais depressa, não sabia se era real ou apenas auto-sugestão, mas começou a sentir novamente o contato de sua sola do pé com o chão. Além disso, após algum tempo de marcha acelerada, começou a sentir sinais de cansaço. Sentou-se à beira do riacho contente com os pedidos de seu corpo.

Não suava, mas suas juntas e ossos pareciam enjoados de executarem sempre o mesmo movimento. Enquanto seu corpo

recobrava o velho ânimo, ele observava as novas luzes que o dia moribundo trazia consigo. O sol iniciava seu mergulho rumo a seu esconderijo, amarelando toda a região ao seu redor. Reparando naquela cor, desejou estar envolto por ela, e surgiu-lhe a idéia de que aquele lugar irreal, que o céu todas as tardes pinta de dourado, que era ali sua verdadeira e única moradia. E que tudo mais, o vilarejo, a mata e o caminho, eram apenas um desvio provisório que um dia o levaria de volta à sua eterna morada.

Logo percebeu que as luzes terminais do sol, exerciam sobre ele um certo efeito hipnótico, que poderia conduzi-lo novamente àquele estado de neutralidade do qual procurava fugir. Desviou o olhar. Nas águas do riacho só o que havia era novamente os amarelos do sol, procurou alguém que não lhe contasse sempre a mesma história. Deu de cara com as folhas coloridas de um arbusto, além das três cores desabrochadas, reparou haver pequenos brotos de outras cores. Havia florzinhas lilases, azuis, amarelas e até estranhas flores pretas que nunca tinha visto iguais. Os pequenos brotos existiam em todos os arbustos vizinhos.

Um maremoto de idéias agitou-se dentro de si. Primeiro havia visto arbustos sem flores, depois com flores de apenas uma cor, depois duas, três... e agora... percebeu que o arbusto era sempre o mesmo, e que conforme caminhava, as florações é que se multiplicavam. As cores iam se revelando aos poucos, conforme o tempo passava. As camadas se sobrepunham, mas sua consciência permanecia sempre alerta, enxergando o tipo de memória que o tempo deve apagar. Mas existia outra questão, não havia transcorrido tempo suficiente para que as flores

desabrochassem. Parecia que vivia num grande entroncamento de corredores vazios, e à medida que caminhava, células foto-elétricas iriam acendendo as luzes da sala em que ele estivesse naquele instante.

Os mares agitados deslocavam de lugar suas certezas e traziam novos ingredientes que, misturados, tinham um gosto confuso, que não sabia julgar bom ou mau. Tempo, realidade, memória, ilusão, novas cores, novos estados mentais, novas relações entre tudo o que existe, os pacotes de certezas acabaram escorregando pelo tombadilho de seu navio e desaparecendo no fundo do mar escuro.

Precisava de terra firme, decidiu que aqueles arbustos tinham flores e ponto final. Não importava quando e como elas surgiam, não queria saber se elas deixavam de existir assim que ele as deixava para trás, nem se as que estavam à frente ainda não existiam. Olhou para as flores e reparou nos pequenos brotos multicolores, era a vida se reproduzindo. A beleza o encantou, mas ele precisava de algo que represasse as águas revoltas que se moviam dentro de si. Lembrou-se da farpa que tinha sob a pele. Apalpou o braço procurando encontrá-la. Numa primeira tentativa nada encontrou, talvez ela tivesse sido absorvida pelo organismo dissolvendo-se na corrente sanguínea. Apalpando melhor encontrou um pedaço dela, tinha um terço do tamanho original. Mas ela estava lá, e apesar de parecer não querer mais ser, ainda era concreta.

As flores estavam por todos os lados e suas cores eram como mil bifurcações para caminhos mentais especulativos.

Procurou refúgio nas águas do riacho. Deitou-se e deixou que a correnteza lhe massageasse o couro cabeludo e lhe assoprasse nos ouvidos um zumbido agudo, que apesar de não ser muito agradável, lhe dava uma forte impressão de que alguma coisa viva estava a seu lado. Foram instantes de reequilíbrio. Suas emoções se assentaram sobre seu raciocínio. A água tinha um efeito tranqüilizante e parecia que recarregava suas baterias.

O zumbido que ouvia foi diminuindo de intensidade à medida que a calma o invadia. Parecia que aquele ruído indicava seu nível de desequilíbrio, e agora ele sentia-se novamente sintonizado na frequência correta. Essa paz interna espalhou-se por seu corpo, a força suave das águas massageou todos seus músculos e tendões de uma maneira tão eficiente, que a sensação que tinha era a de que seu corpo simplesmente não existia. A leveza era total. Sentia-se tão bem que chegou a suspeitar que a água tivesse dissolvido seu corpo, e agora ele era também água, misturando-se na correnteza e seguindo rio abaixo.

Levantou uma perna para certificar-se que estava ali. Algo chamou sua atenção, havia uma mancha roxa no meio de sua coxa. Não conseguiu se lembrar de ter batido aquela região. Quando ficou de pé reparou que havia várias dessas manchas espalhadas por seu corpo. Olhou nas águas e viu que as manchas avançavam até seu rosto. Algumas eram bem escuras, outras mais claras, indicavam que escureceriam em algum tempo. Assustou-se, talvez tivesse sido picado, sem perceber, por algum escorpião ou cobra. Verificou todo seu corpo, e até onde conseguiu enxergar e apalpar, não havia nenhum sinal de mordida. Tentou então lembrar-se de todas as doenças que conhecia, e que não

eram muitas, não conseguiu encaixar suas manchas em nenhuma delas. Concluiu que talvez pudesse ser alguma espécie de gangrena causada por seus ferimentos. Mas por que sua perna gangrenaria por causa de um ferimento no braço?

Além das manchas não sentia mais qualquer sintoma, pelo contrário, as águas do riacho tinham lhe feito muito bem e ele continuava sentindo-se aliviado do peso do próprio corpo. Imaginou então que aquilo poderia ser algum tipo de alergia, ao sol, à água, à terra, não sabia, mas achou que da mesma maneira que vieram, as manchas poderiam desaparecer.

Procurou não olhar para elas, principalmente para as mais escuras. Decidiu que fosse o que fosse aquilo, não o iria atrapalhar. Saiu do riacho e recomeçou a caminhar pela margem. As flores cheias de mistérios coloridos não mais o inquietavam. O local destinado a preocupações havia sido ocupado pelas manchas. Perguntou-se por que deveria acompanhar o leito do riacho, nem se lembrava direito das razões pelas quais escolhera caminhar por lá. Embrenhou-se no meio dos arbustos deixando o córrego para trás, talvez o fato das águas refletirem imagens, o tenha ajudado em sua decisão.

Apesar de caminhar entre arbustos seus passos fluíam naturalmente e seus pés não sentiam os pequenos obstáculos do caminho. Ao longe, parecia que sumiam os espaços entre os arbustos, e os buquês de flores se uniam formando um único mundo colorido. A visão longínqua dessa maravilhosa imperfeição feita de pétalas, o fez lembrar-se de seu vilarejo. Aquilo que enxergava à frente era exatamente o contrário do

lugar onde passara toda sua vida. Talvez em algum estágio anterior da caminhada, dissesse que o que enxergava era melhor que seu vilarejo, ou então que o que via era a essência da beleza e em sua cidade a beleza espremia-se pelos cantos, afugentada pelo poder da feiúra. Ficou contente com sua definição “o contrário”, nela não havia méritos ou deméritos, nela havia espaço para mudanças e aceitava-se as qualidades e defeitos de ambos os lugares.

Além disso, essa sua caminhada sempre teve por objetivo, mesmo quando decidiu não ter objetivos, o alargamento de sua percepção da vida, e o que havia de melhor para aumentar o campo de visão, do que conhecer dois extremos opostos do que quer que seja? Agora novamente tinha um objetivo, caminharia em direção do local onde todas as flores se unem. Lembrou-se de quando havia caminhado na direção da grande árvore solitária de flores amarelas, de como tinha sido enganado pelas distâncias, não se esqueceu também das miragens, que sempre pregavam peças nos viajantes ansiosos. Mas não estava ansioso, e não achou que aquele tipo de luz fosse capaz de contar mentiras.

Quando deu o primeiro passo tinha um sorriso nos lábios, o motivo eram os ciclos. Eles vêm e vão, e além de não nos darmos conta de suas existências, nos esquecemos rapidamente de seus altos e baixos. Vivemos o instante, que está embrulhado no futuro e recheado de passado. O momento inconsciente e inconsistente é nossa única religião, e pelos poros da consciência escorrem as memórias de todos os nossos ciclos. Acreditamos nas projeções cotidianas de uma realidade

impalpável, louvamos a união dos instantes, sem nunca duvidar de que seja uma verdade absoluta. Sem nunca suspeitar que o papel impermeável que embala cada segundo, não permite que eles se fundam.

Ele sorriu de tudo isso, sorriu do que dentro de si, não pode ser consertado. Sorriu da imensa corrente indestrutível que para sempre ficará atada a seus pés. E foi sorrindo, que esse homem coberto de manchas roxas começou sua caminhada para onde o humano havia se tornado flor.

Não tinha idéia da distância que o separava de seu objetivo, mas sabia que não era pequena. Entretanto, depois que os arbustos uniam seus buquês, parecia-lhe que não havia mais fim para esse novo mundo. Devido à planície do terreno, conseguia enxergar muito longe, e até a linha do horizonte cobria-se por essa substância multicolor. De longe os arbustos individuais desapareciam confundindo-se num grande borrão colorido.

O sol estava cada vez mais próximo do desaparecimento e escolhera sumir exatamente na direção das flores. A idéia de que esse fato poderia tornar a beleza do que enxergava quase insuportável, o levou a concluir que a beleza excessiva é tão benéfica e nociva quanto a feiúra demasiada. Por alguns instantes desconfiou de para onde estava caminhando, achou que talvez aquilo pudesse ser pior que seu vilarejo, onde no final das contas poderia encontrar porções de beleza espremidas pelos cantos. Mas seus passos eram naturais, seu corpo encaminhava-se para aquele lugar, e havia muito pouco o que fazer para impedir.

Por outro lado, ele estava formando uma conclusão precipitada, julgando, pelo que via de muito longe. Certamente quando chegasse lá descobriria as imperfeições daquele lugar. Encontraria as feiúras que a beleza espremia nos cantos. E podia ser até, que as belezas fossem bem menores do que o que ele imaginava, e ele se deparasse com um mundo muito parecido com o que estava acostumado. Um lugar onde os ímpares caminhassem em vão à procura de seus complementos, e com a energia que despendiam, faziam com que a vida continuasse acontecendo.

O belo canteiro sem fim prometia bons e maus caminhos... ele parou de caminhar desconfiado de si mesmo, estaria ele formando conclusões mentirosas e continuando a pensar de uma maneira viciada... o canteiro não prometia nada, era ele mesmo que criava e destruía virtudes e defeitos, transformando-os em algo absolutamente neutro. As bifurcações eram sempre escolhas dentro de si, as alegrias e as culpas também. Percebeu isso não apenas em relação ao grande mar colorido de flores, mas em relação a todos os aspectos da vida.

Parou de caminhar, olhou para o chão e depois para o céu, fixou o olhar na linha do horizonte e depois pronunciou “o mundo é neutro”. Continuou caminhando, seus passos ganharam serenidade. Seu raciocínio prosseguiu, mas já não era como a onda quebrando-se na praia, era como a água da onda voltando para o mar. Um mundo neutro é um mundo livre. Os heróis de todas as espécies, ou aqueles que almejam ser e não conseguem, todos esses são seres míopes que lutam contra o ritmo da vida. Talvez até, os que tentam e não conseguem, sejam menos míopes do

que os vencedores a quem invejam. Porque de alguma forma, seus fracassos representam uma espécie de visão inconsciente, que não os deixa seguir todos os passos, que a lenda de um mundo dividido entre bem e mal, quer lhes contar.

E talvez seja dessa horda de fracassados que nascerá aquele que dará um passo adiante, aceitando e entendendo a neutralidade do mundo. Criando a nova forma de viver, onde bem e mal sejam apenas fatos históricos, e cuja única utilidade futura deles, seria humorística. Talvez a vida desse eventual homem neutro fosse muito parecida com a do atual, rotinas parecidas, sonhos, lágrimas e sorrisos. Mas cada ato ou emoção, cada movimento ou sorriso, estaria parcialmente preenchido com seu exato oposto. Sempre sobraria alguma energia positiva ou negativa que faria as coisas funcionarem. Mas todas as grandes culpas seriam neutralizadas pela presença das forças opostas a qualquer atitude.

Recordou-se da grande árvore de flores amarelas, todas aquelas flores mortas caídas no chão, essa era a grande culpa que todos sempre carregam. Ninguém nunca se perdoa pelo fato de que algum dia morrerá. Apesar de todos os pesos inúteis que foi deixando pelo caminho, o que tornaram seu percurso mais agradável, sentia que desse peso ainda não tinha conseguido se livrar. Questionou-se sobre a impossibilidade de caminhar sem carregar peso algum. A própria natureza da caminhada talvez fosse inseparável de alguma espécie de carga.

Olhando para as manchas de sua pele sentiu-se pesado e desanimado. O caminho até as flores parecia imenso e talvez elas não passassem de uma ilusão de ótica. Podia ser também

que a ilusão não viesse de seus olhos e sim de sua mente. Olhou para seus pés, que pareciam bem e estavam livres das manchas. Foram os pés, que lutando contra o desânimo, reiniciaram a caminhada.

A vida continuava completamente ausente de seu percurso, nenhum sinal de insetos, nenhum pássaro no céu, nada além dele próprio se movendo no meio da vegetação. Apesar de perceber esse fato, isso parecia não perturbá-lo. Talvez, sem perceber, ele estivesse começando a viver de maneira mais neutra. Esse estado que poderia estar tomando-o para si, talvez tivesse começado sua invasão pelos pés. Que não se importaram muito com o desânimo que possuía todo seu corpo e deram a primeira ordem para que ele seguisse avante.

Assim como aconteceu com a grande árvore de flores amarelas, a distância parecia que recusava-se a ser vencida, e depois de caminhar um bom tempo, as flores coloridas pareciam estar à mesma distância de quando dera o primeiro passo. A hipótese da ilusão ganhou força, mas seu corpo continuou caminhando. Não pensava em nada, andava olhando para o chão e de vez em quando verificava se a distância havia diminuído. Mas da mesma forma que aconteceu com a árvore de flores amarelas, quando ele já não esperava mais, a distância começou a ceder e pôde confirmar que as flores não eram ilusão. Elas ainda estavam bem longe mas a mancha colorida começava a ganhar contornos.

Antes que seu cérebro pudesse raciocinar, suas pernas aumentaram a velocidade dos passos. Ele gostava de surpresas e

por isso continuava caminhando e olhando para baixo, queria se surpreender com as novas formas que a proximidade das flores apresentaria. Esse seu desejo acabou levando-o a uma surpresa bem maior do que imaginava. No seu caminho, semi-enterrada, havia uma rocha azulada.

Ela chamou sua atenção, que com as mãos limpou a terra à sua volta. Percebeu que a rocha tinha uma forma elaborada e que o resto dela estava enterrada. Com o auxílio de uma pedra começou suas escavações. As formas aos poucos iam se revelando e enchendo-lhe de interrogações. Eram curvas elaboradas que compunham uma formação difícil de definir, se tivesse de utilizar uma palavra seria: matemática. E mesmo sendo o que mais se aproximava de uma definição, ainda era insuficiente para englobar o que aquelas formas poderiam representar.

Resolveu não buscar definições nem deixar que as perguntas se perguntassem, antes que conseguisse desenterrar completamente aquele objeto. A terra onde cavava era extremamente mole, logo dispensou a pedra e cavou apenas com as mãos. A rocha azulada, além de outras formas, ia aos poucos revelando também outras cores. Surgiram tons de verde, amarelo, cores misturadas, outras que brilhavam, cada avanço seu presenteava-lhe com uma outra tonalidade. Além dos tons, as cores se manifestavam com brilhos, e também com algo mais, que não conseguia definir, talvez uma vibração que sentia nas pontas dos dedos quando tocava a rocha.

Por alguns instantes temeu que esses brilhos coloridos pudessem representar perigo, alguma espécie de combustível

para suas manchas roxas da pele. De qualquer forma já tinha manipulado tanto aquela rocha que a coisa estava feita. Esqueceu-se dos temores e continuou cavando. Reparou que o objeto misterioso cheio de curvas revelava-se sempre de maneira oposta àquela que esperava. Parecia que seus contornos não obedeciam a nenhum tipo de lógica, nem humana, nem natural. Aliás, ele não conseguira definir se a rocha era criação humana ou da natureza. Ela possuía características de ambos.

Cada nova forma era acompanhada de uma nova cor e de uma nova maneira de se manifestar dessa cor: vibrações, odores, brilhos intensos, ausência total de cor, e a mais estranha de todas, onde parecia que a textura e a cor da rocha se complementavam, tato e visão se fundiam numa única sensação, e aquela cor sem nome só poderia ser apreciada com os dedos.

Junto das cores as formas se revelavam, a terra havia sido completamente removida e ele afastou-se para conseguir ter uma visão do conjunto. A peça inteira deveria ter uns três metros de largura por uns dois de comprimento, a profundidade das formações era pequena, talvez um palmo. Essas medidas técnicas foram fáceis de serem feitas, e ele procurou iniciar por elas a definição do que, afinal de contas, seria aquilo. Sabia que os passos seguintes seriam bem mais difíceis, mas não poderia se negar a dá-los.

Ateve-se primeiramente àquele imenso conjunto de cores vivas, algumas estáticas, exercendo o papel tradicional de uma cor, outras pulsantes, brilhantes, incomodadas com o

existir, da mesma forma que uma sacola plástica quando é jogada de um lado para o outro por uma rajada de vento. Todos esses graus de aceitação, manifestados de maneira cromática, conviviam lado a lado. Alguns pedaços de verde pareciam veias pulsantes, loucas para jorrar sangue, e esses pedaços irrequietos de rocha colorida uniam-se a plácidos amarelos, que pareciam que sempre foram e sempre seriam pedaços de rochas coloridas. E caso recebessem o fluxo de vida que seus vizinhos estavam loucos para despejar-lhes, provavelmente continuariam se comportando como rochas amarelas. As conexões eram tantas e tão variadas, que talvez simplesmente tivesse de se conformar que não daria conta de compreendê-las.

Um roxo de um brilho intenso o fez lembrar-se de suas manchas na pele. Decidiu abandonar as cores e ater-se às formas. Havia um núcleo central, que era a parte azul que havia enxergado primeiro, desse núcleo partiam braços (ou pernas) curvos, que acabavam conectando-se entre si. A forma toda parecia integrada e nenhuma de suas curvas parecia sem função. Entretanto, ele não poderia dizer que aquela era uma forma geométrica ou matemática. Se dissesse isso teria de dizer a mesma coisa de si próprio. As grandes formas compridas lembravam as patas de uma aranha. Procurou reconhecer na pedra azul o corpo e os olhos, mas aquilo não era uma aranha.

Lembrou-se de que uma vez havia lido algo a respeito dos mil ângulos diferentes de visão desses animais, talvez aquela forma representasse o que uma aranha enxerga quando se olha no espelho.

Aquela era uma explicação muito simples, lembrou-se das formas da Mandala, nunca entendera ao certo o que realmente era uma, parecia ser uma espécie de mapa ósseo da vida e do universo. Mas não queria se aventurar em especulações sobre o que desconhecia. Sentia que seu caminho para o entendimento passava mais pela sensibilidade e menos pela lógica. E sua intuição sinalizou-lhe que aquilo não era um esqueleto. Não importaria com quais carnes preenchesse aquelas formas, nada dali nasceria. Mas isso não indicava que estivesse diante de algo ruim, lembrou-se do mundo neutro.

Voltou a reparar nos brilhos coloridos que cobriam parte do grande objeto, eles lhe pareceram reflexos cristalizados das estrelas, de uma época em que o universo ainda conversava consigo próprio. Essa percepção deixou-o contente e saciado em seu desejo de descobrir o imenso. Não poderia deglutir toda a comida que lhe era oferecida e havia encontrado a hora certa de parar sem correr o risco de indigestão. Mas a gula ainda o fez dar uma última garfada: aquilo parecia alguma espécie de rolha da vida.

Se conseguisse retirar dali aquelas formas esculpidas em pedra, todo o mundo escorreria pelo buraco aberto, a grande banheira da vida seria completamente esvaziada. Essa idéia pareceu-lhe advinda de uma alucinação causada por uma grande indigestão. De qualquer maneira, deu um passo para trás afastando-se da formação. Com esse único passo ganhou distância suficiente para melhor reparar nas cores. Algumas tonalidades pediam uma definição qualitativa, perverso, foi aplicado a um marrom escuro salpicado de partículas

verdes fosforescentes, plácido, a um azul celeste que refletia a luz de fim de tarde. Dois adjetivos que de uma certa forma se compensavam, talvez então, se somasse e diminuísse as impressões que todas aquelas cores faziam em sua retina, também houvesse a mesma compensação. Então, teria uma prova científica de que a vida e o mundo são neutros.

A rolha da vida o olhava, e ele percebeu que sua relação com ela não teria mais nenhum sentido em prosseguir. Continuou a caminhada, já no primeiro passo a forma rochosa havia escorrido de sua memória.

As luzes do dia festejavam o final de sua vida bem vivida, o céu ia perdendo o brilho, mas a noite não parecia que queria chegar. As flores chamavam-no para perto delas, a distância havia diminuído, e apesar de conseguir identificar os arbustos e ter certeza de que o que enxergava não era mentira, continuava havendo algo de irreal naquilo que via. Mas o irreal também tem direito de existir. Percebeu que esse mesmo toque de irrealidade repetia-se na coloração do céu. Os tons lilases, dourados e azul misturavam-se, e a impressão que tinha era que aquilo era um cenário pintado. As cores não pareciam ter profundidade e seus tons eram perfeitos demais para serem reais.

De qualquer forma, mesmo que o céu fosse mentiroso, ele teria de fingir que continuava acreditando nele, porque se até dele começasse a descreer, nada mais lhe restaria.

Continuava caminhando e olhando para baixo, para que pudesse se surpreender com a distância que diminuía. A

tonalidade duvidosa do céu e a rotina dos passos o colocaram em um estado de tédio irritadiço. Começou a desconfiar que talvez não valesse a pena continuar andando, que talvez ele estivesse servindo a interesses que desconhecia. Pensou seriamente em parar, não dar mais nenhum passo e simplesmente aguardar. Esperando o que sabia que nunca iria chegar, mas não tinha problema, dessa forma pelo menos ele estaria tomando o destino em suas mãos. Entretanto, mesmo com a decisão tomada, suas pernas continuavam andando, é bem verdade que diminuíram a velocidade e deram aos passos a dúvida que antes não existia. Mas ele prosseguiu, lentamente diminuindo a distância que o separava do bosque de flores.

Essa dúvida que começava em seus passos espalhava-se por todo seu corpo. Todo ele parecia mais relapso, efetuando movimentos de ombros e quadris que não colaboravam de maneira prática com a caminhada, seu corpo lhe perguntava se deveria mesmo prosseguir e usava para isso os instrumentos que estavam ao seu alcance.

Ele percebeu qual seria o próximo passo da dúvida, seria o mais perigoso de todos, ela espalhava-se, e do corpo avançaria sobre o cérebro. Se chegasse lá teria grandes chances de convencê-lo a abandonar a caminhada. Já havia pensado nisso, mas dessa vez sentia essa idéia crescendo como uma onda enorme que quer se arrebentar na praia. Teria de descobrir alguma maneira de evitar que a onda se formasse. Desviou o pensamento para onde pôde, o vilarejo, momentos engraçados e outros tristes, lembrou-se de várias

etapas de sua caminhada, sonhos de infância, desilusões, números, nada conseguia impedir que a vontade de parar de caminhar continuasse se espalhando por seu corpo.

Seu incômodo crônico... apalpou longamente seu braço mas não conseguiu localizar qualquer sinal da farpa de madeira sob sua pele. Até seu ferimento parecia desbotado, havia perdido a força, e as gotas brilhantes e vivas de sangue, agora eram pequenas manchinhas de sangue coagulado. Seu organismo havia matado aquilo que queria matá-lo. Sorriu ironicamente percebendo que apesar de tudo, é sempre a morte que vence no final. Seu sorriso morreu para que uma dúvida nascesse: mas o que teria acontecido com a farpa? Teria escapado pelo próprio ferimento, ou havia derretido dentro de si? Lembrou-se que da última vez que a apalpara ela parecia menor, mas o que poderia indicar aquilo?

As hipóteses se sucediam e o conduziam a um estado de confusão mental, enquanto isso seu corpo prosseguia com passos cada vez mais duvidosos. Decidiu que não importava o que tinha acontecido com a farpa, ela não existia mais e ponto final. Mas uma idéia estranha surgiu no fundo de seu pensamento e aumentou rapidamente cristalizando-se em pergunta: será que aquela farpa teria algum dia existido?

Essa pergunta confirmava que suas desconfianças tinham proporções maiores do que aparentavam. Ele tinha se lembrado da farpa com o objetivo de esquecer-se das suspeitas que nutria sobre a coloração dos céus, mas o remédio havia se provado pior que a doença.

Entristeceu-se por sua falta de perspectivas, sentiu que chorava, mas apalpando os próprios olhos percebeu que eles não derramavam lágrimas. Esse choro seco lhe trouxe novas perguntas: caso a farpa nunca tivesse existido, não teria ela sido criada por ele mesmo, como um instrumento de defesa contra um mundo perfeito? Porque nos mundos perfeitos não existem lugares para as individualidades, e ele, como ilha ímpar boiando solitária e tentando não se dissolver no oceano, usava de todos os artifícios possíveis para continuar imperfeito, mas existindo. Caso sua doença fosse curada, também o seria a vida que se amarrava a ela?

E as perguntas continuaram se espalhando, ele sabia que teria de lutar contra elas: além da farpa, o que mais poderia ser irreal? Sobraria algo concreto? E se sobrasse, e ele tivesse certeza de que uma determinada árvore era verdadeira, o que então deveria fazer, subir nela e viver o resto da vida no alto de sua copa?

O fogo das perguntas ardeu tanto e de maneira tão rápida, que parece que consumiu todo o oxigênio que as sustentava. Elas extinguíram-se, e em meio ao que sobrou, ele sentiu-se como uma abelha, que se acalma quando a borrifam com fumaça. As dúvidas tinham sumido até de sua memória, seus passos eram automáticos e sua mente enevoada não desconfiava das cores suspeitas dos céus.

Ele agora caminhava olhando para frente, não esperava mais as surpresas de diminuição de distância, que as olhadas eventuais para frente lhe traziam. Encarava o bosque que se

aproximava lentamente, mas seus olhos não mostravam mais ansiedade e nem contentamento pela distância que aos poucos era vencida.

Esse estado nebuloso, que amainava a ira das perguntas, parecia que havia se espalhado por todo seu ser. Seu raciocínio voava sobre céus cinzentos sem enxergar onde poderia pousar. Coincidentemente algumas nuvens atravessaram o caminho do sol que estava quase se pondo, modificando completamente as luzes e as cores desse final de tarde.

O mundo ficou um pouco mais cinza, e os verdes menos verdes, esse fato invadiu-o, despertando-o do estado mental enfumaçado em que estava, e colocando-o em um outro, onde o raciocínio e a emoção desenhavam-se, mas seus tons eram pastéis. Seus passos também adquiriram essas características, e ele caminhava como um profissional, passadas econômicas e constantes, de quem sabe que o percurso é longo.

O bosque florido já não estava tão longe, mas a vegetação do caminho foi aos poucos empobrecendo-se. Espaços vazios apareciam cada vez em maior número, a terra cor de cobre começava a ficar exposta. As flores coloridas pareciam agora uma ilha de águas rodeada de secura. Mas ele não tinha sede. Caminhava por lá por outras razões.

Olhava para frente e enxergava o bosque florido, as nuvens não tinham destruído a força das cores, ao contrário, o acinzentado havia se transformado em prateado e presenteava as flores com pequenas gotas de brilho, o que tornava tudo

ainda mais bonito. Mas não para os seus olhos. Eles enxergavam bem e percebiam a sofisticação que os pontos brilhantes adicionavam às cores brutas. Mas era dentro de seus olhos que algo havia mudado, eles não se impressionavam mais com a beleza bruta, preferindo a harmonia e a combinação de cores. Seus olhos não eram mais o ponto final de seus sentidos, eram apenas um fio condutor para o coração. O belo era mais sentido do que enxergado, e mais harmônico do que vistoso. Mas essa mudança não alterou sua disposição de continuar a caminhada rumo ao bosque.

Vivia instantes cinzentos, e seu pensamento embrulhado nessa mesma cor, assim como suas pernas, caminhava com passos profissionais: não estava nem alegre e nem triste, e desde quando havia deixado o vilarejo, e mesmo antes disso, nunca havia se sentido tão equilibrado. Estava exatamente à mesma distância do riso do que das lágrimas. Sua mente começava a abolir os extremos. Ele estava mudando e imaginou seu próprio sangue encoberto pelas bolinhas de brilho prateado. Elas atenuavam o que havia de desespero no sangue, dando-lhe uma aparência aceitável e traduzindo-o como imagem semelhante à de uma flor ou de uma pedra.

Sua mente fez um parágrafo para perguntas, e mais uma vez percebeu como as coisas tinham mudado, dessa vez elas não eram como um campo de cogumelos brotando simultaneamente em qualquer canto, elas se pareciam mais com uma árvore sólida cuja semente é atirada por um pássaro em um grande terreno vazio: caso eu realmente estivesse me tornando um homem neutro, que despreza os extremos, escolhendo sempre

o caminho do meio, seria possível encontrar grandeza longe das bordas? Ou o grande mora apenas nas pontas dos objetos?

A pergunta lhe pareceu sólida, mas não se iludiu, os grandes carvalhos às vezes estão podres por dentro e desabam ao menor vento. Tentou dar uma resposta de casca grossa, que pelo menos aparentasse solidez: o grande mora nas bordas, no centro e em qualquer ponto intermediário de qualquer objeto que exista. Mas nossos olhos é que têm mais facilidade de enxergá-lo quando ele está no meio, bem em frente deles.

Sem acreditar e nem descrer da resposta que havia dado, deixou espaço para mais uma pergunta: caso existisse um homem completamente neutro, será que ele conseguiria sorrir? Ou chorar? Não seriam o riso e o choro justamente conseqüências de uma ação extremada?

Sua pergunta desdobrou-se em outras duas, e se não prestasse atenção estaria novamente em um campo de cogumelos que se reproduziam sem parar, cada um deles ansioso por sua própria resposta, que novamente conduziria a outras perguntas. Percebeu que ainda não era um homem neutro, que estava se encaminhando para isso, mas suspeitou que talvez o que houvesse fosse apenas caminho, e o homem perfeitamente neutro seria uma projeção de luzes no horizonte do deserto.

Sorriu. Nem se lembrou da dúvida que tinha, se o homem neutro sorriria ou não. Talvez ele não fosse neutro, fosse apenas cinzento ou prateado. Aquilo não importava muito. Antigamente quando decidia que uma coisa não

tinha importância, logo era conduzido a pensar naquelas que realmente tinham. Mas dessa vez isso não aconteceu. Estava se distanciando do mundo feito de heróis. Pessoas, objetos e situações igualavam seus brilhos, e nada ou ninguém distinguiria sua silhueta da dos outros. Percebendo isso, não pode deixar de considerar esse acontecimento como um sinal claro de que estava se tornando um adulto. Continuou o raciocínio tentando definir o que seria um verdadeiro adulto, talvez fosse alguém que olhasse para um objeto, sem deixar que qualquer de suas partes individuais conseguisse fazê-lo formar uma opinião sobre o todo desse objeto.

Mais um sorriso, dessa vez foi proporcionado por uma pergunta irônica: será que valia a pena ser adulto? Tentou pesar o custo benefício dessa escolha mas não conseguiu distanciamento suficiente para uma resposta. Experimentou então a técnica de imaginar-se fora da situação, enxergando tudo de longe, novo fracasso. Procurou não pensar mais nesse assunto, estava se tornando um adulto e não queria mais lutar contra isso. Lembrou-se das tremendas oscilações emocionais que tinha no início da caminhada, e comparou com a serenidade que vivia naquele instante. Então permitiu-se uma última pergunta a respeito desse assunto: seria tornar-se adulto, ir aos poucos enfraquecendo suas emoções?

Olhou para o céu com vontade de enxergar algum pássaro. Nenhum inseto, nenhum ruído, nem seus próprios passos escutava. O mundo parecia absorver todos os sons e engolir toda a vida. Saudades da escuridão apareceram, o mistério encoberto pela capa noturna e iluminado pela lua e pelos vaga-

lumes, pediu para voltar a existir. Todas as sensações que vivera de noite queriam voltar à vida. Instintivamente buscou as estrelas no alto, mas encontrou a camada maciça de nuvens lilases e amarelas. Procurou se lembrar que as estrelas estavam lá, e era apenas ele que não conseguia enxergá-las.

Mas se assim fosse, na verdade era como se elas não existissem. Tudo só existia através de seus olhos. Já nos tempos de vilarejo havia refletido sobre isso e essa constatação sempre o incomodara. Desejava não ser sempre a mesma pessoa com o mesmo ponto de vista, desejava ser outros e enxergar as coisas sob ângulos diversos. Achava que não importava o quão culto, espiritualizado e observador qualquer pessoa fosse, por mais imbecis e restritas que fossem duas pessoas, seus pontos de vista diferenciados ofereceriam uma riqueza muito maior do que qualquer individualidade.

Então sonhava em ser vários, pular de galho em galho e voltar carregado de experiências para sua velha morada. Não ter de acordar dia após dia repetitivamente com a mesma personalidade, os mesmos sonhos e culpas. Mas até onde sabia aquilo era um fato consumado, teria de se conformar em ser sempre um, convivendo com seu nome, seus hábitos e com a imagem que os outros faziam dele.

Havia imaginado muitas maneiras de tentar ser outros, mas todas tinham se mostrado estratégias infantis que não iam além das águas mais rasas. Enquanto isso, seus companheiros de vilarejo estavam perfeitamente conformados em serem apenas eles mesmos. Pelo contrário, todos seus esforços eram

no sentido de reforçar suas personalidades individuais. Um nome bastava-lhes, e isso irritava-o e isolava-o. Fazendo-o consumir boa parte de suas energias, apenas com a mágoa que se acumulava em seu coração.

As luzes opacas desse fim de tarde neutro, parece que dissolveram essas velhas mágoas. E ele tentou mentalmente se colocar na pele daqueles que desprezava, porque se contentavam com tão pouco. Entendeu-os. Quase os aceitou. A onda gigantesca de contentamento inundou-o, quando ele percebeu, pela primeira vez na vida, mesmo que de forma insipiente, que havia conseguido ir além de suas próprias fronteiras.

Mas as luzes, as cores e a nova realidade em que vivia, não conseguiam sustentar alegrias por muito tempo, e após a onda arrebentar-se na praia, ela foi novamente sugada para dentro do mar sereno. O bosque colorido estava próximo, conseguia identificar as flores e os arbustos. Parecia-lhe que flores de várias cores brotavam apenas de um arbusto, construindo uma grande salada de cores. Era o mesmo tipo de arbusto que havia visto próximo das margens do riacho, mas agora a floração parecia estar completa. À distância em que estava, os arbustos pareciam buquês de flores e o bosque um grande arbusto composto por muitos buquês. Talvez cada galho de cada arbusto, se olhado de perto, também fosse um pequeno bosque... as verdades vinham dentro de outras iguais a elas, tudo não seria assim também? Imaginou um homem do tamanho do horizonte arrancando o bosque inteiro com uma mão e presenteando alguém com algumas flores.

Humildade e passos ritmados, era disso que precisava e era para lá que o mundo o conduzia. Por enquanto ele era pouco maior que um arbusto, e as flores menores que sua mão. Parecia que a vida queria discipliná-lo, ensinando-o a cada instante coisas novas. Talvez o básico, que não havia sido bem aprendido. Estava como uma criança de colo que, cuidada pela mãe, aprende a dar os primeiros passos. Grande parte de seu orgulho havia ficado pelo caminho, e ele sentiu-se bem confortável em dar os primeiros passos, mesmo após uma caminhada tão longa.

Ainda havia alguma distância entre ele e as flores. Olhou para sua mão posicionada na frente do bosque, que a essa distância cabia dentro dela. Naquele instante ele era o gigante que presentearia a amada com um buquê do tamanho do bosque. Sua grandeza estava em seus olhos e naquele instante. Eles juntos construíam gigantes que daqui a pouco tornavam-se minúsculos homenzinhos, para quem uma flor era uma montanha a ser escalada.

Os tamanhos só existiam se relacionados a outros objetos. Nada era isoladamente grande ou pequeno. Imagens de gigantes encolhendo até ficarem do tamanho de formigas invadiram seus pensamentos. E quando os gigantes uniram-se em grupo criando um formigueiro para eles, uma outra pergunta pode aparecer: não seria todo o resto assim também? As coisas só existiriam porque estavam relacionadas com outras, formando uma teia invisível que sustentava a vida. Nada existiria isoladamente e nada poderia ser separado do todo, nem se fosse destruído ou pulverizado, sempre sobriariam resíduos desses

objetos que continuariam existindo e relacionando-se com o todo de alguma outra maneira.

Nenhum feito ou atitude humana conseguiria escapar dessa regra implacável. E para efeito do bom funcionamento desse sistema, não haveria qualquer espécie de distinção real para duas atitudes diametralmente opostas. Tudo contribuiria da mesma forma para que o jogo continuasse a ser jogado, impulsionado sempre pelo inextinguível combustível das causas e conseqüências.

Num mundo feito dessa maneira, teoricamente não haveria espaços para as individualidades. Elas seriam como alguém eternamente nadando contra a correnteza, ou então como ilhas de sal, cuja existência é testemunho diário de sua própria dissolução no mar. Talvez isso explicasse porque todos os seres humanos que havia conhecido, sentiam constantemente um desconforto existencial. Algo como uma ardência na alma, que está represada, mas cujo estado natural é a liberdade. Existir então, seria esperar que o sal que forma cada um, dissolva-se no mar que o envolve. Mas por que seria necessária essa etapa, por que precisamos primeiro dividir para depois unir? Talvez o sal marinho venha desses bilhões de ilhotas individuais, que quando se derretem no mar acabam presenteando-o com seus gostos característicos.

Sua mente viajava por esses raciocínios abstratos, até que finalmente conduziu-o de volta para o formigueiro de gigantes. Um formigueiro clássico com formigas clássicas, mas com uma exceção, todas elas tinham a clássica cabeça de um gigante,

barba, cara de mau, cabelos longos, um nariz comprido e olhos ameaçadores. Acompanhou mentalmente a rotina do formigueiro, que era igual à de qualquer outro. Tarefas pré-determinadas pelos genes e cumpridas a risca, um sistema social perfeito, com exemplares obedecedores de regras. Dali sua mente conduziu-o para seu vilarejo, recordou-se das formigas desgarradas do caminho e de seu personagem fictício. Teve também algumas pequenas recordações de seus atos cotidianos, barbeando-se, escovando os dentes e almoçando.

Agora o bosque já estava bem perto e os arbustos pareciam cada vez maiores. Se os gigantes não fossem como formigas, as formigas é que seriam gigantescas. Seus passos profissionais em pouco tempo cobririam a distância que o separava das flores. O dia estava acabando, mas talvez ele chegasse a tempo de ver o mergulho do sol deixando rastros de luz por entre os arbustos. Mesmo assim não apressou o passo.

Seus pensamentos de instantes atrás já estavam nublados, sentiu-se como uma imensa ampulheta cuja parte debaixo estava quebrada. O universo derramava-lhe imensas quantidades de areia, que atravessavam rapidamente sua cabeça e escorriam por seu corpo para voltarem a ser derramadas no chão, ajudando a formar as dunas de um deserto. Lembrava-se ainda do conteúdo do que tinha pensado, mas tudo aquilo parecia distante e sem importância. Talvez outras idéias viessem, e no instante em que estivessem escorrendo por sua cabeça lhe pareceriam grandes e importantes, mas após algum tempo só o que mudaria seriam as dunas do deserto, que aumentariam de tamanho.

Sorriu. Como costumava fazer quando estava segurando um punhado de areia na mão e ela escorria por entre seus dedos. Reparou que nesses últimos metros de percurso, a terra havia se transformado em areia. Perguntou-se se a areia voltaria a ser terra, ou se flores tão coloridas quanto as do bosque poderiam encontrar alimento na areia branca.

Sua pergunta ficou sem resposta, desconfiou que talvez, de agora em diante, se houvesse outras perguntas, elas também só ouviriam o silêncio. E era isso que ele continuava escutando. As imagens mudas dominavam seus sentidos, pensou em gritar alguma coisa, ou então sussurrar. Permaneceu calado. O universo despejava novas areias que estavam atravessando sua cabeça: um grito talvez fosse como o aparecimento do sol, logo após o sol se pôr. Calou-se porque as mudanças precisam ter um sentido, e acabam sendo nocivas se existem apenas pela mudança em si. Da mesma forma que qualquer coisa é nociva quando existe apenas para si mesma.

Ele não precisava de dois sóis. Metade daquele que conhecia já havia sido engolido pelo horizonte. As nuvens tinham sido varridas para longe. Mas não havia vento. Apesar de não haver mais nuvens, do céu voltar a estar limpo e do sol amarelar o horizonte, a sensação de meios-tons que o mundo transmitia nunca tinha sido tão forte. E esses meios-tons não se referiam apenas às luzes, ele sentia-se fluido, amarelado e distante, como uma nuvem que tenta se aproximar de um sol poente. Desejou naquele instante ter um espelho para poder olhar-se. Temeu não conseguir enxergar nada.

Estava a poucos metros do bosque, imaginou que a essa distância, tantas flores juntas exalariam um odor que deveria ser tão delicado quanto as flores eram belas. O ar estava parado e atribuiu a isso a falta de cheiro. Aliás, tudo estava parado, o bosque era completamente imóvel, e envolvido pelas cores irreais do fim de dia, tinha a impressão de que caminhava dentro de uma fotografia.

Essa ausência completa de tudo que se move, começou a movê-lo do estado contemplativo e nublado em direção aos trovões barulhentos da solidão. Não que não sofresse com ela, mas desse mal nunca morreria, ela era no máximo como um resfriado forte que o deixava de cama por dois dias. Mas pela primeira vez sentiu que esse resfriado poderia se tornar uma pneumonia.

Olhou para os céus e para o chão, nenhuma formiga e nenhum mosquito. Tudo completamente estático. Aquilo começou a irritá-lo. Arrancou um tufo de capim e atirou-o para cima observando seu movimento no ar. Mas uma fração de segundo depois o capim estava estático no chão. E por ter sido arrancado parecia ainda mais parado.

Sentiu um grande vazio no peito, como se todos seus órgãos internos tivessem sido extraídos. Ele era apenas uma casca de homem, que se movia impulsionado pela força da inércia. Mas seu cérebro permanecia no lugar e tentou racionalizar o que estava sentindo: se o fato de estar completamente sozinho o deixava sentindo-se como apenas um esboço de ser humano, então o que preenchia seus espaços em branco não eram as

linhas e cores de sua própria matéria interna, mas sim um conjunto de informações que pertenciam a outras pessoas, objetos e situações. Ele mesmo não existiria. Seria apenas mais um recipiente materializado pela vida, para que ela pudesse continuar se manifestando. A dor devia-se ao vazio, mas enchendo-se esse espaço vago, a dor cessaria.

Começou a tentar definir-se, o que realmente ele era, ou tinha sido, um grande feixe de nervos cujo único propósito é existir inflado por um gás qualquer, que evitando que haja contato entre as partes sensíveis, evita a dor. Ele viveria com o único propósito de não sofrer. Percebeu que essa linha de raciocínio apenas aprofundaria o vazio que sentia, e que, por enquanto, ainda poderia ser suportado. Seria melhor investigar as outras possibilidades, do que apenas inventariar os prejuízos, se o que o preenchia escapou por um buraco deixando-o entregue às dores, o caminho lógico seria encher-se novamente e descobrir por qual orifício é que havia escapado seu recheio.

Olhou para as flores, que já estavam bem próximas, depois para o céu, essas eram as matérias-primas a que tinha acesso. Depois lembrou-se que talvez a primeira providência fosse achar o lugar por onde essas coisas escapam, para depois... mas mesmo que encontrasse, aquilo tudo lhe parecia tão provisório. Sentia-se pequeno e infantil, sabia que, no fundo, a única solução definitiva para as dores que sentia, seria construir-se de dentro para fora, empilhando matéria sólida, que teria origem em materiais externos, mas que seria transformada por ele. Dos gases e líquidos que tomasse da natureza, construiria pedras que nunca escorrem por buracos, por maiores que sejam.

Digam a um homem que grita de dores que ele deveria ter escovado melhor seus dentes, passando a escova tantas e tantas vezes em cada sentido para que as cáries não se formassem. Ele nada escutará. Qualquer ligeira brisa que movesse suavemente os arbustos, o aparecimento de uma joaninha ou mesmo a volta das águas em movimento do riacho, isso aliviaria suas dores fazendo-o esquecer do material sólido como sendo a solução definitiva para seu problema.

Como nada disso acontecia, ele continuava mentalmente buscando sua cura completa, para isso despediu-se do pouco que tinha, parou de caminhar e fechou os olhos. Não queria luzes, cores nem formas, encararia de frente aquilo que o atormentava, sem pequenos subterfúgios nem gases anestésiantes. As idéias atropelavam-se com rapidez, sempre estive e todos sempre estiveram, estão e estarão absolutamente sós. Essa constatação, por si só, não é alegre nem triste. É apenas como o mundo é. Aceitar isso é um grande primeiro passo, mas o ato de caminhar, por si só, não é necessariamente melhor nem pior do que o ato de ficar parado. Quanto mais necessidade temos de estarmos sempre acompanhados, mais tendência possuímos de termos vazamentos nos gases que nos anestésiam.

Abriu os olhos quando percebeu que estava sendo dogmático, não queria escrever os dez mandamentos contra a solidão. Também não tinha nenhuma certeza a respeito de suas próprias dores, do material gasoso e sólido, tudo isso poderia não passar de algum preconceito incrustado em seu subconsciente desde a infância. Alguma doença comportamental crônica que, sempre o fizera, nas mais diferentes épocas e situações, comportar-se

exatamente da mesma maneira. Como se existisse um esqueleto deformado que ele sempre enchia de carnes, e cujo resultado era alguém com a mesma deformação.

Deixou espaço para uma última idéia a respeito desse assunto: se existissem esses malditos gases da felicidade cotidiana, quando eles vazassem e a dor invadisse seu peito, essa dor também viria sob a forma gasosa e volátil, e da mesma forma disfarçada e sutil que chegou, iria embora. Abrindo espaço para que novamente os gases anestésicos voltassem.

Levantou-se. Atravessou os poucos metros que o separavam do bosque. Já dentro dele caminhou entre os arbustos floridos. Percebeu que havia um espaço razoável entre as plantas, mas quando olhava de longe esse espaço não existia. Lembrou-se do gigante que havia se tornado formiga. Mas não era somente o espaço entre os arbustos que tornava a imagem distante, diferente do se estar dentro do bosque. Lá dentro ele não conseguia ter a noção do conjunto das cores combinadas. Observava galhos com diversas cores diferentes, mas as informações numerosas e diversas disputavam sua atenção, e não o deixavam formar uma imagem, nem construir uma sensação. Começou a sentir-se como alguém que tem coceiras por todo corpo. Além disso, também as imperfeições das flores e do terreno ajudavam a conduzir sua atenção para outras bifurcações. Flores mortas fizeram-no lembrar-se da grande árvore de flores amarelas.

Conduzido de um lado para outro pelo pensamento, ele começou a questionar-se sobre o sentido de ter feito tanta força para chegar a um lugar, que no fundo era tão vulgar quanto

qualquer outro do caminho. Irritou-se por não obter respostas. Arrancou com força um maço de flores, e antes de despedaçá-las lembrou-se de cheirá-las, a falta de odor o irritou ainda mais. Colheu outras amostras e obteve os mesmos resultados, nada. Aquelas deveriam ser flores especiais, ou então ele deveria estar com algum problema de olfato.

O bosque parecia maior do que ele imaginava. Para acalmar-se caminhou pelo meio dele. Havia sim, beleza naquelas flores, e as imperfeições que percebeu não a diminuía. Mas mesmo havendo uma grande quantidade de cores, parecia haver um padrão repetitivo impresso naquelas tonalidades. Uma pré-determinação sutil que tornava surpreendente a beleza, retirando dela seu lado selvagem. As flores mortas caídas no chão, compensavam parcialmente essa perfeição matemática, pontuando de vida o que estava vivo, mas não parecia estar.

Nutrido uma profunda simpatia pelas flores caídas, apanhou algumas delas do chão e com todo seu desejo procurou encontrar nelas alguma espécie de odor. Sua imaginação tentou ajudá-lo, mas foi honesto, naquele bosque nem a morte tinha cheiros. Conformou-se com esse fato e continuou andando por entre os arbustos, até onde enxergava eles continuavam coloridos, sem cheiro, com espaços regulares entre si. Depois de muito andar as repetições não mais o chateavam, ele as havia aceito.

As luzes inclinadas do sol jogavam seus dourados sobre as plantas e sobre seus olhos. Para ele parecia que o mundo dissolvia-se numa grande explosão amarelada. Três quartos da grande bola já tinham sido engolidos pelo horizonte.

Mesmo atrapalhando sua visão, essa luz teve sobre ele um efeito calmante. Fechou os olhos por alguns instantes e continuou percebendo, por detrás das pálpebras, a força da luz amarela.

As flores mortas do chão já estavam mergulhadas numa escuridão crescente, entretanto, as flores dos galhos mais altos dos arbustos, recebiam raios diretos de luz, eram seus fugazes instantes de maior brilho antes que o escuro voltasse. Apanhou no chão uma pequena flor branca e levantou-a até onde pudesse ser iluminada por um raio de sol. A florzinha tingiu-se de amarelo e quem a visse do jeito que ela brilhou, nunca diria que ela não era branca e que não estava viva. Deixou-a cair no chão escuro.

Sua irritação havia terminado e ele agora sentia-se bem. Havia uma pequena clareira à sua frente, o único lugar que enxergava onde não nasciam arbustos. Ele foi até lá e sentou-se no chão. Nesse instante percebeu que sua caminhada havia terminado. Não sabia qual a origem e a razão dessa informação, mas não teve nenhuma dúvida a respeito dela. Ela também não atraiu perguntas ou inquietações, veio com a sutileza de um inseto que consegue pousar sobre a superfície da água sem submergir. Ele também se sentia com esse mesmo peso. Nada de perguntas ou pensamentos encadeados. Apenas os últimos raios de sol e o lençol da noite sendo estendido sobre ele.

Deitou-se para poder contemplar luzes e sombras ao mesmo tempo. O chão tinha imperfeições e não conseguia ficar deitado, algo parecia que o incomodava, mas quando apalpava o

solo nada encontrava. Conformou-se em permanecer sentado, a noite terminava de engolir a calda do dia, mas a digestão prometia ser longa. O sol havia sido completamente devorado pelo horizonte, mas tinha deixado grandes quantidades de luzes amarelas para trás, e elas ainda esperneavam, acreditando que ainda tinham chances de existir.

Ele mesmo sentia-se no meio de uma briga desigual. Mas sabia ser uma testemunha silenciosa, que mesmo que quisesse, não poderia interferir. Apesar de desigual, a disputa tinha algo de majestosa. E as luzes morriam de maneira heróica, uma grande batalha pintada de nobreza. Disputa completamente silenciosa, onde qualquer ruído apenas diminuiria a grandeza do que estava acontecendo.

As flores que estavam no alto dos arbustos tinham perdido suas fontes luminosas, e agora eram lambidas por uma palidez que diminuía a força de suas cores naturais, e que aos poucos, avançava do pálido para o escuro. Esse estado sombrio avançou das flores para o seu interior. Percebeu que da mesma forma que o chão não acolhia bem suas costas, o mundo inteiro era construído de imperfeições. Elas eram os tijolos da existência, e além de se manifestarem claramente através de tudo de imperfeito que existe, também formavam os esqueletos daquilo que aparentemente era perfeito.

Acreditava que a busca da perfeição era um mito mentiroso criado pelo homem, mas entristecia-se em não poder fazer distinções entre dois objetos diferentes, pois ambos seriam imperfeitos. Talvez a imperfeição de um fosse mais evidente

que a de outro, mas mesmo as maiores virtudes evidentes poderiam se revelar grandes defeitos. A questão passava a ser outra, devemos ou não nos aprofundar em nossas observações, mesmo correndo o risco de que esse aprofundamento nos faça descrever daquilo em que acreditamos?

Acreditar em um mundo com bons e maus era tão mais simples. Mas isso havia ficado definitivamente para trás. A noite havia engolido as luzes boas e más, e agora só o que existia era a grande camada azul escura que não fazia distinção de nada. A noite também havia engolido as últimas manchas amareladas do céu. Os ares tinham um azul irreal, nem claro e nem escuro. Olhou para o céu procurando as primeiras estrelas, mas elas ainda não tinham chegado.

Apoiou suas mãos no chão, mas parecia que sempre havia algo que incomodava, alguma raiz ou pedra. Apalpava novamente o local com os dedos e não conseguia localizar o que era. Talvez nunca conseguisse o conforto ideal, e tivesse de se conformar com isso. De qualquer forma não se sentia mal, seu corpo continuava completamente saciado de todos seus desejos.

As flores perdiam completamente suas cores, que deixavam de distinguir-se umas das outras. Qual era o significado de uma cor enquanto estivesse mergulhada no escuro? As cores existiriam somente para os olhos, ou seria o contrário? Essas perguntas atravessaram-lhe o pensamento rapidamente, sem pedir de verdade qualquer resposta. O azul sem definição, à medida que avançava rumo ao escuro, o acalmava, e ele já

aceitava sem debater-se, que as coisas todas poderiam ser mais parecidas do que aparentavam.

Sentado no chão, no meio de um bosque de flores que vai sendo encoberto pela noite, sua situação abria a possibilidade para que muitos questionamentos acontecessem. Entretanto, a maioria deles não teve forças para atacá-lo. A situação toda servia de filtro para pensamentos lógicos. Nem sobre seu próprio futuro, nem sobre a seqüência dos acontecimentos ele quis saber, a única pergunta que atravessou o bloqueio que sua condição impunha foi essa: as noites de ontem e as flores de hoje não seriam apenas duas maneiras diferentes de dizer a mesma... a pergunta murchou antes que terminasse de florescer, entretanto deixou odores no ar, e eles fizeram seu cérebro funcionar de maneira diferente do que até então...

Sentia-se enormemente distante da época em que precisava lutar para superar obstáculos e atingir objetivos. Os obstáculos em si, pareciam tão importantes quanto o objetivo. E as importâncias de tudo igualavam-se. Um sorriso plácido e efêmero apareceu em seu rosto, mas seus lábios logo escorregaram para baixo, dando-lhe uma aparência de neutralidade.

As flores sem cheiro, e que agora também não tinham cores, o envolviam, mas seus olhos estavam fixados no céu, que a essa altura já podia ser chamado de noturno. Não havia nuvens ou estrelas. Recordou-se de tudo o que vivera de estranho, das cores irreais, das sensações, da falta de cheiro das flores, suspeitou então que aquela poderia ser uma noite sem estrelas. Mas foi só terminar de pensar isso que conseguiu enxergar a primeira.

Logo em seguida outras começaram a aparecer. Elas estavam todas lá, as mesmas velhas estrelas da noite anterior. Sentiu algo como uma sensação de acolhimento, recordou-se do que havia sentido quando se enterrou num buraco para fugir do frio. Mas, no fundo, a sensação era diferente, daquela vez ele havia se entregado completamente ao prazer que sentia, dessa vez tudo parecia mais pálido, uma solidariedade da qual desconfiava e que sabia imperfeita.

Mas isso não o incomodava, conformava-se com aquilo que possuía e acreditava que tinha exatamente o máximo que poderia ter, qualquer coisa a mais seria um excesso mentiroso, mais peso para carregar inutilmente. De repente reparou na lua. Ela já deveria estar lá há um bom tempo, mas só agora ele percebera. A lua cheia iluminava a noite com suas luzes prateadas. Algumas flores do alto dos arbustos tiveram suas cores ressuscitadas pelo luar. Mas não eram exatamente as cores que existiam durante o dia, agora se apresentavam atenuadas de suas extremidades cromáticas. O prateado, por outro lado, adicionava um brilho particular, que parecia dar equilíbrio à cor, podendo tudo o que fosse excessivo aos olhos. Após admirar essa tonalidade, surgiu-lhe a idéia de que a cor mais bonita para os olhos de qualquer pessoa, é qualquer uma, desde que viesse acompanhada por esse brilho prateado.

Em seu canto, agora já completamente escuro, desejou que seus olhos tivessem esse brilho, mesmo que nem ele e nem ninguém conseguissem enxergá-lo. Talvez seu inconsciente tenha tentado ajudá-lo, criando um nó em seu peito, que se

transformou em lágrimas e que encheram seus olhos, sem no entanto escorrerem. A água sempre facilita os brilhos.

Nesses instantes, não apenas imaginou-se brilhante, mas tudo o que conseguia enxergar tinha ganho um brilho extra. Mas assim que as lágrimas sumiram o brilho desapareceu. Nunca tinha ouvido falar de lágrimas que inundam os olhos e depois voltam para dentro deles. Essa era mais uma curiosidade de seu mundo, que se mostrava cada vez mais estranho.

A noite agora estava completamente estrelada, nunca vira tantas estrelas juntas. E o céu estava vivo, conseguiu enxergar três delas que eram cadentes. Por três vezes lembrou-se de que era costume se fazer um pedido cada vez que se enxerga uma, mas nas três vezes não conseguiu encontrar algo que desejasse. Com mais calma vasculhou sua memória, tentando encontrar algo que quisesse, nada apareceu. Depois tentou descobrir se o fato de não desejar nada era algo bom ou mau. Conseguiu fortes e fracos argumentos que sustentavam igualmente os dois lados. Decidiu encerrar o raciocínio percebendo que logo seria conduzido a um jogo mental vicioso.

Depois de tanto tentar, quando já havia se esquecido que era um homem sem desejos, finalmente encontrou algo que desejava. Pediu que o eterno céu estrelado e o bosque florido, conseguissem inspirá-lo a ter idéias que fossem além daquelas que vinha tendo. Não ambicionava que suas idéias atingissem o lugar onde o espaço termina, mas que pelo menos fossem tão longe quanto vão as estrelas cadentes. A figura de uma idéia cadente encantou-o. Um pensamento que surgisse do nada,

sem participar de nenhuma seqüência de raciocínios, que brilhasse por alguns instantes e que em seguida desaparecesse na escuridão. Percebeu que um tipo de idéia dessas não poderia surgir a partir de um esforço seu, ela teria de simplesmente acontecer, da mesma forma que acontecem as flores maduras que deixam-se cair no chão.

Seu esforço então, não seria no sentido de construir um pensamento, mas sim no de não impedir que ele se construísse. O que poderia ser ainda mais difícil. Em seguida começou a raciocinar sobre como funcionaria essa nova maneira de pensar, e principalmente quais suas conseqüências. Logo desistiu porque percebeu que o momento que vivia não era o de construção de grandes frases, vivia instantes de reticências...

Nesse grande bosque das incertezas a vida acontecia ao seu redor. Sentia-se isolado por uma bolha plástica, enxergando tudo e até podendo tocar na vida, mas sem participar verdadeiramente dela. E mesmo ela, parecia ter perdido sua espontaneidade e ganho brilhos artificiais. Se conseguisse se libertar de sua prisão, talvez caísse dentro de outra.

Desconfiava de si mesmo e desse mundo que não formava frases e nem insetos. Enfiou com toda sua força seu dedo dentro da ferida de seu braço. Suas carnes não ofereceram muita resistência. Seu dedo penetrou fundo e saiu. A luz do luar não o deixou enxergar nenhuma mancha de sangue. Também não sentiu nenhuma dor. Num mundo tão abstrato como esse, teve medo de ser contaminado pela eternidade.

O medo moveu-se dentro dele, pedindo alguma manifestação, primeiro pensou em recomeçar a caminhar, depois em exprimir seus pensamentos em voz alta. No escuro, permaneceu calado e imóvel, engolindo a seco sua vontade de verbalizar. Poderia também, se quisesse, começar a escutar os sons que vinham de dentro de sua imaginação, entregando-se às fantasias e criando para si uma outra bolha que lhe fosse mais confortável. Desperdiçaria então a ácida possibilidade de encontrar a vida seca, sem temperos ou dissimulações.

As reticências do mundo o incomodavam... elas eram o caminho para a neutralidade, para que ele conseguisse ficar mais parecido com a vida. Era sua grande chance, mas seu corpo reagia, não queria perder o conforto da bolha em que vivia, estava protegido contra contaminações, e a parte lógica de seu cérebro argumentava que não se troca o certo...

O conflito se acirrava e seus dedos nervosos arranhavam o chão, as estrelas brilhavam mas o céu inteiro lhe parecia um imenso tesouro perdido no fundo do mar. Logo seu fôlego terminaria e ele nunca conseguiria transportar para a superfície as riquezas que enxergava. Procurava olhar para baixo e encontrar na terra escura pequenas riquezas que pudesse usufruir com segurança.

Escutou um forte zumbido. Pela primeira vez em muito tempo seus ouvidos pareciam funcionar. Era o som de um grande enxame de insetos. Talvez fossem abelhas ou vespas, mas o ruído aproximava-se dele. Não sentiu medo. Desconfiou. Talvez fosse uma bolha plástica que estava querendo materializar-se para

protegê-lo da vida crua. Ele mesmo poderia estar inventando a ameaça que na verdade evitava...

O zumbido continuava forte mas ainda não havia visto nenhum inseto. Olhou para o alto aceitando o peso do céu e enxergando-o barulhento. As flores sem cheiro não pareciam ter forças para atrair o furor de um enxame tão ruidoso. O som não parava de aumentar e já o incomodava, seus dedos apanharam um torrão de terra no chão e o esfarelaram como forma de alívio. Lá em cima continuava a impassividade, o eterno jamais se preocupa com os destinos finitos, ao contrário do que os mortais...

Seus ouvidos pesavam como a lua, mas o céu estava leve como uma flor que cai de um galho. Nunca sentiu de maneira tão forte o que era a verdadeira neutralidade. Gritou. Queria que o som de sua voz abafasse o zumbido que o enlouquecia. Aparentemente a coisa funcionou, então continuou gritando até perder o fôlego. Percebeu que até sua falta de ar acontecia de maneira diferenciada. Parecia-lhe que tinha sido seu inconsciente e não seus pulmões, que tinha pedido que parasse de gritar e respirasse fundo.

Recobrando o fôlego quis saber se alguém que sofre pode se tornar uma pessoa neutra, ou então se a razão do sofrimento é justamente o fato da pessoa não enxergar a vida de maneira neutra. Se a segunda parte de sua pergunta fosse verdadeira, então só ele mesmo poderia acabar com o zumbido ensurdecedor que o atormentava. Gritou novamente até que decidisse que seus pulmões estavam esgotados, durante o grito novamente o zumbido desapareceu.

Se não gritasse o som não parava de aumentar, sabia que não poderia viver gritando, que essa era uma solução paliativa, olhou para todos os lados em busca de algum inseto desgarrado que confirmasse a existência do enxame. Nada viu além dos contornos dos arbustos e do céu estrelado. Muitas formigas, de todos os tipos, lhe apareceram, todas elas amarradas a imagens de trechos do seu percurso, inclusive aqueles que não aconteceram. Essas imagens uniram-se e quiseram também transformá-lo em uma grande...

Grandes eram as estrelas no céu, nada parecia abalá-las, absolutamente neutras, não se preocupavam nem quando uma delas caía em tentação, escorregando e riscando de prateado o azul escuro. Essas idéias ajudaram a distraí-lo, mas sua cabeça estava estourando, onde estavam as malditas abelhas? Aquilo era insuportável. Gritou quatro, cinco vezes, cinco vezes os zumbidos voltaram.

Apanhou bocados de terra no chão e atirou-os longe, talvez conseguisse espantar os insetos, não pôde escutar a terra caindo no chão. Os zumbidos agora tinham se tornado menos homogêneos, parecia que duas espécies diferentes de insetos se enfrentavam. Ou então seria apenas uma espécie que conversava em voz alta. Mas a opinião daquelas vozes já não era unânime. Isso não o aliviou, pelo contrário, adicionou mais um peso ao fardo que já carregava. Levou as mãos ao rosto e desejou que lágrimas escorressem por ele, mas elas não vieram. Lembrou-se das estranhas manchas roxas que tinham surgido em sua pele. Tentou enxergá-las à luz do luar. Não conseguiu.

As vozes individuais dos insetos pareciam ter ganho independência e agora o que ele escutava não era mais um enxame organizado, e sim milhões de opiniões diferentes, cada qual gritando por suas verdades. Desistiu de gritar porque achou que havia chegado ao fundo do poço, as coisas não poderiam piorar. Se havia suportado o pior, não teria por quê fugir do que não fosse tão...

Enquanto esperava que sua dor diminuísse, percebeu que cada uma das milhões de individualidades, agora se manifestavam não apenas através de suas vozes, mas seus ouvidos também escutavam os milhões de pensamentos dos insetos. O fardo multiplicara-se por mil e seu peso era insuportável. Gritou um longo grito. Enquanto gritava procurou com as mãos cavar um buraco no chão onde pudesse enfiar a cabeça. A terra era fácil de ser cavada e conseguiu fazer um buraco do exato tamanho de sua cabeça. Deitou-se no chão deixando apenas o nariz para fora. Quando parou de gritar não tinha a menor idéia de quanto tempo havia durado seu grito, poderia ser um minuto ou um ano, percebeu que o buraco não adiantava, seus ouvidos continuavam desprotegidos...

A dor o fez mergulhar imediatamente em outro grito. Voltou a sentar-se, e olhando para a lua que continuava absoluta, iluminando de prateado o bosque florido, perguntou-se se o mundo e a vida seriam mesmo neutros, ou se então, as coisas se dividiriam em boas e más, e ele estando mergulhado no inferno, teria de buscar seu salvador? Estendeu os braços desesperados para a lua, mas ela...

Enquanto gritava conseguia raciocinar sem a influência da dor, não queria acreditar em heróis ou vilões, mas as memórias do sofrimento também não o faziam aceitar que, nem a vida nem o mundo possuíssem opiniões. Estava rasgado, e cada um de seus poros sofria de uma enorme sensação de falta de confiança em si mesmo.

Olhando ao redor, os arbustos pareciam armadilhas espinhosas prontas para feri-lo. Não adiantava mais sua memória lembrar-lhe de flores e cores, a luz prateada estava pronta para derreter sua pele e as estrelas caíam como tijolos mal posicionados em cima de um andaime. O bem parecia que havia se ausentado e seus pulmões eram seus únicos protetores. Mas o mal que o cercava estava preparado para devorá-lo. Deixando-o sem ninguém, completamente entregue aos milhões de vozes e pensamentos confusos dos pequenos insetos que queriam...

Antes de terminar seu grito decidiu que algo precisava ser feito. A vida da planta precisava manifestar-se, furando a casca da semente e botando para fora as riquezas que a terra lhe havia transmitido. Calou-se. Parou de gritar. O zumbido recomeçou mais forte do que nunca, mas logo foi interrompido. Ele havia descoberto uma nova maneira de detê-lo, ao invés de gritar, agora ele falava:

“Eu falo para afastar minhas dores. Meu caminho que agora está escuro, teve luzes de todos os tipos, cores, brilhos, teve-me brilhando e colorido. Girando sem perceber, iludido pelas distrações ao meu redor. Enquanto girava, dentro de mim

outros mundos acompanhavam meus movimentos. Memórias, todos os tipos de vilarejo que trago dentro, tanta coisa... falo e falo, mas por mais que verbalize nada de importante direi, nem de perto arranharei os pés do absoluto... sou um pequeno passarinho que acordou cedo e avisa os outros que o novo dia está chegando.

Tudo é tão misturado e tão pouco absoluto que nada nem ninguém deveria ter direito a um nome. Mas como tudo é nominado, nasce então a primeira e grande contradição, somos ensinados desde pequenos que o gasoso é completamente sólido. Acreditamos nessa ficção mesmo que a evaporação aconteça diante de nossos olhos, caso haja dúvidas, somos considerados míopes e conduzidos a um tratamento de vistas que nos fará enxergar direito. Mas mesmo essa conspiração malvada, que é mãe de todas as outras, mesmo ela é também uma mentira, porque não existe bem ou mal. O mal será compensado por algum bem, que de maneira secreta acontece em algum lugar, e a coisa toda acaba equivalendo-se. No balanço final a vida é neutra.

E essa bolha mental do tempo molha a todos, mas existem toalhas e podemos enxugar-nos dessa substância viscosa que tudo enruga. Mesmo que a máquina da vida volte a molhar-nos com o óleo fundamental que lubrifica o universo, é importante sabermos que a substância grudenta do tempo não faz parte de nossa pele. E se quisermos poderemos secá-la.

Não teria mais nada a dizer, mas como preciso continuar falando para que não sinta dores, agora falarei do imenso

oceano que desconheço. Escuro mundo submarino, cheio de seres de olhos brilhantes. Pergunto, por quê? Tudo... como está... por que simplesmente, não, nada, grande vazio? Talvez o nada também exista em algum lugar e tudo o que exista seja uma compensação pela existência (ou não existência) do nada. Cada coisa para existir, precisaria ter uma compensação, com seu exato oposto também existindo de alguma maneira.

O sabichão aqui, está nesse meio do nada, sentado sabendo que não mais se levantará e respondendo às grandes dúvidas humanas. Nem às minhas consegui responder, nenhuma escolha nunca me pareceu fácil e agora eu... o vilarejo, uma vez escrevi uma carta para um cego que tocava sanfona na praça, coloquei na caixinha de moedas e fiquei de longe observando a hora em que seu filho vinha buscá-lo. O rapaz leu para ele que eu o amava porque ele embelezava a vida. Não assinei. O cego sorriu. A chuva caiu e eu não me importei em me molhar.

Depois vivi muitas coisas que não entendi: a vida parecia ser escrita numa língua que eu não dominava... talvez existissem dicionários, compensações, ou então não entender talvez fosse bom porque mantinha o mistério. Dias nublados de chuvisco, meios-tons, luzes banais, enjôo no estômago, espera sem sentido... as compensações e eu no meio delas. Sou um sanduíche feito de tédio e mistério, sou o recheio desse sanduíche, mas quem é que deve me devorar?

Os aprendizados do caminho serviriam para que? Será mesmo que existiriam? A gente vai se esfarelado, mas e daí? Não seria melhor apenas tentar se manter inteiro? Grande

mundo vago de idéias incompletas, me abane com suas reticências! Aceito-te. Teu canto morto do porão. Teu sono sem sonhos. Tua camisa sem uso guardada no fundo do armário. Esqueço que existem compensações secretas guardadas em gavetas perdidas. Aceito teu chuvisco e teu suspiro esvaziado e não peço nada em troca, nenhum herói carregado de grandes feitos. Sou mesmo essa porcaria grandiosa que mora depois do ponto final e vive antes da próxima frase.

Não preciso de imagem nem de rotina, escorro entre os instantes prosaicos iluminados por luz nublada. Aceito as prisões que me são impostas, mesmo sabendo que possuo as chaves para delas me libertar.

Grande bosque floral, o que me dizes do meu poço sem fundo que sou eu? Estrelas brancas e vaidosas, sempre intocadas por qualquer sujeira, limpinhas, o que me dizem de um homem cujo destino é derreter? Não reclamo. Derreter ou não derreter, não devem ser coisas assim tão diferentes... ninguém me diz nada, grande silêncio e minha voz que não pode parar porque...

...eu aquele que é sombra, profissão tranqüila, sombra e água fresca, mistério respondido para os outros, que sabem teu segredo. Mas como você vive projetando-se pelas paredes e isso te é suficiente, nem deseja saber o próprio segredo... eu os outros, olhos mil, sonhos um, chateando-me, chateando-nos, voltando atrás, querendo juntar toda a farinha que o vento espalhou... que voe longe e encontre frestas escuras onde ninguém vê, embaixo de camas, tapetes felpudos, grãos por todos os lados e sem nenhuma resposta.

Meus machucados me chamam mas eu finjo que não escuto a campainha, talvez eles acabem achando que não tem ninguém em casa. Um dia eu me chamei e me escondi, conseguia me observar impaciente esperando-me. Aquilo não era hora de eu estar fora de casa. Escondido, espiei-me até que eu perdesse a paciência e fosse embora. Quando fui embora, pude sair de meu esconderijo e passei a tarde inteira olhando para uma sombra que se formava na varanda da minha casa. Ela invadia a solidão do sol, e eu não pude formar qualquer idéia a respeito daquilo que assistia.

Ventei. Uma vez na escola escrevi essa palavra em uma redação. A professora me disse que ela não existia, insisti com ela que existia sim e que eu poderia provar. As estrelas lá em cima parecem que estão pedindo sapos que possam coaxar para elas. Mas os sapos devem ter ventado e não querem cantarolar. Os verbos são seres livres, homens de carne e osso que tem o sagrado direito de ir e vir. Ou melhor, o salgado direito de vir e ir... comigo recheio de sanduíche cheio de perguntas que aos poucos vão escorrendo do meu centro para penetrar nos pães que me envolvem.

Jogo num grande moedor de carne todas minhas certezas e teorias, com a pasta gosmenta que sobra faço surpresas para os outros, colocando pequenos montinhos grudentos dessa porcaria em lugares estratégicos. Bancos de igreja, cantos de pratos, no interior de chapéus, no sutiã das moças, dentro do livro de chamada das escolas, no sapato de quem caminha. Todos sentirão o gosto enjoativo e a temperatura gelada do que já foi minha verdade e agora é meu divertimento. Como

um Saci traquinas espalharei essa substância por toda parte, causando primeiro surpresa e depois nojo. O sentido desse meu ato será nenhum. Minhas risadas tudo justificarão.

Aliás, se agora pudesse parar de falar começaria a rir. Infelizmente o zumbido me obriga a continuar falando. Falo então de compotas, um grande vidro verde que ficava em cima de um móvel da casa de um tio-avô meu. Inacessível às minhas mãos, guardei aquela imagem por toda minha vida. Nunca consegui identificar o que existia dentro daquele vidro. Mas meu cérebro de criança usou o conteúdo misterioso para construir mundos de todas as consistências. Sabores, texturas, surpresas, cheiros, tudo se misturava nesse mundo que tinha começado naquele vidro verde.

Esse mesmo tio tinha uma criação de faisões e pavões, as cores daqueles bichos fascinavam meus olhos infantis, e me lembro de uma vez que vi um pavão abrindo suas asas e mostrando toda sua beleza. Nunca tinha visto nada como aquilo, a combinação irreal de cores, aquela pequena cabeça de olhos amarelos comandando todo aquele festival de harmonia. Reparei que no meio da cauda havia desenhos, inclusive um que se parecia muito com um olho humano, e que aparentemente me olhava. Ali se abriu outra porta que sabia que não teria fim, um outro mundo estava à minha disposição. No olho, a fantasia ajudou-me a alcançar um mundo sem gravidade, em todos os possíveis sentidos que essa palavra possa inspirar, nada era impossível e tudo aceitável. Não existia qualquer noção de tempo, as coisas flutuavam num grande mar vital. Esse oceano era feito de uma grande espuma mental que tinha o gosto dos

meus sabores prediletos. Em minha contemplação de menino eu vivia o prazer, e a espera pelo prazer ao mesmo tempo. E tudo era costurado por um fio misterioso que dava um sentido único àquilo.

Onde andarão aqueles olhos desenhados nas caudas dos pavões, e aqueles vidros verdes que ficavam em cima do armário? E todo aquele mar mental que enchia meu estômago de arrepios e me mostrava um mundo que nunca mais enxerguei? Terá secado para sempre, ou foi a ponte que me levava até lá que se quebrou? Mas mesmo que eu conseguisse mergulhar novamente nas espumas, sei que não sentiria mais os mesmos gostos. Aquilo desapareceu como uma sombra que se derrete com a chegada da noite.

Tenho de aprender a aceitar as sombras e a noite. Quero voltar a sentir aqueles prazeres misteriosos utilizando-me do que está ao meu alcance. Fui eu mesmo que deixei de achar graça no que talvez nunca tenha se modificado. Na verdade eu é que fui perdendo minhas flexibilidades e exigindo caminhos cimentados com esquinas perpendiculares. O sol quando se põe deixa suas luzes espalhadas por toda parte, de onde foi que tirei essa necessidade de organização?

Se em minha aurora enxerguei outras realidades, por que não poderia fazer o mesmo ao meu meio-dia ou em meu pôr-do-sol, quando já sei melhor como as coisas funcionam? Entulhos. Fui juntando tanta coisa dentro do meu apartamento que agora essa lixarada bloqueia o sol, que na infância entrava com facilidade pela mesma janela de sempre.

Aceito... a sombra pode ser tão bela quanto o sol... aceito... as flores no escuro são tão ricas quanto quando mostram a exuberância de suas cores... aceito que não preciso descobrir tudo... porque as coisas são... aceito que não preciso completar as frases... aceito meu oposto cheio de espinhos, permito até que ele me abrace...

As flores sem cheiro e encobertas pela escuridão me parecem um grande símbolo do que acho que seja meu oposto. Mas não vou achar mais nada, porque tenho menos importância do que penso ter. Se deixar de achar, talvez os entulhos desloquem-se do caminho e deixem o sol iluminar meu apartamento.

Nada me dói e nada desejo. As flores escuras estão ao meu redor mas elas não me incomodam, minhas pernas funcionam, mas não quero fazer uso delas. Estou sereno. Cada homem tem o paraíso que consegue alcançar.”

Se as pessoas levantassem de onde estão e decidissem apenas subir numa árvore de seus próprios jardins, poderiam ver seus vizinhos de cima, e reparar que tanto eles quanto qualquer outro, são muito pequenos diante do que os circunda, e que as certezas que têm, são ainda menores do que eles. Então por quê todos deveriam seguir por uma única trilha, obedecendo a um único padrão, se os guias a quem seguem sabem tanto quanto eles. Subam nas árvores de vossos jardins, descubram trilhas alternativas que passam pelo meio de pântanos com barulhos de animais que nem sabem quais são. Descubram flores que nascem escondidas nos altos das árvores, nos cantos escuros dos bosques, nos buracos apodrecidos de velhas árvores mortas.